



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

HELOIZA MARIA FIGUEIREDO

**“É O BICHO”: a percepção de psicólogos acerca do uso de animais como recurso de
trabalho em psicologia**

Palhoça

2012

HELOIZA MARIA FIGUEIREDO

“É O BICHO”: a percepção de psicólogos acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo.

Orientadora TCC I: Juliane Viecili, Dr^a.

Orientadora TCC II: Carolina Bunn Bartilotti, Dr^a

Palhoça

2012

HELOIZA MARIA FIGUEIREDO

“É O BICHO : a percepção de psicólogos acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo.

Palhoça, 28 de Novembro de 2012

Prof. e Orientadora Carolina Bunn Bartilotti, Dra
Universidade do Sul de Santa Catarina

Ângelo Scarlassari Neto

Murilo Pereira Garcia, Msc.

Dedico este trabalho a três pessoas fundamentais em minha vida: a minha mãe Zilda M. Figueiredo, meu pai Wilson Figueiredo e ao meu esposo Valério da Silva.

Agradecimentos

A melhor parte do trabalho é também a mais difícil, agradecer! Pois ele não representa apenas uma pesquisa de conclusão de curso, mas sim, o resultado de cinco anos de preparação profissional. Portanto, uma construção coletiva, com colaboração de diversas pessoas que ao longo desse processo contribuíram para minha formação, entre elas professores, companheiros de estudo, amigos e familiares. Tentarei nas próximas linhas expressar minha gratidão a cada um de vocês.

Gostaria de agradecer a todos os professores que durante a graduação compartilharam de seus conhecimentos fornecendo a base para minha formação profissional. Em especial as minhas orientadoras Professoras Juliane e Carol, vocês foram fundamentais na constituição dessa pesquisa, não tenho palavras para agradecer as orientações, os incentivos e os ensinamentos. **MUITO OBRIGADA!** Vocês, juntamente com o Professor Vanderlei, a quem também deixo meus agradecimentos, são meus modelos de pesquisadores, mestres e principalmente profissionais.

Não poderia deixar de agradecer aos meus companheiros de estudo que ao longo dessa trajetória acadêmica dividiram suas angústias, expectativas e desejos comigo, uns desde o início, outros no meio do percurso, mas que de alguma forma colaboraram também com minha formação: Bruna, Camila, Janaina, Mariana, Marian, Rafaela e Welton. Muito obrigada e muito sucesso em suas vidas profissionais.

Aos meus familiares, agradeço principalmente a meus pais pelos ensinamentos de vida, e por sempre me mostrarem a importância dos estudos. Ao meu esposo pela paciência e pelo companheirismo. Sempre com uma palavra de incentivo e com um sorriso no rosto mesmo nas minhas ausências você me compreendia. Muito obrigada amores da minha vida.

E por fim e não menos importante, gostaria de agradecer a Deus, por oportunizar a concretização de mais uma etapa de minha vida, por me dar forças e motivação para vencer as dificuldades. Tu és maravilhoso! Obrigada também por ter colocado “criaturinhas” tão fantásticas em minha vida, meus animais. Eles me apresentaram um sentimento único, o amor verdadeiro. E me motivaram a realização dessa pesquisa. Por diversas madrugadas quando eu já não tinha mais força para escrever o próximo parágrafo, eu recebia lambidas e abanos de rabos incentivadores para escrever mais algumas páginas.



Fonte: Jornal você e seu pet (FETTER, 2012).

“Os animais: ainda que não falem...ainda que não possuam racionalidade...mesmo assim, diante de sua animalidade são capazes de nos tornarem mais humanos.” (Heloiza Figueiredo, 2012)

RESUMO

O processo de domesticação de algumas espécies de animais favoreceu a aproximação destes com seres humanos, fenômeno que nos últimos anos se intensificou de tal modo que as pessoas passaram a perceber alguns efeitos produzidos a partir dessa interação homem/animal. Esses efeitos passaram a ser identificados como possíveis recursos terapêuticos, inclusive por profissionais da Psicologia. Diante desses fatos, torna-se relevante identificar de que forma o animal pode ser utilizado como recurso de trabalho do psicólogo e quais as decorrências de sua utilização. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo caracterizar a relação entre a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em Psicologia. Este estudo possui um caráter comparativo sendo classificado como pesquisa exploratória e qualitativa, cujo delineamento é o de estudo de campo. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada, a qual foi realizada com oito participantes, sendo quatro psicólogos que utilizam animais como recurso de trabalho, denominados de Grupo “A” e quatro psicólogos que não utilizam animais como recurso de trabalho, denominados Grupo “B”. Os dados coletados foram analisados a partir de categorias e subcategorias e interpretados com base no referencial teórico já existente. Ao fim deste processo constatou-se que tanto os psicólogos do Grupo “A”, quanto do Grupo “B”, identificam que animais podem ser um recurso útil para o trabalho do psicólogo, atendendo a objetivos interventivos que vão além da questão psicológica, atendendo o sujeito em sua integralidade. Podendo ser utilizado em diferentes locais, tais como instituições que atendem pessoas com deficiência, hospitais, escolas entre outros; com diferentes públicos: crianças, adolescentes, adultos e idosos e atendendo a uma série de demandas que vão desde transtornos psicológicos, deficiências e transtorno de desenvolvimento até dependência química. Com relação aos benefícios percebidos, os participantes identificam benefícios psicológicos, sociais, cognitivos, físicos e fisiológicos. Assim como qualquer recurso de trabalho, a utilização de animais também possui suas facilidades e dificuldades. Sendo que a principal facilidade identificada pelos participantes é a função facilitadora do animal, que promove a implicação do sujeito atendido no processo interventivo. A principal dificuldade percebida pelos participantes da pesquisa é a falta de conhecimento produzido com relação a utilização de animais como recurso de trabalho, o que limita a percepção dos psicólogos, bem

como a atuação do profissional, refletindo no processo de planejamento e avaliação de resultados das intervenções assistidas por animais. Pode-se afirmar que não houve divergência nas percepções de ambos os grupos, porém o grupo “B” em alguns aspectos investigados demonstrou pouca clareza ou falta de conhecimento mais ampliado com relação as intervenções assistidas por animais. O que reforça ainda mais a necessidade de produção e disseminação do conhecimento nesta área.

Palavras- chave: Intervenções Assistidas por Animais. Recurso de trabalho. Utilização de animais em Psicologia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Representação das modalidades de Intervenções Assistidas por Animais	27
Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos de Pesquisa - Grupo A (psicólogos que utilizam ou já utilizaram animais como recurso de trabalho)	37
Quadro 2 – Caracterização dos sujeitos de Pesquisa - Grupo B (psicólogos que não utilizam animais como recurso de trabalho)	38
Quadro 3 – Características da atividade profissional desenvolvida pelos participantes do Grupo A e B, em Psicologia	49
Quadro 4 – Recursos e/ou instrumentos utilizados pelos participantes do Grupo A e B na intervenção profissional em Psicologia	54
Quadro 5- Conhecimento acerca das Intervenções Assistidas por Animais apresentada pelos sujeitos de pesquisa, Grupo A e B	58
Quadro 6 – Motivos para utilização ou não utilização do animal como recurso de trabalho atribuídos pelos participantes do Grupo A e B	60
Quadro 7– Comparativo entre os tipos de animais utilizados pelos participantes do Grupo A em suas intervenções profissionais e os tipos de animais que os participantes do Grupo B consideram que poderia ser utilizado na intervenção profissional do psicólogo	68
Quadro 8– Características da função do animal como recurso de trabalho de profissionais da psicologia segundo os participantes do Grupo A e Grupo B	74
Quadro 9– Tipos de locais utilizados em intervenções assistidas por animais em Psicologia de acordo com os profissionais do Grupo A e do Grupo B	78
Quadro 10– Tipo de público atendido pelos participantes do Grupo A e tipo de público indicado pelos participantes do Grupo B como possibilidade de intervenções assistidas por animais em Psicologia	83
Quadro 11– Tipos de objetivos da utilização do animal como recurso de trabalho relatadas pelos psicólogos do Grupo A e tipos de objetivos da utilização do animal estimadas pelos participantes do Grupo B	90
Quadro 12– Tipos de benefícios advindos da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia descritos pelos participantes do Grupo A e Grupo B.....	95
Quadro 13– Tipos de planejamentos realizados por psicólogos em IAA percebidos pelos participantes do Grupo A e Do Grupo B.....	100
Quadro 14– Aspectos envolvidos na avaliação de resultados realizada por psicólogos em IAA de acordo com a percepção dos psicólogos do Grupo A e B	109

Quadro 15– Tipos de facilidade identificadas pelos participantes do Grupo A e do Grupo B, advindos da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia	116
Quadro 16– Tipos de dificuldade identificadas pelos participantes do Grupo A e do Grupo B advindos da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia	121

LISTA DE ABREVIATURAS

AAA- atividade assistida por animais

CAPS- centro de atenção psicossocial

EAA- educação assistida por animais

IAA- intervenções assistida por animais

SINTAA- I Simpósio Internacional de Atividades/Terapia e Educação Assistida por Animais

TAA- terapia assistida por animais

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	13
2 CARACTERIZAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE PSICÓLOGOS QUE UTILIZAM E PSICÓLOGOS QUE NÃO UTILIZAM ANIMAIS NA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL ACERCA DO USO DE ANIMAIS COMO RECURSO DE TRABALHO EM PSICOLOGIA	15
2.1 O CONVÍVIO COM OS ANIMAIS: CONSEQÜÊNCIAS E POSSIBILIDADES PARA A SAÚDE E BEM-ESTAR DOS HUMANOS.....	15
2.1.1 Definição e caracterização das Intervenções Assistidas por Animais	17
2.1.2 Surgimento e utilização das Intervenções Assistidas por Animais	22
2.2 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO E A UTILIZAÇÃO DO ANIMAL COMO RECURSO DE TRABALHO.....	25
2.3 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA ACERCA DAS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS	31
3 OBJETIVOS	35
3.1 OBJETIVO GERAL.....	35
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	35
4 MÉTODO	36
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	36
4.2 PARTICIPANTES	37
4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	39
4.3.1 Teste Piloto	40
4.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE.....	41
4.5 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS	42
4.6 PROCEDIMENTOS	42
4.6.1 Seleção dos participantes	42
4.6.2 Contato com participantes	44
4.6.3 Coleta e registro de dados	46
4.6.4 Organização e análise de dados	47

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	48
5.1 PRÁTICAS PROFISSIONAIS EM PSICOLOGIA: COMPARAÇÃO ENTRE A ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS QUE UTILIZAM E PSICÓLOGOS QUE NÃO UTILIZAM ANIMAIS EM INTERVENÇÕES PROFISSIONAIS.....	48
5.1.1 Atuação profissional dos participantes em Psicologia	49
5.1.2 Motivação para escolha ou não escolha do Animal como recurso de trabalho	58
5.2 INTERVINDO A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS	66
5.2.1 Tipos de Animais possíveis de serem utilizados nas Intervenções Assistidas por Animais	67
5.2.2 Função do animal nas Intervenções Assistidas por Animais	74
5.2.3 Locais onde Intervenções Assistidas por Animais podem ser realizadas	77
5.2.4 Público atendido pelas Intervenções Assistidas por Animais	82
5.2.5 Objetivos das Intervenções Assistidas por Animais	89
5.2.6 Benefícios das Intervenções Assistidas por Animais	94
5.2.7 Planejamento das Intervenções Assistidas por Animais	99
5.2.8 Avaliação das Intervenções Assistidas por Animais	108
5.3 POSSIBILIDADES E LIMITES DAS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS	115
5.3.1 Facilidades advindas das Intervenções Assistidas por Animais	115
5.3.2 Dificuldades advindas das Intervenções Assistidas por Animais	120
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista - Grupo A	139
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista- Grupo B	140
APÊNDICE C – Termo de Consentimento livre e esclarecido	142
APÊNDICE D – Termo de Consentimento para fotografias, vídeos e gravações	144

1 APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa é referente ao trabalho de conclusão do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). O mesmo é condição para obtenção do título de Psicólogo e está vinculado ao Núcleo Orientado Psicologia e Trabalho Humano. O acadêmico, ao ingressar na oitava fase do curso deve optar por um núcleo específico para dar ênfase em sua formação. Sendo assim, existem dois núcleos, o Núcleo Orientado Psicologia e Saúde e o Núcleo Orientado Psicologia e Trabalho Humano, os quais possuem orientadores e estágios distintos.

O Núcleo Orientado Psicologia e Trabalho Humano encontra-se subdividido em dois projetos: Desenvolvimento Humano nas Organizações (DHO) e Desenvolvimento Humano no Trabalho (DHT). Neste último, as atividades realizadas estão relacionadas ao homem e a sua relação com o trabalho. São realizadas atividades de orientação profissional, planejamento de carreira, treinamento e desenvolvimento de grupos. Sendo assim, a presente pesquisa está vinculada ao projeto DHT e busca investigar a utilização de animais como recurso de trabalho dos psicólogos.

O interesse pelos animais sempre fez parte da vida da pesquisadora. O contato com seus animais de estimação despertou interesse da mesma em conhecer como esta relação poderia contribuir para a Psicologia como ciência e profissão. Durante a graduação a pesquisadora tomou do conhecimento da Terapia Assistida por Animais. Desenvolveu trabalhos acadêmicos relacionados à temática e a partir destes trabalhos passou a identificar a possibilidade da utilização do animal como recurso de trabalho para o psicólogo, surgindo assim, o tema do presente projeto: “Caracterização da relação entre a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia”.

Para investigar estes aspectos, o trabalho apresentará uma introdução, que contempla problemática, justificativa e referencial teórico integrados em três capítulos: O Convívio com os Animais: conseqüências e possibilidades para a saúde e bem-estar dos humanos, este se subdivide em dois sub-capítulos: Definição e caracterização das Intervenções Assistida por Animais; Surgimento e utilização das Intervenções Assistidas por

Animais; A atuação do psicólogo e a utilização do animal como recurso de trabalho e; Produção de conhecimento em psicologia acerca das Intervenções Assistidas por Animais. O trabalho também apresenta objetivos gerais e específicos; método que explica de que forma os dados foram produzidos para o atendimento destes objetivos e os capítulos de análise e discussão dos dados que está dividido em três capítulos.

Primeiro capítulo: intitulado Práticas Profissionais em Psicologia: comparação entre a atuação de Psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais em intervenções profissionais, versa sobre as atividades desenvolvidas pelos participantes de pesquisa. Ele está subdividido em dois sub-capítulos: Atuação profissional dos participantes em Psicologia e Motivação para escolha ou não escolha do Animal como recurso de trabalho;

Segundo capítulo: Intervindo a partir da utilização de animais, discute os diversos aspectos envolvidos nas IAA. Ele se subdivide em oito sub-capítulos: Tipos de Animais possíveis de serem utilizados nas Intervenções Assistidas por Animais, Função do animal nas Intervenções Assistidas por Animais, Locais onde Intervenções Assistidas por Animais podem ser realizadas, Público atendido pelas Intervenções Assistidas por Animais, Objetivos das Intervenções Assistidas por Animais, Benefícios das Intervenções Assistidas por Animais, Planejamento das Intervenções Assistidas por Animais e Avaliação das Intervenções Assistidas por Animais.

Terceiro capítulo: versa sobre as Possibilidades e Limites das Intervenções Assistidas por Animais e está subdividido em dois sub-capítulos: Facilidades advindas das Intervenções Assistidas por Animais e Dificuldades advindas das Intervenções Assistidas por Animais.

2 CARACTERIZAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE PSICÓLOGOS QUE UTILIZAM E PSICÓLOGOS QUE NÃO UTILIZAM ANIMAIS NA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL ACERCA DO USO DE ANIMAIS COMO RECURSO DE TRABALHO EM PSICOLOGIA

A Psicologia enquanto ciência e profissão, busca a compreensão dos fenômenos humanos para poder intervir sobre eles, para isso o psicólogo faz uso de alguns instrumentos que o auxiliam no desenvolvimento de sua atividade profissional. Sendo assim o profissional da Psicologia intervém no comportamento das pessoas, utilizando diferentes recursos para atingir seus objetivos e dentre estes recursos¹ encontra-se o animal

Segundo Garcia (2009) as pessoas passaram a perceber efeitos, advindos desta relação estabelecida entre homem e animal, passando a utilizá-la como recurso terapêutico. Mas como ocorreu este processo? Que tipo de contribuição o recurso animal pode trazer para a Psicologia? Como os psicólogos percebem a utilização de animais em intervenções psicológicas? Neste contexto é possível questionar: “Qual a relação entre a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia?”.

2.1 O CONVÍVIO COM OS ANIMAIS: CONSEQÜÊNCIAS E POSSIBILIDADES PARA A SAÚDE E BEM-ESTAR DOS HUMANOS

A partir da domesticação de algumas espécies, como o cão, fato que ocorreu segundo Dotti (2005) entre 10 mil e 20 mil anos atrás, os seres humanos passaram a

¹ O termo recurso será utilizado nessa pesquisa para representar a função do animal no processo interventivo, pois entende-se que o animal é um facilitador, ou seja, um meio para que o psicólogo alcance determinados objetivos com os sujeitos foco de suas intervenções. Não se trata de considerar o animal um objeto, uma vez que este possui participação no processo, ele interage, responde aos estímulos dos envolvidos nesse contexto. Existem, ou pelo menos deveria existir, determinados cuidados com o animal que garantem a “naturalidade” deste, durante as intervenções assistidas por animais, no sentido de respeitar a disposição ou não do animal para participar do processo, de realizar ou não uma atividade. Embora em algumas intervenções existam o controle de algumas variáveis por parte do profissional, o animal participa dentro de suas possibilidades. Diante dessas considerações, o termo recurso representa uma possibilidade de utilidade, de funcionalidade do animal em processos interventivos para a Psicologia.

estabelecer uma relação mais próxima com os animais, haja vista que algumas espécies não representavam mais uma ameaça, eles passaram a fazer parte do convívio diário das pessoas. Avalia-se que existam mais de 30 milhões de animais domésticos no Brasil, a maioria cães e gatos, sendo que em cerca de 60% dos domicílios brasileiros têm algum animal de estimação (AFONSO et al., 2008). Esses dados demonstram que mais da metade dos lares brasileiros possuem pelo menos um animal de estimação, o que revela a aproximação entre as pessoas e os animais, desencadeado pelo processo de domesticação. Essa aproximação se intensifica de tal modo que, em algumas famílias, os animais são tratados como membros destas, fazendo parte do cotidiano familiar e recebendo determinados cuidados que se assemelham ao de uma criança, como ganho de brinquedos, roupas, dentre outros produtos que “humanizam” o animal. Segundo dados do PetBr (2012)² o setor de comercialização de produtos para animais apresenta um crescimento médio de 17% ao ano, desde 1995. Afonso (2008) aponta que o Brasil representa o segundo maior mercado nesta categoria no mundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos. Sendo assim, é relevante identificar de que forma esta aproximação entre homem e animal se torna útil para o psicólogo no processo de intervenção em Psicologia.

Para Althausen (2006, p.11) “a vinculação humana com animais acrescentou (para as pessoas) um novo tipo de relação que tem complexidade e características próprias”. As pessoas passaram a vincular-se com os animais, estabelecendo com eles laços de afetividade, companheirismo, amizade, cuidado dentre outros, tais como estabelecem com os outros humanos. Esta vinculação passa a ser objeto de estudos de pesquisadores que identificam alguns efeitos produzidos na interação homem e animal. Friedmann (1995 apud ALTAHUSEN, 2006, p.18) aponta que há uma “maior sobrevivência de pessoas com problemas cardíacos possuidores de animais em relação aos não possuidores, indicando que esta relação potencialmente favorece a saúde física de seus donos”. Já Serpell (1990 apud ALTAHUSEN, 2006, p18) argumenta que “a posse de cães aumenta a auto-estima e estimula a realização de exercícios físicos.” Além do interesse dos pesquisadores, a interação estabelecida entre homem e animal também desperta o interesse de profissionais que intervêm nas necessidades sociais; Garcia (2009, p.2), aponta que esses profissionais “identificaram que a influência que os animais exerciam na vida das pessoas poderia ser aproveitada como recurso em intervenções terapêuticas”. Dentre os profissionais interessados nesta possibilidade de recurso interventivo encontram-se os psicólogos que passaram a identificar no animal, características que poderiam ser utilizadas em suas intervenções em Psicologia.

² Site que corresponde a um guia do mercado de produtos para animais no Brasil, disponível em: <<http://www.petbr.com.br/cons13.asp>>. Acesso em 02 março de 2012.

Mas que características seriam estas? Os pesquisadores Kruger e Spell (2006 apud GARCIA, 2009) fazem uma revisão das funções mais encontradas na literatura, relacionadas ao potencial terapêutico da relação homem e animal. Segundo esse levantamento os animais são considerados: estimulantes e redutores de ansiedade, facilitadores sociais, objeto de apego ou transicionais, fonte de suporte social e ainda instrumento de aprendizagem. Diante dessas características é possível afirmar, que o animal é um recurso útil na atuação do psicólogo, pois a relação estabelecida entre homem e animal pode possibilitar benefícios tanto psicológicos, quanto físicos e sociais para os seres humanos. Neste sentido, produzir conhecimento sobre a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em Psicologia, permite identificar o quanto estes profissionais, conhecem os benefícios advindos da utilização de animais como recurso interventivo. Uma vez que esses benefícios são identificados pelos psicólogos, estes podem reconhecer nas intervenções assistidas por animais possibilidades de benefícios para o público e contexto onde atuam, propiciando a ampliação da sua capacidade de intervenção profissional.

2.1.1 Definição e caracterização das Intervenções Assistidas por Animais

As práticas interventivas com utilização de animais passam a ser estruturadas, configurando uma atividade passível de utilização profissional. A utilização de animais como recurso interventivo, é denominada pela Delta Society³ como Terapia Assistida por Animais (TAA) (DOTTI, 2005). Mas o que vem a ser esta prática? De acordo com Menzies (2003 apud GARCIA, 2009, p.16), a “terapia assistida por animais caracteriza uma intervenção direcionada que utiliza a interação humano-animal como uma parte integrante do processo de tratamento”. Segundo o autor, a TAA é caracterizada como uma intervenção que utiliza da interação homem e animal, para alcançar objetivos dentro do processo de tratamento de pessoas. Esta definição parece restringir as situações em que o animal pode ser utilizada como recurso de trabalho, pois parece estar vinculada a um processo de tratamento, e que não poderia ser utilizada, por exemplo, no processo de ensino/aprendizagem.

³ Delta Society: organismo internacional sem fins lucrativos, criado em 1977 com o objetivo de promover a melhora da saúde humana, sua independência e qualidade de vida com a ajuda dos animais (DOTTI, 2005, p.30).

Outra definição é a proposta por Turner (2005 apud MOTTI, 2007, p.36) que afirma que “a zooterapia, é uma metodologia que inclui animais como co-terapeutas no tratamento das patologias humanas, tanto físicas quanto psíquicas”. Além de utilizar uma nomenclatura diferente da TAA, o autor considera as intervenções assistidas por animais como uma metodologia, ou seja, um método que inclui o animal como um co-terapeuta, nesse sentido, o animal não apenas faz parte do processo, mas é parte atuante nele. O autor ainda afirma que este tipo de intervenção pode ser utilizado tanto em patologias físicas quanto psíquicas. Mais uma vez, no entanto, as Intervenções Assistidas por Animais parecem adquirir um status de tratamento e não de uma possibilidade de atuação profissional.

Ampliando um pouco mais a compreensão do que vem a ser a TAA, Chieppa (2002, apud MOTTI, 2007, p.36), afirma que a Pet Therapy, nomenclatura utilizada pelo autor, “é um método multidisciplinar que prevê a intervenção de profissionais de várias áreas tais como: médico, psicólogo e médico veterinário, responsáveis pela utilização e indicação da TAA e das características do animal a ser utilizado no programa de recuperação”. Esta definição, sugere que as intervenções assistidas por animais possuem um caráter multidisciplinar, apontando quais profissionais podem fazer uso deste tipo de intervenção. Embora Chieppa cite somente médico, psicólogo e médico veterinário, a TAA pode ser utilizada por outros profissionais, tais como apresenta Dotti (2005), fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, pedagogos, dentre outros. Chieppa (2002 apud MOTTI, 2007, p.36) também aponta, que esses profissionais serão responsáveis pela utilização e indicação da TAA. A partir do exposto, pressupõe-se a necessidade de uma avaliação prévia, tanto do sujeito que será foco da intervenção, quanto do animal que será utilizado, pois conforme o autor, são as características e o comportamento do animal que são utilizadas como recurso neste processo. Segundo esta definição, a TAA ainda aparece como um recurso de recuperação e não um recurso de trabalho.

A definição proposta por Dotti (2005, p.35) aponta que o animal “atua como um agente facilitador para a terapia, ele pode ser considerado a ponte entre o tratamento proposto e o paciente”. Para esse autor, o animal é um instrumento utilizado por profissionais da saúde e de outras áreas, de acordo com os procedimentos de suas áreas. Esta utilização deve ser estruturada, atendendo aos critérios necessários para a utilização de animais em intervenções terapêuticas, tais como: avaliação do animal e avaliação do sujeito que será foco da intervenção. Além disso, devem ser traçados objetivos de acordo com cada sujeito, ou necessidade, e esses objetivos devem ser planejados e avaliados no decorrer do processo interventivo. Embora essa definição não se diferencie muito das apresentadas anteriormente,

parece que Dotti (2005) aponta aspectos importantes, que se referem à questão do planejamento, registro e avaliação dos resultados obtidos a partir das intervenções assistida por animais. Desse modo, cada profissional deverá planejar sua intervenção de acordo com o seu fenômeno de trabalho. Ele deve considerar as características dos animais e a forma como elas serão utilizadas dentro de sua prática profissional, de modo a atender as necessidades do sujeito foco da intervenção. E esse procedimento é contínuo, conforme o andamento do processo interventivo. Essa questão do planejamento, registro e avaliação são aspectos importantes, pois minimiza a chance de que a intervenção do profissional não apresente sucesso. Por configurarem uma atividade nova cientificamente, com pouco mais de cinquenta anos, as intervenções assistidas por animais carecem de estudos que garantam a sua aplicabilidade e efetividade. Fato que aponta a importância de compreender a percepção dos profissionais da Psicologia com relação a esses aspectos. Uma vez, que essa compreensão permite a identificação dos limites e possibilidades da utilização do animal como recurso de trabalho.

Dentre as definições existentes, uma das mais aceitas e utilizadas mundialmente é a proposta pela *Delta Society*. De acordo com esta associação:

A TAA é uma intervenção focada em objetivos, onde o animal que preenche determinados critérios é parte integrante do processo de tratamento. A TAA é dirigida e/ou realizada por um profissional de saúde com capacitação específica, dentro da área de atuação de sua profissão. Ela é realizada para promover melhorias em funções físicas, sociais, emocionais e/ou cognitivas humanas. É ministrada em uma variedade de formas e pode ser de natureza individual ou de grupo. Esse processo é documentado e avaliado (DELTA SOCIETY, 2012, tradução nossa).

A definição proposta pela Delta Society, parece romper com a noção de que a TAA é uma intervenção voltada somente para o tratamento de determinada demanda, ou seja, de caráter terapêutico. Isto pode ser percebido, quando descreve que ela visa promover melhorias em diferentes aspectos, tais como físico, social, emocional e cognitivo; e ainda quando aponta que a TAA pode ser ministrada de diferentes formas, não apenas como um instrumento terapêutico, mas sim como um recurso de trabalho para profissionais da saúde. A definição proposta pela Delta Society, parece ampliar as possibilidades de intervenções assistidas por animais. Todavia, vale questionar até que ponto os profissionais da psicologia tem clareza desse fato?

No que se refere à definição da TAA, parece não haver divergências entre os diferentes autores que se propõem a defini-la. Analisando as definições apresentadas parece

que elas se complementam, formando uma noção geral do que vem a ser a Terapia Assistida por Animais. Sendo assim, ela consiste em um processo de intervenção utilizado por diferentes profissionais de diferentes áreas, tais como médicos, psicólogos, fisioterapeutas, pedagogos, entre outros. Estes profissionais utilizam da interação homem/animal, com o objetivo de promover mudanças em diferentes aspectos, sejam eles físicos, cognitivos, emocionais ou sociais. As intervenções que utilizam animais devem ser realizadas a partir de um planejamento, ou de uma sistematização de acordo com a área de atuação de cada profissional, analisando a demanda, traçando objetivos e avaliando resultados. Portanto, o profissional que utiliza o animal como recurso interventivo, deve avaliar: o sujeito, o contexto da intervenção, e o animal envolvido nesse processo, este último no que diz respeito as características e a espécie mais adequada para cada tipo de intervenção. (CHIEPPA, 2002 apud MOTTI, 2007; DELTA SOCIETY, 2012; DOTTI, 2005; MENZIES, 2003 apud GARCIA, 2009; Turner, 2005 apud MOTTI, 2007).

A partir do que foi apresentado é possível afirmar que a produção de conhecimento sobre a utilização de animais como recurso de trabalho, permite identificar como este recurso está sendo utilizado pelos profissionais da Psicologia, possibilitando ampliar a visibilidade do animal como recurso de trabalho por parte dos psicólogos. Além disso, possibilita identificar quais as variáveis estão envolvidas no processo de Intervenção assistida por animais, que tipos de animais são percebidos como possíveis de serem utilizados, como é feito o planejamento dessas intervenções, a avaliação dos resultados, entre outros aspectos.

Além da Terapia Assistida por Animais, existem as Atividades Assistidas por Animais (AAA). Elas configuram atividades que também utilizam animais, com o intuito de atingir determinados objetivos, que podem ser os mesmos da TAA, como por exemplo, promover o bem estar de idosos institucionalizados. Mas aonde reside a diferença? O que faz a TAA ter um caráter terapêutico? A Terapia Assistida por Animais e as Atividades Assistidas por Animais, são muito semelhantes em alguns aspectos, mas existem algumas especificidades, principalmente no que se refere à natureza das atividades. De modo que a TAA, possui um caráter terapêutico, enquanto a AAA possui caráter recreacional, segundo definição proposta pela *Delta Society*:

AAA é uma atividade que proporciona oportunidades de benefícios motivacionais, educacionais, recreacionais para melhorias na qualidade de vida. AAA é realizada em uma variedade de ambientes por profissionais especialmente treinados, profissionais multidisciplinares e/ou voluntários, em associação com animais que

preenchem determinados critérios. [...] Atividades Assistidas por Animais são basicamente atividades informais que envolvem a visita de animais a pessoas [...]. (DELTA SOCIETY, 2012, tradução nossa)

A maior diferença entre as Atividades Assistidas por Animais e a TAA, consiste no modo como elas são desenvolvidas. De acordo com a Delta Society (2012) as AAA não possuem uma sistematização de suas práticas, ou seja, não é necessário um registro das atividades, não existe tempo determinado para cada visita, não é realizado um planejamento terapêutico. As sessões não são programadas a partir de um objetivo específico (terapêutico), não há neste sentido, possibilidade de avaliação de resultados.

É possível perceber que as Atividades Assistidas por Animais podem ser atividades semelhantes às realizadas na TAA, porém elas não configuram um processo planejado de modificação de comportamento, existe o objetivo de promover um bem-estar no indivíduo, mas não existe uma sistematização das ações do psicólogo. Para que as práticas em TAA tenham um caráter de modificação do comportamento, o profissional deve ter finalidades específicas de acordo com o sujeito foco da intervenção. Sendo assim, o processo interventivo deve ser programado e avaliado; por isso, o profissional seleciona o animal de modo a utilizar suas características para atingir seus objetivos. Estes visam promover uma alteração no comportamento deste indivíduo, como melhorar os movimentos motores, as habilidades verbais, ampliação da atenção ou da auto-estima (GARCIA, 2009). São essas características que garantem a TAA o caráter terapêutico, diferenciando-a das demais atividades que também fazem uso de animais. Quando o psicólogo realiza visitas com animais, por exemplo, em uma instituição de idosos, sem programar uma rotina (número de visitas, duração, frequência e objetivo de cada encontro), é possível afirmar que ele promove um espaço de descontração, ou seja, benefício para os indivíduos. Porém, não há um planejamento, a intervenção não é sistematizada para tal e nem conduzida desta forma, diferente da Terapia Assistida por Animais. A partir do que indica Garcia (2009) a TAA configura um processo de intervenção sistematizado, pois permite a modificação de comportamento por meio da interação homem/animal. O profissional avalia a demanda do indivíduo que será foco da intervenção, bem como as características do animal a ser utilizado, articulando essas duas variáveis em um processo programado, onde cada intervenção seria “meio” para alcançar um “fim” - a modificação do comportamento do sujeito. Diante desses fatos, é possível questionar até que ponto o psicólogo compreende a utilização de animais como atividade ou como Terapia Assistida por Animais? Considerando que psicólogos, em sua atuação profissional tendem a utilizar recursos de trabalho sem ter clareza de sua função,

acabam por utilizar o recurso interventivo como uma “atividade”, como é o caso das dinâmicas de grupo (faz-se a dinâmica muitas vezes pela dinâmica, não com a finalidade de modificação de algo). Deste modo, a dinâmica acaba se tornando um fim nela mesma.

Existe ainda a Educação Assistida por Animais, essa intervenção também é muito semelhantes a Terapia Assistida por Animais, mas ela possui um objetivo mais específico, que é promover o aprendizado através da utilização do animal. Utilizada mais em contextos escolares, porém não fica restrita a estes, o profissional utiliza da participação do animal para eliciar a aprendizagem de determinado conteúdo ou comportamento no sujeito foco da intervenção. O animal atua como um facilitador desse processo.

Caracterizar a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam o animal como recurso de trabalho, permite identificar como esses profissionais percebem ou utilizam o animal nas intervenções em Psicologia. Ele está sendo percebido como um recurso recreacional apenas? Ou um recurso confiável e eficaz para a atividade profissional dos psicólogos? A produção de conhecimento sobre as Intervenções Assistidas por Animais possibilita a discussão das implicações dessa percepção para as práticas interventivas assistida por animais.

2.1.2 Surgimento e utilização das Intervenções Assistidas por Animais

As intervenções assistidas por animais são consideradas práticas cientificamente novas, haja vista que seus estudos passaram a ser desenvolvidos somente em 1960. Porém, existem evidências que muito antes destes estudos, as pessoas já associavam a presença e o convívio com animais, como benéficos a vida e a saúde dos seres humanos (DOTTI, 2005). O primeiro relato da participação de animais em intervenções terapêuticas ocorreu no século XVIII, na Inglaterra. Em uma instituição psiquiátrica chamada Retiro de York “eram empregados métodos de tratamentos considerados inovadores para a época, para isso a instituição mantinha diversos animais em seus pátios e jardins freqüentados por pacientes” (SERPELL, 2000 apud ALTHAUSEN, 2006). Em 1830, conforme aponta Dotti (2005, p.23) “em um hospital inglês chamado Betheem, programas de caridade já apontavam os animais como sendo os precursores de uma atmosfera mais leve para os pacientes mentais”. A partir destas primeiras experiências na Inglaterra, passam a surgir em outros países relatos da

utilização de animais em diferentes locais. Na Alemanha, em 1867 em Bethel (um centro de tratamento), animais foram utilizados no atendimento a pacientes com epilepsia (PERELLE; GRANVILLE, 1993 apud DOTTI, 2005). Já no século XIX os Estados Unidos também passa a utilizar animais em intervenções terapêuticas, dentre eles cães, cavalos e animais de fazenda em hospitais psiquiátricos; em 1919 e 1942 pelo exército para veteranos em recuperação (DOTTI, 2005).

Após aproximadamente vinte anos, desde o último relato da utilização de animais como recurso terapêutico em 1942, surgiram os primeiros estudos científicos que avaliaram os efeitos da utilização de animais em intervenções terapêuticas. Esses estudos foram desenvolvidos pelo psiquiatra norte americano Boris Levinson em 1960 (ALTHAUSEN, 2006; MOTTI, 2007; GARCIA, 2009). Durante esse intervalo de vinte anos, a TAA cai em desuso como aponta Garcia (2009), pois não haviam estudos científicos que comprovassem os benefícios das intervenções assistidas por animais, por isso não existem relatos de intervenções neste período. A partir de 1960, Levinson passa a estudar o papel do animal na vida e na psicoterapia de crianças, após uma experiência com um paciente, o qual passou a responder melhor ao tratamento com presença do cachorro do médico em seu consultório (GARCIA, 2009). Em seus estudos, Levinson (apud ALTHAUSEN, 2006, p. 27) considera que os animais de estimação podem ser utilizados “como aliados psicoterapêuticos sendo ‘agentes catalisadores’, pois facilitam a aproximação entre terapeuta e paciente, na psicoterapia em consultório”. Para Levinson (apud ALTHAUSEN, 2006, p. 27), “a maneira como o paciente se aproxima e interage com o cão, teria função diagnóstica e de comunicação, ao mesmo tempo, que supriria necessidades afetivas básicas”. Após Levinson, surgem outros estudiosos, profissionais e pesquisadores interessados na utilização e no estudo das práticas interventivas com o apoio de animais, como o casal Samuel e Elizabete Corson. Eles “trabalhavam com adolescentes no hospital psiquiátrico da Universidade de Ohio em 1970 e posteriormente em 1975 em uma casa de repouso com pacientes mais velhos, onde perceberam uma melhora física e psicológica dos pacientes”. (GARCIA, 2009 p.12). A partir da década de 1980 houve um crescente interesse pelos estudos em intervenções assistidas por animais, havendo um crescimento significativo nos anos seguintes, principalmente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha (ALTHAUSEN, 2006).

No Brasil, especificamente, as intervenções assistidas por animais passam a ser utilizadas no mesmo período que surgem os primeiros estudos científicos nos EUA. Segundo Althausen (2006) e Dotti (2005), a pioneira neste campo no país foi a psiquiatra Nise Silveira. De acordo com os autores, a psiquiatra inseriu o uso de animais no tratamento de pacientes

esquizofrênicos em uma clínica no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1950 e 1960. Conforme Mello (2005 apud MOTTI, 2007) a psiquiatra Nise Silveira foi a primeira a utilizar gatos no tratamento de pacientes com esquizofrenia. Segundo Althausen (2006, p.36): Após os trabalhos de Nise os relatos encontrados apontam para o surgimento de iniciativas isoladas de intervenções com uso de animais em meados dos anos 90. Já em 2000, alguns grupos se constituíram como entidades do Terceiro Setor (ONG), prestando serviços de visitas e atendimentos terapêuticos e/ou educacionais a diferentes populações: crianças, adolescentes, idosos, pessoas com deficiência, pessoas hospitalizadas, alunos de ensino fundamental, etc.

Para Althausen (2006) e Motti (2007), os pesquisadores Lenvinson, Samuel e Elizabeth Corson e Nise Silveira, inauguraram um novo campo de investigação e atuação profissional: as Intervenções Assistidas por Animais (IAA). A partir desses profissionais e estudiosos essas intervenções passaram a ser reconhecidas e utilizadas mundialmente, porém com maior intensidade nos EUA, Canadá e alguns países da Europa, contribuindo para uma nova possibilidade de atuação profissional (DOTTI, 2005).

Apesar das IAA terem seu início em 1960 no Brasil, os primeiros estudos científicos nacionais relacionados a essa prática, iniciaram somente a partir de 1990. Por isso, ela é considerada recente no país, pois somente a partir deste período é que as IAA passaram a ser consideradas práticas científicas no Brasil (TURNER, 2006 apud MOTTI, 2007); fator que colaborou para sejam pouco conhecidas e utilizadas no país. A primeira obra voltada propriamente à produção de conhecimento em TAA foi lançada somente em 2005⁴, embora, segundo Garcia (2009) outras produções já haviam sido escritas a respeito de interações homem/animal e funções terapêuticas. Entre elas estão os livros da Dra. Nise da Silveira - fato que evidencia a necessidade de produção de conhecimento nacional acerca da TAA. Desse modo, produzir conhecimento sobre intervenções assistidas por animais permite visualizar o quanto elas são conhecidas pelos psicólogos. O que os profissionais da Psicologia pensam sobre a utilização de animais em intervenções psicológicas? Em que tipo de situações esses profissionais utilizam, ou poderiam utilizar, o animal como recurso de trabalho? Quais demandas poderiam ser atendidas a partir desse recurso? Respostas a estas, entre outras questões, possibilitam a ampliação do conhecimento produzido sobre essas intervenções, haja vista que são atividades carentes de produção científica.

⁴ O livro intitulado: *Terapia & Animais: Atividades e Terapia Assistida por Animais- AAA/TAA Práticas para Organizações, Profissionais e Voluntários*, é de autoria de Jersson Dotti. O livro possui 17 capítulos e constitui uma sistematização dos diferentes aspectos envolvidos no processo de TAA, trazendo aspectos históricos, tanto da relação homem e animal, quanto da própria utilização da TAA, aspectos relacionados a organização de programa e procedimentos em TAA, benefícios e possíveis públicos e demandas a serem atendidas e aspectos relacionados a características e cuidados com os animais envolvidos no processo de TAA. (DOTTI, 2005)

.2 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO E A UTILIZAÇÃO DO ANIMAL COMO RECURSO DE TRABALHO

O psicólogo é um profissional que atua nos diferentes âmbitos da vida das pessoas, tais como saúde, educação, trabalho, justiça, comunidade, dentre outros. Segundo Malvezzi (2010) a origem da profissão de psicólogo ocorre na segunda metade do século XIX. Ainda segundo o autor, atualmente no século XXI, a profissão do psicólogo, “constitui uma atividade regulamentada, e integrada à dinâmica da sociedade por significativa e crescente demanda comercial em quase todos os campos de atividades em que as pessoas atuam como sujeito e como objeto de atenção e de estudo” (MALVEZZI, 2010 p.18). A partir do que afirma o autor, é possível perceber que a atuação do psicólogo está pautada em uma demanda social, atendendo ao que o mercado solicita, porém ele pode ir além desta demanda. Ele pode identificar outras possibilidades de intervenção, ampliando o atendimento às necessidades sociais, que nem sempre são explícitas pelas demandas comerciais.

De acordo com Malvezzi e Zanelli (2010), as duas principais áreas de atuação do psicólogo no Brasil, atualmente (século XXI), são as áreas clínica e organizacional. Com relação às principais atividades desenvolvidas pelos profissionais da Psicologia, neste mesmo período, encontram-se a aplicação de testes psicológicos, os atendimentos a crianças com distúrbios de aprendizagem e realização de psicodiagnóstico (MALVEZZI; ZANELLI, 2010). A partir destes dados, é possível problematizar que tanto a área de atuação, quanto as principais atividades desenvolvidas pelo psicólogo, são áreas e atividades tradicionais dentro da Psicologia. Sendo assim, é possível questionar se a intervenção assistida por animais não poderia ser utilizada como um recurso da área clínica e organizacional, ou ainda em outra área, como a educacional? A produção de conhecimento acerca da utilização de animais como recurso de trabalho em Psicologia possibilita a inovação de práticas profissionais já executadas pelos psicólogos; não seria possível, por exemplo, realizar um processo de avaliação psicológica utilizando o animal como recurso? A ampliação do conhecimento sobre a utilização de animais como recurso de trabalho em Psicologia colabora para a possibilidade de ampliação da atuação do psicólogo. Ela pode propiciar a elaboração de novas estratégias de

intervenção por parte desses profissionais, atendendo a um número maior de necessidades sociais, tais como reabilitação profissional, tratamento de pessoas com deficiência, dentre outras, que vão além daquelas demandas emergentes no mercado de trabalho.

Para que as intervenções assistidas por animais possam ser identificadas como possível recurso de trabalho por profissionais da Psicologia, é necessário uma organização das práticas interventivas com participação de animais. Sendo necessário a definição de uma nomenclatura que possibilite a ampliação das possibilidades de utilização do animal. Segundo Garcia (2009) a organização dessas práticas contribui para que elas sejam melhor compreendidas e para que seus resultados possam ser comprovados. No que se refere à nomenclatura, muitas terminologias foram utilizadas para nomear as intervenções assistidas por animais desde de seu surgimento “oficial” em 1960, tais como: Pet Terapia, Terapia com Animais, Terapia mediada por animais, Terapia facilitada por animais, Visitas com animais, Zooterapia dentre outros, apresentados por Dotti (2005). Ainda existem termos específicos para determinadas espécies de animais, como é o caso da Equoterapia (terapia assistida por cavalos) e a Cinoterapia (terapia assistida por cães). Conforme Garcia (2009), em 1996 a Delta Society propõe as nomenclaturas Terapia Assistida por Animais e Atividade Assistida por Animais, como sendo os termos mais adequados para denominar intervenções que envolvem a participação de animais. No entanto, esse termo parece limitador das possibilidades de intervenções com animais. O estabelecimento de uma nomenclatura padrão favorece a compreensão das pessoas, quanto à natureza da atividade envolvida no processo de intervenção assistida por animais, evitando interpretações equivocadas. A exemplo do que ocorre com o termo Terapia com Animais. Dotti (2005) relata que no caso desse termo as pessoas podem interpretar que o alvo da terapia é o animal, ou seja, as intervenções são realizadas em benefício a saúde do animal. Mas será que Terapia Assistida por Animais seria o termo mais adequado? Será que as atividades realizadas nesse tipo de intervenção configuram uma terapia, ou o efeito da intervenção é que seria terapêutico? Não necessariamente as intervenções assistidas por animais configuram uma terapia, elas possuem diferentes possibilidades de intervenção. Por isso, o termo Intervenções Assistidas por Animais⁵, promove uma clarificação e uma ampliação das possibilidades de utilização do animal como recurso de trabalho, pois o objetivo seria intervir sobre determinado fenômeno a fim de promover uma mudança. Nesse caso, por ser um termo mais amplo que os demais

⁵ As Intervenções Assistidas por Animais são apresentadas nesse trabalho como um tipo de técnica que pode ser utilizada pelos psicólogos nos diferentes contextos de atuação profissional, assim como os testes psicológicos, as dinâmicas de grupo (salvo as especificidades de cada um).

apresentados, ele engloba as diferentes modalidades de intervenções já apresentadas nesse trabalho. Como é possível visualizar na figura a seguir.

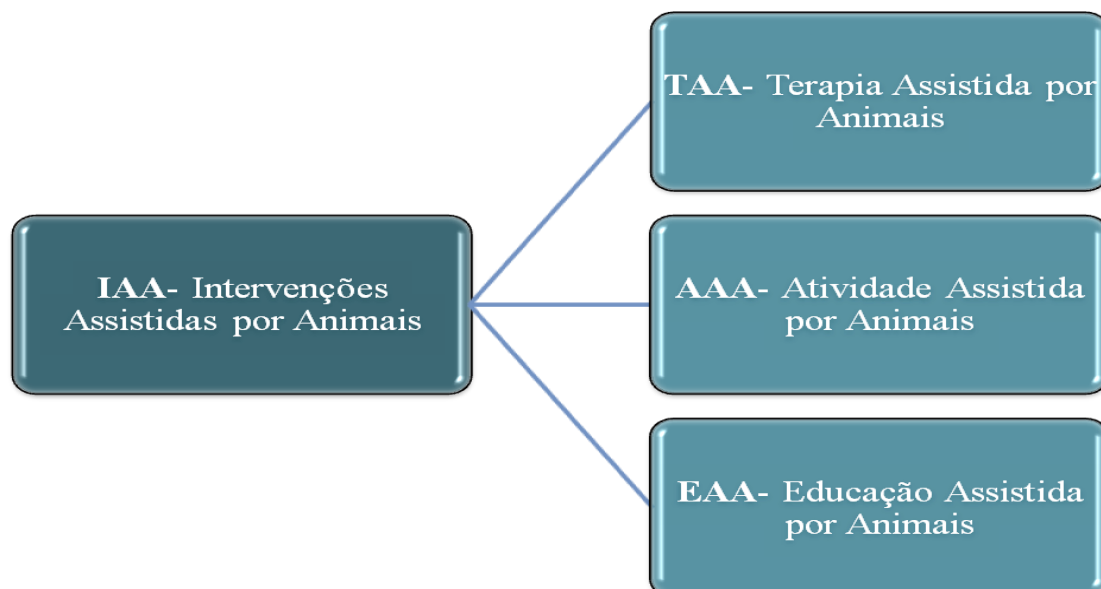


Figura 1: Representação das modalidades de Intervenções Assistidas por Animais

Fonte: elaborado pela autora, 2012

A falta de clareza promovida pela nomenclatura pode colaborar para a não disseminação da prática, como no caso da TAA, alguns profissionais podem compreender que apenas terapeutas podem fazer uso de animais em seu trabalho, o que é uma interpretação limitada. Esse fato colabora para que muitos profissionais não vislumbrem na TAA uma possibilidade de recurso de trabalho, por interpretar de maneira limitada a utilização de animais na prática profissional. Sendo assim, conhecer a percepção de psicólogos que utilizam e de psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em Psicologia, permite ampliar a compreensão por parte dos psicólogos com relação à utilização de animais em intervenções profissionais, contribuindo para que estes profissionais perspecivem no animal, uma possibilidade de recurso de trabalho para a Psicologia. Sendo possível, a partir dessas práticas, a identificação de novas possibilidades de mercado de trabalho a ser explorado.

Segundo Garcia, (2009) os profissionais da área da saúde estão entre os que mais utilizam a IAA, como recurso de trabalho. A maioria são médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, veterinários e terapeutas ocupacionais. Os psicólogos, por sua vez, representam uma pequena parcela dos profissionais que fazem uso de animais como recurso de trabalho. O autor faz esta afirmação, pautado na quantidade de literatura escrita por psicólogos no Brasil. Ao encontro do que afirma Garcia (2009), os seguintes artigos nacionais, encontrados a partir das bases de dados online, evidenciam a pouca produção de conhecimento acerca de intervenções assistidas por animais em Psicologia: “Equoterapia: suas repercussões nas relações familiares da criança com atraso de desenvolvimento por prematuridade” (MARCELINO; MELO, 2006); “Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica” (PEREIRA, Mara; et al., 2007); “Terapia Assistida por Animais (TAA)” (MACHADO; et al., 2008); “Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário” (KOBAYASHI; et al., 2009); “Terapia assistida por cães em pacientes com doença de Alzheimer” (PEREIRA; PEDROSO, 2009); “Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre – TAA Parte III” (FARACO; et al., 2009); “Terapia Ocupacional e a Utilização da Terapia Assistida por Animais (TAA) em Crianças e Adolescentes Institucionalizados” (CHAGAS; et al., 2009). Entre os artigos encontrados, sete no total, apenas dois foram escritos com participação de psicólogos, são eles: “Equoterapia: suas repercussões nas relações familiares da criança com atraso de desenvolvimento por prematuridade” que versa sobre, a repercussão do tratamento equoterápico em crianças com atraso no desenvolvimento, sobretudo no que diz respeito aos aspectos sócio-afetivo (MARCELINO; MELO, 2006); e “Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre – TAA Parte III” que investiga as repercussões psicossociais promovidas por um programa de TAA desenvolvido junto a crianças e adolescentes usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) (FARACO; et al, 2009). Os demais artigos encontrados têm como autores enfermeiros, veterinários, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas. Em sua maioria esses trabalhos correspondem a artigos teóricos, revisões bibliográficas e relatos de experiências quanto à implantação de programa de IAA. De maneira geral, esses artigos versam sobre questões históricas da relação homem e animal, possibilidades de aplicação das IAA, como na Terapia Ocupacional e em pacientes com Alzheimer, benefícios promovidos pela TAA, bem como aspectos envolvidos no processo de IAA, tais como procedimentos e

possíveis resultados (PEREIRA, Mara; et al., 2007; MACHADO; et al., 2008; CHAGAS; et al., 2009; KOBAYASHI; et al., 2009; PEREIRA; PEDROSO, 2009).

A partir da quantidade de artigos produzidos por psicólogos é possível perceber a pouca participação destes profissionais em estudos sobre a IAA. Ainda é possível inferir que os psicólogos possuem pouca representatividade na utilização de intervenções assistida por animais. Porém, os resultados apresentados nos artigos citados acima, tanto os escritos com participação dos psicólogos, quanto os de autoria de outros profissionais, evidenciam os seguintes aspectos: as IAA podem ser aplicadas em diferentes públicos, tais como crianças, adolescentes, adultos e idosos (PEREIRA, Mara; et al., 2007). Em diferentes locais, como o centros de atenção psicossocial, instituições de idosos, hospitais e escolas (FARACO et al., 2009; KOBAYASHI et al., 2009; MACHADO et al., 2008). E ainda, atendem a diferentes demandas, como atraso do desenvolvimento infantil e Alzheimer (MARCELINO; MELO, 2006; PEREIRA; PEDROSO, 2006), ou seja, todos envolvem fenômenos possíveis de intervenção do psicólogo.

Se a utilização de animais pode ser um recurso útil para os psicólogos em seu trabalho, por qual motivo estes profissionais representam uma pequena parcela na utilização deste recurso? Um dos fatores prováveis seria a falta de conhecimento produzido sobre o assunto em Psicologia. Uma vez que há pouca produção de conhecimento, o psicólogo pode não identificar quais são as vantagens da utilização do animal como recurso de trabalho, e faz uso de outros recursos por falta de conhecimento. Por isso, é importante produzir conhecimento sobre a percepção dos profissionais da Psicologia acerca das intervenções assistidas por animais. Esse conhecimento possibilita identificar quais as motivações dos psicólogos para a escolha ou não escolha do animal como recurso de trabalho. Quais são os critérios estabelecidos nessa escolha? São os benefícios? É a afeição pelos animais? Quais as implicações desses critérios para qualidade das intervenções realizadas?

Segundo Garcia (2009), as IAA podem ser estendidas para uma quantidade considerável de necessidades envolvendo pessoas em diferentes condições, como idosos em abrigos, crianças em escolas, doentes em hospitais, pacientes em consultórios. No Brasil, já existem exemplos de projetos que realizam intervenções assistida por animais, com os diferentes tipos de públicos e locais citados por Garcia (2009). Um exemplo é o projeto intitulado “Cão do Idoso” realizado na instituição “A Mão Branca”, que possui como público alvo das intervenções, idosos institucionalizados. Este se refere a um processo de Terapia Ocupacional assistida por animais, onde são realizadas atividades como, exercícios de memória e atenção, exercícios de toque e estímulos sensoriais, entre outros. De acordo com os

profissionais envolvidos nos projetos, os resultados alcançados a partir das intervenções correspondem a benefícios, cognitivos e psicológicos, tais como: estimulação dos sentidos a partir do tato, capacidade de memorização e atenção, afetividade e sociabilidade (NAKAMURA et al., 2007, p.39).

No que se refere a intervenções com crianças no contexto escolar, o estudo “A intervenção pedagógica mediada por cães no processo de dificuldade de aprendizagem no ensino fundamental de 1º a 4º série”, de Pereira e Lima (2007), apresenta a experiência de uma Organização Não-Governamental (ONG) intitulada Zooterapia “Grupo Integrado de Maranhathá”, acerca de intervenções assistidas por cães, realizadas com um grupo de 11 crianças com dificuldade escolar. Os autores afirmam que houve melhora na aprendizagem de todas as crianças participantes do projeto. Neste sentido, a presença do animal favoreceu o processo de aprendizagem, atuando como elemento motivador e facilitador do estabelecimento de relações sociais, entre as crianças e ainda entre elas e os educadores.

Ainda com relação ao tipo de público em que as IAA podem ser aplicadas, encontram-se as pessoas com deficiência, a exemplo do “Projeto companhia cão em ação”, onde são realizadas intervenções terapêuticas assistidas por cães na Escola de Educação Especial da APAE de Matão/SP. A partir das intervenções, foi possível constatar favorecimento do relacionamento interpessoal dos alunos, bem como melhora no processo de verbalização, expressão corporal e compreensão dos conteúdos ensinados (PAGLIANI et al., 2007, p.98).

Outra possibilidade de aplicação das IAA é o ambiente hospitalar, o “Projeto Amicão” é um exemplo de que as intervenções assistidas por animais podem ser desenvolvidas neste tipo de local, e que estas, podem trazer benefícios para o tratamento de pacientes hospitalizados. O projeto foi implementado no Hospital da Universidade Federal de São Paulo, com o intuito de tornar a assistência aos pacientes mais humanizada. Embora os autores ressaltem a necessidade de realização de estudos que verifiquem a reação positiva dos pacientes atendidos pela TAA, foi possível perceber a partir dos prontuários médicos que houve diminuição da pressão arterial e dor, dos sintomas de ansiedade e depressão e melhora da adesão ao tratamento (KOBAYASHI, 2009).

A partir dos estudos apresentados acima, é possível verificar que a presença do animal contribui em espaços, que em alguns casos, possam ser “hostis” aos indivíduos, como hospital, abrigos e até mesmo escola, constituam um ambiente favorável, que contribua para o processo de intervenção psicológica. Considerando que o animal é tão comum nas relações humanas, o convívio e os laços afetivos existentes entre as duas espécies é tão intenso, que

estes fatores poderiam ser facilitadores dos processos de intervenção profissional do psicólogo, favorecendo o estabelecimento de vínculo entre o profissional e cliente, como aponta Dotti (2005), e possibilitando o maior envolvimento do indivíduo no processo e proporcionando ao psicólogo intervenções mais eficazes.

2.3 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA ACERCA DAS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS

Entre as pesquisas existentes no Brasil acerca da relação homem e animal e das intervenções assistidas por animais, encontra-se a tese de doutorado de Hannelore Fuchs, (1988), intitulada “O animal em casa: um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação”. Este estudo buscou investigar a relação estabelecida entre as pessoas e seus animais de estimação, para tanto realizou entrevistas com vinte e dois participantes, entre eles, pessoas que possuíam e pessoas que não possuíam animais de estimação. Os diversos aspectos investigados, tais como: trajetória do animal junto ao dono, momento de cuidado com animal, comunicação, entre outros, levaram a autora a conclusão que, a relação estabelecida entre as pessoas e seus animais de estimação pode trazer benefícios tanto psicológicos como sociais, a partir do significado atribuído por elas ao animal. Fuchs, (1988) ainda apresenta em seus resultados, que o animal proporciona alívio para situações tensas, favorece o estabelecimento de afeto, promove engajamento dos indivíduos a tarefas e pode ser um facilitador social. Estes resultados reforçam a aplicabilidade da utilização de animais como recurso interventivo em Psicologia.

Outro estudo na área da Psicologia é a dissertação de mestrado de Ceres Berger Faraco (2003) intitulada “Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais”, a autora buscou investigar como a presença de animais no ambiente escolar pode interferir no comportamento da criança e na dinâmica do ambiente escolar. Para investigar estes aspectos Faraco utilizou diversos animais como: coelho, rato, gerbilo (rato do deserto), cachorro, tartaruga, cágado, calopsita, pombo, gato, camundongo e porco da Índia, como recurso de intervenção no ambiente escolar, tendo como participantes deste processo 58 crianças, entre 7 e 12 anos de idade. A partir das intervenções, que consistiam em módulos temáticos de acordo com o animal escolhido pelas crianças, eram

trabalhados aspectos referentes ao contato, a fala e o afeto, através de desenho, teatro, leitura, informação sobre o animal e construção de brinquedo para estes animais. A autora utilizou como método de investigação entrevista com os participantes, observação direta, análise comparativa dos relatos dos professores sobre o comportamento das crianças durante a intervenção e nas atividades regulares. A autora concluiu que intervenções com animais podem contribuir para o processo de ensino/aprendizagem. Ela identificou que o animal estimula a comunicação entre as crianças favorecendo o comportamento social, bem como maior atenção, interesse e implicação nas tarefas durante o processo de intervenção assistida por animais. Esses resultados evidenciam que a educação pode ser um campo em que profissionais que utilizam a IAA podem atuar, tendo em vista que os resultados positivos identificados por Faraco (2003) podem contribuir para o processo de ensino/aprendizagem, bem como para o processo de desenvolvimento infantil. Desse modo, é possível questionar se os psicólogos que atuam no campo educacional, bem como os que atuam em outros campos da Psicologia, têm clareza de que os animais podem ser um recurso útil em intervenções psicológicas. Os resultados produzidos pela caracterização da percepção de psicólogos acerca da utilização de animais como recurso de trabalho pode contribuir para que estes profissionais que atuam nas diferentes áreas da Psicologia, identifiquem nas intervenções assistidas por animais possibilidades de estratégias de trabalho.

A dissertação de mestrado de Sabine Althausen (2006), “Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção”, também representa uma contribuição na produção científica acerca das IAA. O estudo busca investigar o processo de intervenções terapêuticas assistida por cães em indivíduos com deficiência. A pesquisa consistiu em uma análise do registro de 12 encontros realizados a partir da parceria de uma escola de educação especial e um canil, onde participaram 4 adolescentes com Síndrome de Down. A partir da análise dos encontros foi possível perceber que o cachorro possui algumas características que quando em interação com esses adolescentes promove um espaço potencial de comunicação, em especial a não verbal. Eles também favorecem a criatividade, além da formação de vínculo, facilitando a expressão de sentimentos, pelo fato do animal ser favorável ao toque, eles respondem aos estímulos dos adolescentes, como comandos e até mesmo carinho. A partir da pesquisa de Althausen (2006) é possível afirmar que as IAA podem ser um recurso útil no processo de tratamento de pessoas com este tipo de síndrome, bem como nos demais sujeitos com deficiência, tendo em vista que ela contribui para o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social destes sujeitos. Logo, elas podem ser

um recurso a ser utilizado por psicólogos que atuam em demandas de pessoas com deficiência.

Uma outra contribuição para a ampliação do conhecimento em Psicologia é a de, Murilo Pereira Garcia (2009), em sua dissertação de mestrado sob o título de “Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no sub campo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães”. Neste estudo o autor busca identificar, a partir da literatura, quais são as classes de comportamentos que constituem a atuação do psicólogo que utiliza o cão como recurso em psicoterapia. Como resultado Garcia (2009) identificou 196 classes de comportamentos, que foram organizadas em um sistema comportamental. Segundo o autor, esta organização possibilita uma orientação para os profissionais da área acerca da condução do processo de TAA, bem como a possibilidade de elaboração de programas de capacitação em psicoterapia com o apoio de cães. Os resultados desta pesquisa contribuem para uma sistematização do processo de intervenções terapêuticas assistidas por animais em Psicologia, e ressalta a importância da existência de um processo de capacitação profissional para psicólogos que fazem, ou pretendem fazer uso de intervenções assistidas por animais.

Outro fator que pode contribuir para a pouca utilização e divulgação das práticas interventivas assistidas por animais, é o fato de não existir uma regulamentação desta prática no Brasil. Não há uma distinção clara sobre como cada processo de intervenção assistida por animais deve ser conduzido. Como aponta Garcia (2009), qualquer intervenção com finalidade terapêutica é denominada de TAA, pois cada profissional possui um fenômeno de trabalho e intervêm de acordo com ele. Em sua pesquisa, o autor identifica a necessidade de capacitação dos psicólogos que utilizam, ou pretendem utilizar intervenções assistidas por animais, pois não existem parâmetros definidos no que se refere à atuação em intervenções assistidas por animais. Os profissionais que utilizam este tipo de prática no Brasil, utilizam como base modelos norte americanos, bem como apresenta as instruções do livro de Dotti (2005), no que se refere à implantação de um programa de IAA, que segundo o autor seguem parâmetros da Delta Society.

No Brasil, o que existe é a regulamentação da utilização de animais em procedimentos de ensino e pesquisa, amparado pela Lei 11.794, de 8 de outubro de 2008, e o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA), vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, que é o órgão regulamentador e normatizador dos procedimentos de experimentação animal no país (BRASIL, 2012). Porém não existe uma regulamentação no que se refere à utilização de animais em intervenções profissionais. Fato

que colabora para que os profissionais sintam-se inseguros em utilizar animais como recurso de trabalho, pois a utilização de animais em práticas de ensino e de pesquisa tem sido motivo de muitos debates, principalmente com relação ao possível sofrimento dos animais decorrentes dos procedimentos utilizados em experimentos científicos. Portanto, produzir conhecimento sobre IAA em Psicologia se torna relevante, uma vez que busca identificar, entre outros aspectos, como essas intervenções são percebidas e desenvolvidas. O conhecimento produzido, a partir desse estudo auxilia na ampliação da compreensão destes profissionais, com relação à condução do processo interventivo, ao manejo e o cuidado com os animais envolvidos neste processo, desmitificando possíveis pré-conceitos.

É possível perceber que as pesquisas existentes no campo da Psicologia, bem como os projetos que utilizam intervenções assistidas por animais, trazem importantes contribuições para o conhecimento dessas práticas. Os benefícios obtidos a partir da relação de indivíduos e animais de estimação, a contribuição desse tipo de intervenção no campo da educação e com pessoas com deficiência, além da compreensão das classes comportamentais envolvidas no processo de intervenções psicoterapêuticas assistidas por cães. Porém, a produção de conhecimento ainda é muito pequena, contribuindo para que as IAA sejam pouco difundidas no Brasil. Diante desse fato, a produção de conhecimento sobre, a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em Psicologia, torna-se relevante do ponto de vista científico e social. Os resultados produzidos com esse estudo, podem contribuir para a ampliação do conhecimento científico, colaborar para que o psicólogo visualize novas possibilidades de mercado de trabalho, atendendo a um maior número de demandas, além de propiciar a difusão e o desenvolvimento das práticas interventivas assistidas por animais.

3 OBJETIVOS

Para investigar a problemática proposta no presente projeto, definem-se a seguir o objetivo geral e específicos:

3.1 OBJETIVO GERAL

Comparar a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Caracterizar a percepção de psicólogos que utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia.
- b) Caracterizar a percepção de psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia.

4 MÉTODO

Este item corresponde aos procedimentos metodológicos adotados para a contemplação dos objetivos propostos.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Com o objetivo de caracterizar a relação entre a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em Psicologia, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa. Segundo Laville e Dionne (2007, p.227), “a análise qualitativa permite identificar as nuances de sentido existente entre as unidades de respostas e o elo existente entre as categorias”. Sendo assim, além de identificar a percepção de psicólogos quanto à utilização de animais como recurso de trabalho em Psicologia, a presente pesquisa buscou identificar a relação estabelecida entre esta percepção e a utilização ou não do animal como recurso de trabalho em Psicologia, ou seja, o sentido desta relação. A análise qualitativa é importante nesta pesquisa, por se tratar de uma temática pouco explorada. Ela possibilita a identificação das variáveis envolvidas no fenômeno estudado, bem como suas relações, proporcionando um maior conhecimento do mesmo.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa configura um estudo exploratório, levando em consideração que estudos deste tipo, têm como objetivo, ampliar o conhecimento acerca de fenômenos poucos conhecidos (GIL, 1999). Essa característica vai ao encontro da necessidade de ampliação do conhecimento acerca da utilização de animais como recurso de trabalho em Psicologia, tendo em vista que é uma temática pouco difundida no Brasil.

Com relação ao delineamento, a pesquisa é caracterizada como um estudo de campo, pois a coleta de dados foi realizada por meio de um instrumento (entrevista), que promoveu o controle de algumas variáveis a fim de atender aos objetivos propostos. Segundo Lakatos e Marconi (1991, p.186) estudos deste tipo consistem “na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los”. Sendo assim, a entrevista

propicia a relação entre o pesquisador e sujeito pesquisado, promovendo uma situação controlada, onde o sujeito responde espontaneamente as questões levantadas pelo pesquisador.

4.2 PARTICIPANTES

Foram sujeitos de pesquisa oito psicólogos, sendo que quatro desses utilizam ou já utilizaram animais como recurso de trabalho em Psicologia (denominados a seguir de Grupo A) e quatro psicólogos não utilizam animais como recurso de trabalho em Psicologia (denominados a seguir de Grupo B). Com o objetivo de fornecer maiores informações sobre os sujeitos de pesquisa, será apresentado no Quadro 1 a caracterização dos sujeitos de pesquisa do Grupo A.

Sujeito	Local	Formação/ Especialização	Tempo de graduado	Atuação em IAA ⁶	Modalidade ⁷
A1	SP	Especialização em Yung Corpo e Psicologia Analítica.	07	08	TAA/ AAA
A2	SP	Doutorado Psicologia, Curso de Equoterapia	25	12	AAA
A3	RJ	Especialização Saúde Mental Infantil e, em Psicomotricidade, Mestrado em Educação, Cursos de Equoterapia	19	08	TAA/ EAA
A4	SP	Especialização Terapia Cognitiva Comportamental e Neuropsicologia	08	05	TAA/ AAA/ EAA

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos de Pesquisa - Grupo A (psicólogos que utilizam ou já utilizaram animais como recurso de trabalho)

⁶ IAA- Intervenções Assistidas por Animais

⁷ Serão consideradas modalidades de IAA: TAA (Terapia Assistidas por Animais), AAA (Atividades Assistidas por Animais) e EAA (Educação Assistidas por Animais).

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

Os sujeitos pertencentes ao grupo A, possuem idades entre trinta e oitenta anos. Sendo três participantes do sexo feminino e um do sexo masculino (A4). Com relação à utilização do animal em Intervenções Assistidas por Animais (IAA), três dos participantes fazem uso atualmente desse recurso. A participante A1 realiza a modalidade de Terapia Assistida por Animais (TAA) em seu consultório, e também realiza Atividades Assistidas por Animais (AAA) em um hospital. A3, também realiza atendimentos clínicos através da TAA, porém relata que já realizou intervenções na modalidade de Educação Assistida por Animais (EAA). Além disso, A3 desenvolve diversas ações de pesquisa, extensão e docência relacionadas ao trabalho com animais. Já o participante A4, desenvolve as três modalidades de intervenção atualmente. Sendo que, o trabalho de TAA está sendo desenvolvido em uma instituição, tendo como público, pessoas com deficiência, e as Atividades Assistidas por Animais (AAA) e Educação Assistidas por Animais (EAA) possuem como público, adolescentes em vulnerabilidade social. Somente a participante A2 não pratica intervenções assistidas por animais atualmente, porém ainda realiza trabalhos relacionados ao animal, como tratamento de distúrbios do comportamento animal, aconselhamentos a pessoas com relação à escolha de um animal, até a elaboração do luto por perda.

Assim como os participantes do Grupo A, será apresentada a seguir a caracterização dos participantes do Grupo B no Quadro 2.

Sujeito	Local	Formação/Especialização	Tempo de Graduação
B1	SC	Especialização em Gestão de Pessoas, Cursando Pós Graduação em Psicodrama.	06
B2	SC	Formação em Abordagem Centrada na Pessoa. Especialização em Psicologia Hospitalar	27
B3	SC	Especialização em Terapia Comunitária	07
B4	SC	Especialização em Psicologia Clínica na abordagem Gestalt	35

Quadro 2 – Caracterização dos sujeitos de Pesquisa - Grupo B (psicólogos que não utilizam animais como recurso de trabalho)

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

Os sujeitos pertencentes ao grupo B possuíam idades entre trinta e cinquenta anos. Sendo todos os participantes do sexo feminino e residentes no Estado de Santa Catarina. O sujeito A1 é formada em Psicologia à seis anos, possui especialização em Gestão de Pessoas, mas atua na área clínica, realizando atendimentos em um consultório particular. A2 é graduada à 27 anos, possui especialização em Psicologia Hospitalar e Formação na Abordagem Centrada na Pessoa, é professora universitária e psicóloga clínica. Considera que a área clínica é o que desperta seu maior interesse e sua atuação profissional está pautada na abordagem de sua formação. B3 por sua vez, é graduada à sete anos possui especialização em Psicologia Comunitária e faz parte da equipe de trabalho de uma instituição que atende pessoas com deficiência. E B4, possui formação em Psicologia a 35 anos, realizou especialização em Psicologia Clínica na abordagem Gestalt, e atua realizando atendimentos clínicos a partir da abordagem Gestalt.

Todos os sujeitos de pesquisa atuam em âmbito nacional, sendo que os participantes do Grupo A em sua maioria atuam no estado de São Paulo, enquanto que todos os participantes do Grupo B atuam no estado de Santa Catarina.

4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para caracterizar a relação entre a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em Psicologia, foi realizada uma entrevista semi-estruturada. Para tal, foram elaborados dois roteiros distintos (APÊNDICE A e B), mas com perguntas equivalentes, haja vista que foram entrevistados dois grupos de participantes, um que utiliza animais como recurso de trabalho e outro que não utiliza animais como recurso de trabalho. Portanto, a estrutura das perguntas são diferenciadas, mas a natureza de ambas é a mesma, pois um dos objetivos da pesquisa é a comparação da percepção destes dois grupos de psicólogos. Neste sentido, os dois roteiros estão estruturados com perguntas de dados de identificação e caracterização dos participantes (nome, idade, há quanto tempo é formado, se possui especialização e quais, área de atuação, dentre outros dados); com doze questões

abertas que abordam aspectos relacionados à atuação profissional dos psicólogos, bem como a utilização de animais como recurso de trabalho em Psicologia. Sendo assim, as perguntas versam sobre: locais onde podem ser realizadas intervenções assistidas por animais, público que poderia ser contemplado, tipo de animal que utiliza ou poderia utilizar na atuação profissional, importância da utilização de animais em intervenções do psicólogo, facilidades e dificuldades na utilização dos recursos de intervenção, planejamento e avaliação do processo interventivo. Estas questões visam contemplar os objetivos propostos na presente pesquisa.

4.3.1 Teste Piloto

Antes de iniciar a coleta de dados com os dois grupos de participantes, foi realizada duas entrevistas piloto, uma para cada grupo de sujeitos, ou seja, uma entrevista piloto com um profissional que utiliza animal como recurso de trabalho (Grupo A) e uma com um profissional que não utiliza animal como recurso de trabalho (Grupo B). O teste piloto teve como objetivo a verificação da adequação das perguntas para investigar o que se pretende, bem como a verificação da clareza e objetividade das perguntas do instrumento de coleta de dados. Portanto foi realizada uma entrevista com o roteiro semi-estruturado no local de trabalho de um psicólogo que realiza intervenções em Equoterapia, ou seja, com características semelhantes dos participantes do Grupo A da pesquisa, e uma outra entrevista com uma psicóloga que atua em processos de Avaliação Psicológica, e que não utiliza animais como recurso de trabalho, característica semelhante ao Grupo B. Após a entrevista, foi realizada a transcrição dos dados coletados. Desta forma, foi possível verificar que algumas questões não eram claras, ou as perguntas apresentadas não eram suficientes, e que era necessário a inclusão de algumas outras questões. A partir do teste piloto foi possível fazer adequações e até mesmo alterações que contribuíram para que houvesse um aprimoramento no instrumento de coleta de dados.

4.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE

A coleta de dados ocorreu em três situações distintas, haja vista que os participantes da pesquisa constituem dois grupos diferenciados, psicólogos que utilizam (Grupo A) e psicólogos que não utilizam animais (Grupo B) como recurso de trabalho em Psicologia. Ela se deu dessa forma, pois existem poucos psicólogos utilizando animais como recurso de trabalho, e os que existem se encontram em diferentes regiões do Brasil. No entanto, no mês de setembro deste ano (2012), aconteceu o I Simpósio Internacional de Atividades/Terapia e Educação Assistida por Animais (SINTAA)⁸, evento no qual a pesquisadora esteve presente. Este evento viabilizou o contato pessoal, com algum dos participantes da pesquisa. Sendo assim, segue os seguintes ambientes de coleta de dados:

- Coleta presencial: a coleta presencial basicamente ocorreu com os participantes do Grupo B, pois todos eles residem no Estado de Santa Catarina, na região da Grande Florianópolis. Portanto, a coleta de dados dos participantes B1, B2 e B4, ocorreu em seus consultórios de atendimentos clínicos, no dia e horário mais conveniente para participantes e a pesquisadora. Já a coleta de dados da participante B3, ocorreu em sua sala de trabalho na Instituição em que desenvolve suas atividades profissionais, também no dia que lhe foi mais conveniente.

- Coleta online: foram realizadas duas coletas de dados por meio do skype⁹, este recurso foi adotado, pois ele viabilizou o acesso aos participantes que não residem no Estado de Santa Catarina, em especial os participantes do Grupo A. Portanto a coleta de dados das participantes A1 e A2 ocorreu por meio deste recurso. As duas participantes que foram entrevistadas via skype no momento da entrevista estavam em um cômodo de sua residência. Já a pesquisadora encontrava-se em uma sala reservada na instituição de ensino na qual estuda.

- Coleta SINTAA: levando em consideração que o número de participantes (Grupo A) proposto nesta pesquisa não havia sido alcançado até a data do simpósio, ocorreram duas coletas de dados durante o evento, que foram as dos participantes A3 e A4. A coleta de dados da participante A3 ocorreu no hotel que ela estava hospedada, em uma sala de reuniões. Já a

⁸ I Simpósio Internacional de Atividades/Terapia e Educação Assistida por Animais, este evento foi realizado entre os dias 06 e 09 de setembro de 2012 em São Paulo, e contou com a presença de profissionais que se interessam, estudam e atuam com AAA e TAA.

⁹ Software que permite a comunicação de voz e de vídeo via internet.

coleta do participante A4, ocorreu no próprio local do evento, em um espaço externo, durante o intervalo das apresentações de trabalhos.

Em todas entrevistas foram tomados os devidos cuidados para que fosse um ambiente calmo e livre de interrupções, de modo que garantisse o bem estar físico do entrevistado a preservação o sigilo das informações coletadas.

4.5 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

Foram utilizados na coleta e na análise de dados, computador portátil, impressora, toner, gravador de voz, papéis e canetas.

4.6 PROCEDIMENTOS

A seguir serão descritos os procedimentos adotados para a realização da coleta de dados.

4.6.1 Seleção dos participantes

Para selecionar os oitos psicólogos que participaram da pesquisa foram adotados diferentes estratégias, haja vista que correspondem a dois grupos distintos, sendo quatro profissionais que utilizam e quatro que não utilizam animais como recurso de trabalho.

- Grupo A:

Inicialmente havia o intuito de selecionar cinco profissionais psicólogos que utilizassem, ou que já tenham utilizado animais como recurso de trabalho em Psicologia. Porém devido a dificuldade de contato com estes participantes e o curto período de tempo

para a realização da coleta de dados, foram selecionados quatro profissionais. A seleção destes participantes ocorreu em duas etapas:

Primeira etapa: para selecionar psicólogos que utilizavam animais como recurso de trabalho em Psicologia, foi realizado um levantamento de profissionais com tais características. Este levantamento ocorreu a partir do caderno de resumos do I Congresso Brasileiro de Atividade, Educação e Terapia Assistida por Animais, que ocorreu no ano de 2007, em São Paulo. Neste caderno encontravam-se todos os trabalhos selecionados para a participação no congresso. Foi realizada uma análise com relação à natureza do trabalho descrito no caderno de resumo, ou seja, foram selecionados apenas os trabalhos relacionados efetivamente a intervenções assistidas por animais em Psicologia. Nesse sentido, não foram considerados trabalhos de natureza exclusivamente teórica. A partir dessa seleção, foi realizada uma pesquisa online, via Currículo Lattes (quando existente), ou via Google¹⁰, com o objetivo de identificar a formação profissional dos autores dos trabalhos, visando filtrar apenas os profissionais da Psicologia. Com esta seleção, foram identificados inicialmente 12 psicólogos que utilizavam ou haviam utilizado animais como recurso de trabalho. A partir da identificação, foram selecionados inicialmente os cinco primeiros que aceitassem participar da pesquisa. Embora a pesquisadora tenha obtido respostas positivas com relação a participação de cinco participantes nesta primeira etapa, foi necessário a realização de uma segunda etapa, pois como o contato foi realizado por email, os participantes após o aceite, não retornaram aos emails da pesquisadora, para marcar efetivamente uma data e horário para a realização da entrevista.

Segunda etapa: consistiu na seleção dos participantes no próprio evento do SINTAA/2012. A pesquisadora participou da apresentação dos trabalhos orais e escritos e a partir das apresentações foi possível identificar os profissionais que atendiam aos critérios estabelecidos ao Grupo A (ser psicólogo e utilizar ou já ter utilizado animais como recurso de trabalho). A partir desse processo, foram identificados cinco profissionais, porém dois destes, já haviam sido selecionados na primeira etapa de seleção, e dois foram identificados no último dia do evento, inviabilizando o contato, pois a pesquisadora só participou do último dia no período matutino, não havendo tempo para realizar um contato e a entrevista. Foi selecionado nesse processo apenas um participante.

¹⁰ *Google:* site de buscas online.

- Grupo B:

Foram selecionados quatro profissionais psicólogos que não utilizavam animais como recurso de trabalho em Psicologia, levando em consideração a equiparação ao número de sujeitos do Grupo A. Esta seleção foi realizada a partir da rede de contatos da pesquisadora e também através de pesquisas via internet, atendendo aos seguintes critérios: levando em consideração que a presente pesquisa tem como um de seus objetivos comparar a percepção dos profissionais que utilizam e profissionais que não utilizam animais como recurso de trabalho em psicologia, esta comparação deveria ser feita respeitando o princípio de equidade.

Nesse sentido, a área de atuação dos profissionais que utilizam e dos profissionais que não utilizam animais devem ser a mesma, ou pelo menos equivalente. Para que esta equiparação seja possível, foi realizada primeiramente a seleção e a coleta de dados dos sujeitos participantes pertencentes ao Grupo A, haja vista que estes profissionais são mais restritos. A partir da coleta de dados foi possível identificar em quais áreas da Psicologia estes profissionais pertencentes ao Grupo A atuam, ou ainda com qual fenômeno de trabalho eles lidam. Sendo assim, as áreas atuação, ou fenômeno de trabalho do Grupo A serviram como critério de seleção dos participantes do Grupo B, por exemplo, o sujeito A1, utilizava o animal como recurso de trabalho na clínica, buscou-se então um sujeito B1, que atua na área clínica, proporcionando assim a equivalência entre os grupos de sujeitos pesquisados.

4.6.2 Contato com participantes

Após a seleção dos participantes foi realizado o contato com os mesmos, este procedimento ocorreu em diferentes contextos descritos a seguir:

- Grupo A:

O contato com este grupo ocorreu da seguinte forma, alguns dos trabalhos descritos no caderno de resumo do I Congresso Brasileiro de Atividade, Educação e Terapia Assistida por Animais, que ocorreu no ano de 2007 já disponibilizavam o e-mail de alguns autores, outros contatos foram obtidos a partir da pesquisa através do Currículo Lattes, quando existente, e até mesmo através do *Google*. Sendo que a maioria dos contatos obtidos foram o email, e três deles, contatos do perfil de uma rede social. Inicialmente a pesquisadora entrou em contato com cinco participantes através do email e três participantes através de

mensagem particular em uma rede social. Neste primeiro contato a pesquisadora fez sua apresentação (nome, instituição de ensino, professora orientadora, objetivos de sua pesquisa, e o método de coleta de dados), ou seja, entrevista via skype. Também foi possível verificar a disponibilidade e interesse do sujeito em participar da pesquisa. Neste momento a pesquisadora questionou se o participante conhecia a ferramenta do skype e se sabia utilizá-la, se colocando a disposição para dar maiores esclarecimentos tanto de instalação, quanto de utilização. A partir deste primeiro contato, a pesquisadora obteve resposta positiva dos cinco participantes que foram acessados através do email. Então, após o aceite, foi enviado um outro email aos cinco sujeitos questionando qual seria a melhor data e horário para realização da entrevista. Neste momento, uma única participante respondeu agendando a data e horário de sua entrevista. Novamente a pesquisadora enviou um outro email para as demais participantes questionando quando poderia agendar as entrevistas e uma única participantes responde agendando a data e o horário de sua entrevista. A pesquisadora entrou em contato via email com mais três participantes, dois destes emails retornam e uma participante não responde. A pesquisadora entrou em contato via telefone com as duas participantes que o email retornou, e uma delas não aceita participar da entrevista e uma disponibiliza-se a participar, porém no dia e horário agendado não comparece à entrevista online. A pesquisadora também entrou em contato com as demais participantes que haviam se disponibilizado a participar anteriormente, para verificar se as mesmas participariam do SINTAA/2012, pois seria possível agendar a entrevista presencialmente, algumas o telefone era inexistente, outras não encontravam-se em seu local de trabalho, ou não puderam atender nas diversas vezes que buscou-se o contato. Foi possível o contato telefônico com apenas uma das participantes que já havia se disponibilizado a participar da pesquisa, porém não respondeu aos emails de solicitação de agendamento essas entrevistas. Neste contato telefônico a participante afirma que vai participar do SINTAA, sendo agendada a entrevista no hotel onde a participante estava hospedada.

O ultimo participante entrevistado, foi selecionado e acessado no próprio SINTAA. Ao final da participação do sujeito em uma mesa redonda no segundo dia de evento, onde apresentou o trabalho que desenvolve em Intervenção Assistidas por Animais em diferentes locais, a pesquisadora o abordou apresentando-se, explicitando sua pesquisa e verificando sua disponibilidade de participação na mesma. Prontamente o participante aceitou, e a entrevista foi agendada para o próximo dia, que seria o último dia de vento do SINTAA.

- Grupo B:

O contato com estes participantes foi realizado através de contato telefônico, obtidos a partir da rede de contatos e também através da internet, a partir dos sites das instituições onde esses profissionais estão vinculados. A pesquisadora neste primeiro contato, apresentou-se, explicou sua pesquisa e verificou se o mesmo tinha interesse e disponibilidade em participar. Após o aceite a pesquisadora agendou a data e horário que foi mais conveniente aos participantes. Os locais de realização das entrevistas também foram definidos de acordo com sua comodidade.

4.6.3 Coleta e registro de dados

Para coleta dos dados foi utilizado o instrumento que se configura em uma entrevista semi-estruturada. As entrevistas foram gravadas após autorização dos participantes, mediante a assinatura do Termo de Consentimento para gravação de imagem e voz e também assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). A coleta ocorreu em três contextos diferentes:

- Coleta presencial: a entrevista foi realizada pessoalmente. Inicialmente foram realizados todos os esclarecimentos com relação aos objetivos da pesquisa, com objetivo de propiciar um espaço em que o entrevistado se sentisse a vontade para responder as questões do instrumento de coleta de dados. Logo após foram apresentados os termos de consentimento (TCLE) e de gravação de imagem e voz, para assinatura. Em seguida, iniciou-se a entrevista, através das perguntas de identificação do participante, e posteriormente as demais questões que compõem o instrumento de coleta de dados, ao final da entrevista foi realizado o agradecimento ao participante por aceitar fazer parte da pesquisa.

- Coleta online: a entrevista foi realizada via internet, por meio do skype¹¹. No horário agendado previamente com o participante a pesquisadora realizou o login no programa, assim como na entrevista presencial foi realizado um esclarecimento inicial dos objetivos da pesquisa. Foi solicitada a autorização do participante com relação a gravação da entrevista, a mesma foi gravada através de um programa de gravação do próprio skype. Neste

¹¹ Software que permite a comunicação de voz e de imagem via internet.

caso os termos de consentimento TCLE e de gravação de imagem e voz, foram enviados por email, sendo combinado com participante que o mesmo imprimisse, assinasse, escaneasse, enviando novamente a pesquisadora por email. Com relação a entrevista, inicialmente foram abordadas as questões de identificação e posteriormente as demais questões.

- Coleta SINTAA: as entrevistas foram realizadas pessoalmente, uma ocorreu no local do evento, e outra na sala de reuniões do hotel onde a participante estava hospedada. As duas entrevistas seguiram os mesmos procedimentos descritos na coleta de dados presencial.

4.6.4 Organização e análise de dados

Após a realização das entrevistas, os conteúdos das gravações foram transcritos e digitados. A partir desta transcrição, os dados foram categorizados utilizando a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1979) e, a partir das categorias estabelecidas a posteriori, foi possível responder os objetivos específicos da pesquisa. As categorias incluem: utilidade do animal no trabalho em Psicologia; objetivo da intervenção profissional; importância atribuída a utilização dos animais como recurso de trabalho em Psicologia; tipos de locais onde o psicólogo realiza intervenção profissional; tipo de público contemplado na intervenção profissional do psicólogo; facilidades e dificuldades da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia. Após esta categorização foram estabelecidas subcategorias, que correspondem aos valores das categorias, a partir das respostas dos participantes.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As informações obtidas a partir da coleta de dados serão apresentadas e analisadas neste capítulo, com o objetivo de fornecer respostas ao problema de pesquisa proposto: “Qual a relação entre a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em Psicologia?” Estas respostas serão obtidas através das interpretações dos dados com base no referencial teórico já existente.

5.1 PRÁTICAS PROFISSIONAIS EM PSICOLOGIA: COMPARAÇÃO ENTRE A ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS QUE UTILIZAM E PSICÓLOGOS QUE NÃO UTILIZAM ANIMAIS EM INTERVENÇÕES PROFISSIONAIS.

Para compreender a percepção de alguém sob determinado fenômeno, faz-se necessário analisar de onde parte esta compreensão. Melhor dizendo, é importante identificar quais são as variáveis envolvidas no fenômeno compreendido, bem como, quais são os aspectos envolvidos na relação do sujeito investigado com o fenômeno em questão, neste caso a utilização de animais como recurso de trabalho em Psicologia. Portanto, neste capítulo serão abordados aspectos relacionados à atuação profissional dos sujeitos de pesquisa, tais como: Atividades desenvolvidas, Recursos utilizados por estes sujeitos em suas intervenções e motivos atribuídos por eles, para a utilização ou não, do animal como recurso de trabalho. Essa organização do presente capítulo visa fazer uma caracterização geral dos participantes de pesquisa, no que diz respeito as suas práticas profissionais.

Busca-se ao longo da análise de dados estabelecer relações entre os profissionais que utilizam e os profissionais que não utilizam animais como recurso de trabalho, através da compreensão dos aspectos que permeiam a opção por utilizar ou não utilizar o animal como recurso.

5.1.1 Atuação profissional dos participantes em Psicologia.

A escolha ou não escolha de um recurso de trabalho, é permeada pelos aspectos envolvidos na prática profissional dos psicólogos investigados. Para tanto serão apresentadas a seguir no Quadro 3 as características da atividade profissional desenvolvidas atualmente pelos sujeitos de pesquisa do Grupo A e B, afim de promover uma melhor compreensão sobre as possíveis semelhanças e diferenças no tipo de atividades desenvolvidas por ambos os grupos de sujeitos pesquisados.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Área de atuação	Clínica	A1, A2, A3 e A4	B1, B2, B3 e B4
	Docência	A3 e A4	B2 e B4
	Social	A1 e A4	-
Tipo de atividade desenvolvida	Ministrar aulas	A3 e A4	B2 e B4
	Atendimentos Clínicos	A2 e A3	B1 e B2
	Intervenções Assistidas por Animais (IAA)	A1, A3 e A4	-
	Psicoterapia	A1	B4
	Modificação de comportamento animal	A2	-
	Aconselhamento a donos de animais	A2	-
	Grupo sócio educativo	A4	-
	Avaliação Psicológica	-	B3

Quadro 3 – Características da atividade profissional desenvolvida pelos participantes do Grupo A e B, em Psicologia.

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 3 representa as características da atividade profissional desenvolvida pelos participantes do Grupo A e B, em Psicologia. Ele está dividido em duas categorias, *Área de Atuação* e *Tipo de Atividade desenvolvida*. De acordo com as informações apresentadas nele, a categoria *Área de atuação* é composta por três subcategorias: *Clínica*, *Docência* e *Social*. Sendo a subcategoria *Clínica* a mais representativa, fazendo parte da área de atuação de todos os participantes. A subcategoria *Docência* foi apresentada por quatro sujeitos, de ambos os grupos e a subcategoria *Social*, foi citada apenas por dois sujeitos do Grupo A.

Já a categoria Tipo de atividade desenvolvida está composta por oito subcategorias: *Ministrar Aulas, Atendimentos Clínicos, Intervenções Assistidas por Animais, Psicoterapia, Modificação de comportamento animal, Aconselhamento a donos de animais, Grupos sócio educativos e Avaliação Psicológica*. As subcategorias mais citadas foram *Ministrar aulas e Atendimentos Clínicos*, citada por quatro sujeitos de ambos os grupos. Em seguida a subcategoria *Intervenções Assistidas por Animais*, cita por três sujeitos do Grupo A. *Psicoterapia*, citada por dois sujeitos de ambos os grupos. *Modificação de comportamento animal, Aconselhamento a donos de animais, Grupo sócio educativo e Avaliação Psicológica*, foram citadas por apenas um sujeito.

No que se refere à área de atuação do Grupo A, três sujeitos (A1, A2 e A3) consideram que atualmente atuam na área *Clínica*. Embora um dos sujeitos (A4), não denomine sua área de atuação como *Clínica*, identificou-se que a atividade que desenvolve em um dos locais onde trabalha é um trabalho clínico, por isso considerou-se que o mesmo também faz parte da categoria *Clínica*. Assim como o sujeito A1, que não apresenta como área de atuação a *Social*, mas realiza atividade relacionada a esta área. A3 além de atuar na área *Clínica* desempenha atividades na área da *Docência*, assim como A4. Portanto, a maioria dos participantes possuem como área de atuação a área *Clínica*.

Com relação ao tipo de atividades, três dos participantes (A1, A3 e A4) realizam *Intervenções Assistidas por Animais (IAA)*. A1 desenvolve a modalidade de Terapia Assistida por Animais (TAA) em seu consultório, em um lar de idosos e com crianças em risco social, e Atividades Assistidas por Animais (AAA) em um hospital. Além das *IAA*, A1 também considera que realiza *Psicoterapia* com seus pacientes no consultório, e nos demais locais onde realiza suas atividades profissionais considera que não desenvolve um processo de psicoterapia propriamente dito, mas que a atividade que desenvolve nesses locais requer uma leitura psicológica. O sujeito A3, também realiza *Atendimentos Clínicos* particulares, porém, em um centro particular de Equoterapia, através de um programa de terapia assistida por cavalos. Além dessa atividade, A3 *Ministra aulas* e desenvolve diversas ações de pesquisa, extensão e docência, relacionados ao trabalho com animais, em programas de graduação e pós-graduação de uma universidade. A4, também realiza atividades voltadas a docência, porém não especificamente relacionadas aos animais, o sujeito *Ministra Aulas* de saúde mental e Psicologia para os cursos de Fisioterapia e Enfermagem de uma universidade. Além disso, também realiza *IAA*, na modalidade TAA em um projeto, no qual, foi contratado especialmente para atuar com esta modalidade, em uma Instituição que atende pessoas com deficiência. Desenvolve também a modalidade AAA e EAA nos *Grupos sócio-educativos*

junto ao poder público. A2 também realiza atividades profissionais na área clínica, porém com um enfoque diferenciado atualmente. O participante já desenvolveu Intervenções Assistidas por Animais na modalidade AAA durante 12 anos, mas não desenvolve mais este tipo de atividade no momento. Atualmente realiza *Modificação de comportamento animal*. Sobre isso segue fala de A2:

Hoje em dia eu faço modificação de comportamento, digamos assim, eu trato de distúrbios comportamentais do animal, mas nem o animal tem o distúrbio sem que ele desenvolva o ser humano também, você entende. O distúrbio além de ter, digamos assim um componente genético é fruto do ambiente, e o ambiente é diretamente ligado ao ser humano, ao proprietário, a quem convive com o animal [...]. (sic).

Além disso A2, também realiza *Aconselhamento a donos de animais*, auxiliando-os, desde a escolha do animal, até a elaboração do luto, quando o animal morre. Portanto A2 é a única participante que não realiza IAA atualmente, embora realize atividades relacionadas com animais com outros objetivos.

Com relação ao Grupo B, no que se refere a área de atuação, três dos sujeitos (B1, B2 e B4), consideram que sua área de atuação é a área *Clínica*. A exemplo do que ocorreu no Grupo A, o sujeito B3 também não denomina sua área de atuação como *Clínica*, porém o trabalho que desenvolve na instituição onde trabalha é uma atividade de ordem clínica. Por isso considerou-se que o mesmo também faz parte dessa categoria. Sendo assim, a maioria dos participantes desenvolvem atividades profissionais relacionadas à área *Clínica*. B2 e B4 ainda atuam na área da *Docência*.

Em relação a atividade desempenhada nas respectivas áreas de atuação, B1 e B2 consideram que realizam *Atendimentos Clínicos*, ambas em consultórios particulares. B1 ainda especifica que realiza atendimentos individuais com idosos, adultos, crianças e pessoas com deficiência. Todos utilizando técnicas do Psicodrama. B2, não especifica seu público, mas afirma que utiliza a composição da Abordagem Centrada na Pessoa em seus atendimentos. Na área da *Docência*, B2 *Ministra aulas* na disciplina de estágios clínicos em uma universidade e também realiza capacitação de profissionais em uma determinada abordagem psicológica. B3, por sua vez, realiza *Avaliações Psicológicas* de crianças em idade escolar, em uma Instituição que atende a pessoas com deficiência. B4, afirma que realiza *Psicoterapia* de adultos, casais e grupos; além de *Ministrar aulas* em um curso de especialização na Abordagem Gestalt e em seminários a respeito desta mesma abordagem no Brasil e no exterior.

Comparando as características das atividades profissionais desenvolvidas pelos participantes do Grupo A e B, pode-se afirmar que todos os oito participantes possuem como área de atuação a área *Clínica*. E embora dois participantes A4 e B3, não considerem que atuam nesta área, as atividades profissionais que ambos desempenham, ou pelo menos parte delas, estão relacionadas a esta área de atuação. Há de se levar em consideração que a área de atuação foi um dos critérios de escolha dos participantes do Grupo B, haja vista que a pesquisa tem um caráter comparativo.

Foi possível perceber também a partir da comparação, que em ambos os grupos os profissionais desempenhavam atividades profissionais em mais de uma área de atuação, sendo a *Docência* a segunda área mais citada entre os participantes, tendo quatro sujeitos (A3, A4, B2 e B4), dois de cada grupo desempenhando atividades nesta área. E apenas um sujeito (A4) desenvolve atividades na área *Social*, sub-categoria que nem apareceu no Grupo B.

De acordo com estes dados, pode-se afirmar que tanto os sujeitos pertencentes ao Grupo A, quanto os sujeitos pertencentes ao Grupo B, desempenham atividades profissionais em áreas tradicionais da Psicologia, ou seja, a área clínica. Indo ao encontro do que aponta Malvezzi e Zaneli (2010), que as duas principais áreas de atuação do psicólogo no Brasil atualmente, é a área clínica e organizacional. Embora a área organizacional não tenha sido citada, fato que pode evidenciar uma área onde as IAA ainda sejam pouco utilizadas, pelo menos no Brasil. Haja vista, que não foram encontradas literaturas nacionais, que versassem sobre a utilização de animais como recurso de trabalho de psicólogos organizacionais.

Segundo Malvezzi e Zaneli (2010), no que se refere as principais atividades desenvolvidas pelos profissionais da Psicologia, no século XXI, encontram-se a aplicação de testes psicológicos, atendimentos a crianças com distúrbios de aprendizagem e a realização de psicodiagnóstico. A partir do exposto é possível afirmar que a utilização do animal como recurso de trabalho promove uma inovação das praticas já desenvolvidas tradicionalmente. Assim como ilustra a fala do sujeito A4:

[...] uma adolescente obesa, que já faleceu até, ela não andava de jeito nenhum. Eu cheguei com a Amelie [cachorro], ela pegou a guia, soltou da mão de todo mundo. Então os fisios, falaram: ela deve ter algum deficit, eles não conseguiam avaliar porque ela não tentava. E era uma questão emocional de insegurança, de atenção, de ta sempre alguém do lado e ser uma forma de ela ter sempre alguém do lado, e ela soltou e foi, então acho que é isso (sic).

A partir da fala desse sujeito é possível perceber, ainda que indiretamente, uma avaliação psicológica e física do sujeito foco de sua intervenção, ou seja, é possível realizar

este tipo de processo através da utilização do animal como recurso. É perceptível também na fala dos outros participantes do Grupo A, que a utilização do animal permite esta avaliação a partir da forma como o “paciente” interage com o animal. É importante ressaltar que esta não é a única forma de avaliação psicológica utilizada por estes profissionais, todos eles utilizam outros instrumentos e técnicas no processo de avaliação dos sujeitos foco de sua intervenção. A utilização do animal permite uma avaliação constante e menos “invasiva”, pois o sujeito não percebe que está sendo avaliado, ele apenas interage com o animal.

É possível afirmar também que o tipo de atividades desenvolvida pelo Grupo B, é muito semelhante ao Grupo A, e os mesmos não identificam, ou pelo menos nunca pensaram em utilizar o animal no desempenho destas atividades. Esse fato será melhor analisado nas categorias seguintes. No que se refere ao tipo de atividades desenvolvidas pelos sujeitos pertencentes ao Grupo A, é possível fazer uma relação entre a demanda social e a ampliação do campo de intervenção. De acordo com Malvezzi (2012, p.18), a profissão do psicólogo, constitui uma atividade integrada à dinâmica da sociedade, havendo uma significativa e crescente demanda comercial, pois a Psicologia atua nos mais diversos campos de atividades em que as pessoas atuam como sujeito e como objeto de atenção e de estudo. Ainda que a atuação do psicólogo esteja pautada em uma demanda comercial, parece haver um movimento dos psicólogos pertencentes ao Grupo A, de ir além do que o mercado solicita. Não se trata apenas da utilização do animal como recurso de trabalho, mas sim do tipo de demandas apresentadas como foco de suas intervenções. Como a atividade desenvolvida pelo sujeito A1, com crianças em risco social; e do sujeito A4 com adolescentes em vulnerabilidade social. Essas atividades desenvolvidas pelos sujeitos citados acima, configuram uma ampliação do campo de atuação, pois atendem a demandas que geralmente não são foco de intervenções dos psicólogos, pois não representam uma demanda comercial. Muito embora, há de se considerar que existem inúmeras outras demandas que poderiam ser foco de intervenções tanto dos psicólogos pertencentes ao Grupo A, quanto do Grupo B e que não são foco de suas intervenções no momento.

Silva (2010, p.14) aponta que “estudos avaliativos sobre a qualidade da Intervenção de psicólogos no Brasil, conduzidos principalmente pelo Conselho Federal de Psicologia, identificam que embora hajam intervenções inovadoras em diversos campos, grande parte dos psicólogos ainda se restringem aos tradicionalmente conhecidos”. É possível afirmar que as IAA constituem uma possibilidade de inovação as práticas psicológicas, contribuindo para que os profissionais da Psicologia vislumbrem novas possibilidades de intervenções, para além das tradicionalmente utilizadas.

Ainda com relação ao tipo de atividades desenvolvidas pelo Grupo A, no que se refere as modalidades de *Intervenções Assistidas por Animais*, pode-se afirmar que a maioria, três dos sujeitos (A1, A3 e A4), realizam Terapia Assistida por Animais. A3 é a única participante que atualmente desenvolve apenas a TAA, embora já tenha utilizado a modalidade de Educação Assistida por Animais no passado. A1, além da TAA, também desenvolve Atividades Assistidas por Animais (AAA). E A4, realiza as três modalidades embora considere que as EAA, são atividades mais pontuais, tendo mais um caráter de AAA. O tipo de modalidade desenvolvido por estes sujeitos está relacionado ao local e ao tipo de público atendido, aspectos que serão analisados com maior detalhamento nas categorias a seguir.

Pra caracterizar a atuação de um profissional, além de conhecer a área de atuação e as atividades desenvolvidas, é necessário identificar os tipos de recursos e/ou instrumentos que este profissional utiliza em suas intervenções. Para tanto, será apresentado a seguir o Quadro 4 que representa os tipos de Recursos e/ou instrumentos utilizados pelos participantes do Grupo A e B em sua prática profissional.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Tipo de instrumento/ recurso	Animais	A1, A2, A3 e A4	-
	Jogos/ Brinquedos	A4	B1 e B3
	Objetos	A1	B1
	Desenho/Pintura	A4	B4
	Técnicas corporais	A1	B4
	Entrevista	-	B3 e B4
	Análise de sonhos	A1	-
	Materiais de montaria	A3	-
	Espaço Físico	A3	-
	Música	A4	-
	Observação	-	B3
	Testes psicológicos	-	B3
	Argila	-	B4
	Técnica de Reichi	-	B1
	Técnicas da Abordagem Centrada na Pessoa	-	B2

Quadro 4 – Recursos e/ou instrumentos utilizados pelos participantes do Grupo A e B na intervenção profissional em Psicologia.

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 4 representa os Recursos e/ou instrumentos utilizados pelos participantes do Grupo A e B na intervenção profissional em Psicologia. Ele é composto por doze subcategorias. Sendo *Animais* a mais citada, por todos os participantes do Grupo A, seguida da subcategoria *Jogos/Brinquedo*, citada por três participantes de ambos os grupos. *Objetos*, *Desenho*, *Técnicas Corporais*, foram citadas por dois participantes também de ambos os grupos; *Entrevista* por dois participantes do Grupo B. As demais subcategorias foram possuem apenas uma ocorrência.

De acordo com o Quadro 4, é possível identificar que além dos *Animais*, os psicólogos pertencentes ao Grupo A utilizam diferentes instrumentos/recursos em suas intervenções profissionais. O *Animal* é o único recurso utilizado por todos os participantes do grupo (A1, A2, A3 e A4). Com relação ao tipo de animal utilizado, este aspecto será discutido com maior abrangência no Quadro 7. Porém vale destacar que o animal em si não é um recurso, mas a relação que ele estabelece com os pacientes gera a possibilidade de intervenção.

É importante ressaltar que os recursos e/ou instrumentos utilizados pelos sujeitos do Grupo A, correspondem ao modo como cada um destes profissionais trabalham em Psicologia, ou seja, corresponde a maneira como cada um gosta ou se sente mais a vontade em realizar suas intervenções. Neste sentido, A1 além da utilização dos animais, utiliza também *Objetos* como: caixa de areia e bonecos em miniatura, denominada de técnica do Sandplay¹² que está relacionada ao tipo de abordagem na qual o sujeito trabalha, a abordagem Junguiana. Segundo A1, esta não é uma técnica especificamente desta abordagem, mas a maioria dos terapeutas Junguianos a utilizam. Segue fala de A1:

[...] É uma caixa de areia mesmo, ela tem todas as medidas padronizadas e tem areia dentro e agente coloca miniaturas que o paciente vai colocando e montando uma imagem, um quadro, uma história com aquelas miniaturas na areia e aí você vai fazendo a leitura através daqueles símbolos, daquelas miniaturas que o paciente resolveu colocar, da forma como ele mexe na areia, o que ele faz com aquela areia, o formato que ele coloca[...] (sic).

Além desta técnica, A1 utiliza também a *Análise de sonhos* e *Técnicas corporais* como a Calatonia e alguns toques sutis. A2, por sua vez utiliza apenas *Animais* como recurso de trabalho; e A3, além do animal utiliza também o *Espaço físico*. Segue fala de A3:

¹² Sandplay: A terapia na caixa de areia (ou *Sandplay*) é uma forma metodológica de psicoterapia desenvolvida inicialmente pelos analistas junguianos, como uma forma de terapia não-verbal, vivencial, não racional, que atinge um nível mais profundo da psique. O jogo de areia foi idealizado por Margareth Lowenfeld em 1929, quando criou a *Word Technique*, introduzindo o brinquedo na relação analítica com crianças. (RAMALHO, 2010)

Eu acabo utilizando de alguma forma ainda que acidental, variando muito de paciente pra paciente, o espaço físico que a gente tem, onde a gente trabalha [...] lá , a gente tem uma configuração bastante diferente, é um espaço aberto, com muito verde, terra, planta, cavalo, cachorros que não são animais de terapia mais estão na hípica, são da hípica, e acaba que algumas pessoas se identificam bastante com eles, tem cabra e tem galinha, que por vezes muito me atrapalham, mas que por vezes eu consigo potencializar de alguma forma, né então eu considero que são terapêuticos também.[...]

Além do *Espaço físico*, são utilizados na intervenção profissional do sujeito A3, plantas, os outros animais que não são os de terapia e ainda todos os *Materiais de montaria* utilizados na Equoterapia, esses possuem funções específicas para este trabalho. O sujeito A3, além dos animais de terapia e dos equipamentos específicos de trabalho em Equoterapia, identificou no ambiente físico e na sua configuração, um recurso útil para intervir em sua atuação profissional. A4 por sua vez, utiliza recursos que vão ao encontro do seu interesse, e sua identificação pessoal, como o participante mesmo relata. Afirma que gosta de trabalhar de uma forma lúdica com o seu público. Por possuir uma identificação com o movimento Hip-Hop utiliza desse recurso (*Musica*) juntamente com *Jogos*, *Desenhos* e arte-terapia.

Em relação aos tipos de recursos e/ou instrumentos utilizados na intervenção profissional em Psicologia pelos psicólogos do Grupo B, pode-se afirmar que estes, estão relacionados principalmente ao tipo de abordagem utilizada, e também ao público alvo de suas intervenções. O sujeito B1 utiliza como base de suas intervenções a abordagem do Psicodrama, porém possui como orientadora uma psicóloga Reichiana, por isso, além das técnicas do Psicodrama, utiliza também algumas *Técnica de Reichi*. Com crianças esse participante utiliza *Jogos e Brinquedos*. Com adultos utiliza diferentes *Objetos*, conforme sua fala:

[..]. Adulto eu utilizo os bonecos, na verdade eu trabalho bastante, objetos. Bonecos e pedra pra simbolizar o átomo social, pra ele me apresentar o dia-a-dia dele, pra ele me mostrar aonde ele se coloca dentro da rotina dele. Eu uso muito a almofada pra simbolizar ai uma emoção ou alguma atividade dele pra gente colocar ele em contato com isso, se colocar no lugar e ver o que ta acontecendo. Então eu utilizo tudo que você vê na minha sala, o que você possa imaginar eu utilizo bastante. [...] (sic).

O sujeito B2 por sua vez, afirma que utiliza somente os *Técnica da Abordagem Centrada na Pessoa*, tais como: a clarificação, reflexão de sentimentos, experiênciamento; e afirma que estes recursos promovem na pessoa o ato de refletir sobre si mesma na vida. Segundo B2, estas técnicas já fornecem subsídios suficientes para sua intervenção profissional. O participante B3 também utiliza *Jogos* em suas intervenções, além de *Testes*

psicológicos, Entrevista de anamnese¹³ e *Observação*. Já B4 que também utiliza *Entrevista*, considera que sua intervenção é basicamente a partir do diálogo. Além do diálogo, utiliza *Técnicas corporais*. Segue fala de B4:

[...] E utilizo também trabalhos corporais, digamos trabalho com a respiração, se ali no corpo eu percebo que tem algum bloqueio, eu procuro ampliar isso para que a pessoas se de conta, e percebe a partir do que aquilo ta surgindo, enfim a idéia é ampliar [...]. (sic)

O participante B4 ainda afirma que eventualmente utiliza como recurso a pintura, *Desenhos* e *Argila*, mas esse tipo de recurso geralmente é utilizado em trabalhos com grupo.

Pode-se afirmar que em ambos os Grupos A e B, a escolha ou a utilização do instrumento e/ou recurso de trabalho, está relacionada ao perfil, ou ao interesse do profissional por determinado instrumento. Por gostar, por sentir-se mais a vontade ou ainda por identificar nele uma utilidade. Essa escolha também está fortemente vinculada a linha teórica a qual o psicólogo está vinculado, fato que apareceu no relato de um participante do Grupo A, o sujeito (A1), e que ficou mais evidente no Grupo B. Outro fator que parece influenciar a escolha do instrumento e/ou recurso de trabalho é o tipo de público foco da intervenção profissional. No Grupo A, este fato fica evidente na fala de A4, onde a utilização da música e da arte está relacionada ao público, que são jovens em vulnerabilidade social que tem uma vinculação com a cultura Hip-Hop. No Grupo B, a influência do tipo de público fica evidente na fala de dois sujeitos (B1 e B4), B1 quando relata que utiliza brinquedo e jogos com as crianças e objetos como o espelho com adultos. B4, quando afirma que utiliza basicamente o diálogo nos atendimentos individuais e trabalhos com argila, pintura jogos com grupos.

Este subcapítulo apresentou os principais aspectos envolvidos na atuação profissionais dos sujeitos de pesquisa. A partir dele foi possível concluir que ambos os grupos possuem características muito semelhantes no que se refere a esses aspectos, evidenciando que o animal poderia ser um recurso a ser utilizado pelo Grupo B diante de sua realidade profissional. Perante essa colocação é possível questionar o motivo pelo qual estes sujeitos não identificaram nos animais uma possibilidade de recurso de trabalho? Quais os fatores que influenciaram nesta não escolha? E em relação ao Grupo A, quais aspectos contribuíram para a identificação do animal como recurso de Trabalho?

¹³ Anamnese é uma entrevista realizada pelo psicólogo com o objetivo de conhecer a história do sujeito atendido.

5.1.2 Motivação para escolha ou não escolha do Animal como recurso de trabalho.

Para compreender de onde parte a compreensão dos participantes de pesquisa sobre as IAA, e ainda identificar de que forma estes participantes identificaram ou não no animal um recurso a ser utilizado em suas intervenções profissionais, é necessário conhecer os aspectos envolvidos no processo de escolha dos mesmos. Portanto, conhecer como os participantes do Grupo A passaram a utilizar animais como recurso de trabalho, quais as fontes de conhecimentos e influências que levaram a prática de Intervenções Assistidas por Animais. Também será abordado o grau de conhecimento dos participantes do Grupo B em relação as IAA. Esses aspectos serão discutidos a seguir a partir dos dados apresentados no Quadro 5.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Fonte de Informação	Bibliografia/ Vídeos Estrangeiro	A2 e A3	B1
	Amigo e familiares	A1	B1
	Alunos	-	B2 e B4
	Internet	A4	-
	Associações e Institutos que desenvolvem intervenções assistidas por animais	A4	-
	Congresso	-	B2
	Graduação	-	B3
	Local de Trabalho	-	B3

Quadro 5- Conhecimento acerca das Intervenções Assistidas por Animais apresentada pelos sujeitos de pesquisa, Grupo A e B.

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 5 representa o conhecimento acerca das Intervenções Assistidas por Animais apresentada pelos sujeitos de pesquisa Grupo A e B. Ele se refere a categoria as Fontes de Informações que contribuíram para a apropriação do conhecimento das IAA por parte do sujeito de pesquisa. Esta categoria é constituída por oito subcategorias, que serão melhor discutidas ao longo do subcapítulo.

Com relação a forma como os participantes do Grupo A conheceram as Intervenções Assistidas por Animais (IAA), A1 relata que conheceu através de um *Amigo*

fisioterapeuta que já atuava com TAA. Ele convidou para conhecer seu trabalho, e desde então este sujeito passou a atuar, inicialmente como voluntária em uma ONG, pois ainda estava cursando a graduação em Psicologia e posteriormente em seu consultório. Com formação primeira em Veterinária o participante A2 conheceu as IAA através de *Bibliografias estrangeiras*, na ocasião que realizava sua Tese de Doutorado em Psicologia e, desde então, passou a realizar AAA. Já o participante A3, afirma que sempre teve uma relação muito intensa com bichos e passou a ler e assistir *Vídeos estrangeiros* relacionadas a IAA. A partir de então, passou a identificar a possibilidade de integrar seu trabalho em Psicologia e o trabalho com animais. Participou de cursos de capacitação, e inicialmente passou a utilizar o cachorro como recurso de trabalho. O participante A4, também afirma que possui uma forte vinculação com os animais e que sua primeira escolha de formação foi a Medicina Veterinária, porém conheceu a Psicologia e resolveu seguir a profissão. A4 considera que procurou integrar estas duas áreas do conhecimento através do contato com o animal, passou então a pesquisar na *Internet*, até que conheceu as seguintes *Associações e instituto que desenvolvem Intervenções Assistidas por Animais*: Associação Nacional de Equoterapia – ANDE, o Instituto Nacional de Atividade e Terapia Assistida por Animais – INATAA, e o Instituto Bucalán. O sujeito A4 também realizou o curso básico de capacitação em TAA, e desde então passou a trabalhar nesta área.

No que se refere ao grau de conhecimento do Grupo B, todos os participantes deste grupo afirmam conhecer as IAA, ou pelo menos, já ouviram falar sobre elas. Com relação ao tipo de animais utilizados nestas intervenções, todos citam o cavalo. B2, B3 e B4, apresentam também conhecimento quanto ao tipo de público, os três participantes conhecem a utilização da TAA em pessoas com deficiência, B3 especificamente com crianças e B4, ainda afirma que este tipo de intervenção é composta por uma equipe multidisciplinar.

Sobre as fontes de informações, onde o conhecimento sobre as IAA foram adquiridos, os participantes apresentam os seguintes tipos: B1 relata que seu noivo (*Familiares*) é fisioterapeuta e já desenvolveu atividades profissionais em Equoterapia. Ela nunca conheceu pessoalmente, mas assistia os vídeos das sessões realizadas por ele e também *vídeos estrangeiros*. B2, afirma que já ouviu falar sobre Equoterapia em alguns *Congressos* que participou, e que também conheceu um pouco melhor através de duas *Alunas* que faziam estágio em um local onde era desenvolvido um trabalho de Equoterapia. B3 também conheceu a Equoterapia através de uma *Aluna*, que realizava este tipo de trabalho em uma fazenda, atendendo a crianças com deficiência física e intelectual. B4 por sua vez, diz que ouviu falar sobre Equoterapia em uma disciplina, que não era uma disciplina específica de Equoterapia,

durante a *Graduação* de Psicologia. Posteriormente, B4 relata que teve a oportunidade de conhecer o trabalho de Equoterapia pessoalmente em seu *local de trabalho*, este local possuía diferentes centros de atendimentos a pessoas com deficiência, e que em um desses centros era desenvolvido o trabalho de Equoterapia, e por vezes durante as discussões de caso ela ouvia o relato das psicóloga que trabalhava nessa atividade.

Os dados apresentados no Quadro 5 fornecem subsídios para uma maior compreensão da motivação dos participantes da pesquisa para utilização ou não do animal como recurso de trabalho. Sendo assim, será apresentado a seguir no Quadro 6 os motivos atribuídos pelos participantes do Grupo A para utilização o animal como recurso de trabalho. E também os motivos atribuídos pelos participantes do Grupo B para a não utilização do animal como recurso de trabalho.

Categoria	Subcategoria	Grupo A	Categoria	Subcategoria	Grupo B
Motivos para utilização	Benefícios para o sujeito atendido	A1, A2, A3 e A4	Motivos para não Utilização	Falta de informação	B1 e B4
	Facilidades advindas da utilização do animal para o profissional	A1, A2, A3 e A4		Recurso que utiliza é suficiente	B2
	Função do animal	A1, A2 e A4		Não há possibilidade na atividade que realiza	B3
	Gostar de animais	A2, A3 e A4		Não trabalhar com criança	B4

Quadro 6 – Motivos para utilização ou não utilização do animal como recurso de trabalho atribuídos pelos participantes do Grupo A e B.

Fonte: Elaborado pela autora, 2012trabalho.

O Quadro 6 representa os motivos atribuídos pelos participantes do Grupo A, para a utilização do animal como recurso de trabalho, e os motivos atribuídos pelos participantes do Grupo B para a não utilização do animal como recurso de trabalho. O quadro está dividido em duas categorias *Motivos para utilização* e *Motivos para não Utilização* de acordo com cada grupo.

A categoria *Motivos para utilização* corresponde a resposta dos participantes do Grupo A e está dividida em quatro subcategorias: Benefícios para o sujeito atendido; Facilidades advindas da utilização do animal, Função do animal e Gostar de animais. As

quatro subcategorias foram representativas, sendo as duas primeiras citadas por todos os participantes do grupo e as duas últimas por três participantes.

Com relação a subcategorias *Benefícios para o sujeito atendido*, os participantes consideram que passaram a utilizar o animal como recurso de trabalho a partir do conhecimento dos benefícios promovidos pelas IAA. Como apresenta A2:

Desde que eu me conheço por veterinária (sua primeira formação), eu sempre vi o benefício, o amor que o animal provoca. E eu vi nos EUA, como o animal altera o ambiente hospitalar, ou qualquer ambiente onde ele entra, ele traz consigo alguma coisa especial, digamos assim, um campo morfogenético, ele traz com ele todas as qualidades hoje em dia, de bicho, ele é muito mais do que um mero cachorro, ele vira para a pessoa, alguma coisa pra ser tocada, pra ser sentida, pra ser percebida, pra ser reconhecida. (sic)

Esses benefícios eliciaram o desejo de todos os participantes do Grupo A em realizar IAA. Esses sujeitos identificaram que estes benefícios poderiam ser favoráveis ao tipo de trabalho que desenvolvem, identificando no animal um recurso útil a ser utilizado por conta dos benefícios que ele pode oferecer.

A segunda subcategoria mais citada como sendo motivadora destes participantes para a utilização do animal como recurso é *Facilidades advindas da utilização do animal para o profissional*. Os sujeitos de pesquisa consideram que o animal propicia algumas facilidades conforme apresenta o Quadro 15. Elas vão desde facilidades instrumentais, de utilização, de manejo, de promover um ambiente diferenciado, como apresenta A4:

[...] O terapeuta se sente em situação mais agradável né, mais confortável para o trabalho, porque ele tem ali um mediador que é o cão no caso. Então você já vai mais tranquilo pra sessão. O cão se sente bem, porque é agradável pra ele, você sabe que o cão, ele busca o carinho e o afeto, então é agradável pra ele, é reforçador pra ele. Então facilita muito, eu por exemplo quando vou sem o cão é mais difícil pra mim, quando eu vou com o cão... Tem algumas pesquisas que falam né, do ambiente de trabalho, o pessoal fala do Google, da Microsoft que você pode levar seu cão pro trabalho que isso da qualidade de vida, pra gente também.(sic)

Podem ocorrer também facilidades referentes ao andamento do processo interventivo, onde o animal motiva o sujeito atendido a ser ativo no processo. Portanto além dos *Benefícios para o sujeito atendido*, as *Facilidades advindas da utilização do animal* como recurso de trabalho promoveram a escolha do animal como recurso por parte do Grupo A. Segundo relato de participantes do Grupo A, a percepção de que os animais poderiam ser um recurso a ser utilizado em suas intervenções profissionais.

Na subcategoria *Função do animal*, os participantes identificaram que os animais desempenhavam determinadas funções no processo interventivo que poderiam, além de facilitar o processo, promover intervenções eficazes e favoráveis ao sujeito atendido. Assim como apresenta A1:

[...] “ E depois com o tempo quando eu fui percebendo, né os benefícios o que aquilo mobilizava nos pacientes. Então eu pude perceber que o animal é uma fonte de projeção muito grande, assim as outras técnicas, como a caixa lúdica por exemplo, só que o cachorro vai responder a essas projeções” [...] (sic).

Os participantes do Grupo A também apresentam a subcategoria *Gostar de Animais*. A afeição e a proximidade com animais despertou nestes sujeitos o interesse e o desejo de conciliar este gostar de animais com sua prática profissional. Conforme A3:

Eu acho que o primeiro motivo é exatamente esse que eu já contei da minha trajetória então é uma coisa assim eu vou unir o útil ao agradável, então eu gosto de bicho, sempre tive muita atividade relacionada a bicho, eu vou colocar isso dentro do meu universo o Máximo que eu conseguir, eu acho que essa é a primeira justificativa, eu acho que ninguém começa a trabalhar com isso sem gostar [...] (sic).

Gostar de animais pode-se dizer que é imprescindível ao profissional que irá atuar com IAA e, geralmente, é este o primeiro fator que leva o psicólogo ou qualquer outro profissional que atua realizando intervenções desta natureza, a utilizar o animal como recurso de trabalho. É importante levar em consideração que este é um dos primeiros motivos, o propulsor do início da utilização do animal como recurso de trabalho, mas ele está relacionado aos demais que já foram discutidos anteriormente. *Gostar de animais* não é único e exclusivo o motivo atribuído por estes participantes para o início de suas IAA, mas pode-se dizer que ele está associado aos demais. Se ele for o único motivo atribuído pelo psicólogo (o que não é o caso dos participantes de pesquisa) para a utilização do animal como recurso de trabalho, as intervenções deste profissional podem estar comprometidas. Uma vez, que o uso de um recurso para atender a necessidade pessoal do profissional e não a do sujeito foco de sua intervenção, pode ser considerada uma falta ética comprometendo a saúde e a segurança do sujeito atendido. Além disso, esse tipo de atitude pode levar a uma desvalorização das IAA pois podem ser utilizadas de maneira descontextualizada não considerando efetivamente a real demanda do paciente. Os efeitos produzidos, se houver, por estas intervenções não estarão pautados a nenhum tipo de objetivo, planejamento ou avaliação. Podendo ser comparado a um

simples contato entre o cão e um ser humano, como os que ocorrem casualmente em uma rua, praça ou parque, não havendo nenhum caráter profissional.

No que se refere a categoria *Motivos para não utilização*, ela corresponde a percepção do Grupo B, com relação aos motivos que levaram estes sujeitos a não utilização do animal como recurso de trabalho. Esta categoria está dividida em quatro subcategorias: *Falta de informação*; *Recurso que utiliza é suficiente*, *Não há possibilidade na atividade que realiza*; *Não trabalha com criança*. As quatro subcategorias correspondem praticamente ao motivo individual de cada participante, com exceção da primeira que corresponde a *Falta de informação*, citada por dois participantes (B1 e B4), as demais foram citadas por apenas um participante.

Com relação a subcategoria *Falta de informação*, o participante considera que a falta de informação contribuiu para que ele não vislumbrasse no animal um recurso a ser utilizado em sua atuação profissional. Conforme apresenta A1:

Nunca passou pela minha cabeça, eu acho que é falta de passarem isso nas escolas de pós-graduação, na própria faculdade. Principalmente na faculdade, deles passarem tudo que o psicólogo é possível, então todas as técnicas possíveis. Até teve uma exposição, eu recebi do CRP, de todas as áreas do psicólogo de trabalho, e eu não pude ir, e uma colega minha foi e ela me contando... e não teve nada relacionado ao animal, e ela me contou todos que ela viu. Então não tem, o pessoal, não fala, não expõe, né! Pensem nisso, montem isso. Aqui em Floripa não tem, então pensar em uma idéia dessa junto com o Governo até, quem sabe.(sic)

A fala desse sujeito é bem representativa. Ela revela o quão a falta de informação com relação as possibilidades de utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia, produz uma limitação e até mesmo uma impossibilidade de utilização por parte dos profissionais desta área. Apesar de ser citada por apenas dois participantes, podemos inferir que a *Falta de informação* constitui a motivação também dos demais participantes do Grupo B para a não escolha do animal como recurso de trabalho.

Conforme o Quadro 5, que se refere ao conhecimento acerca das IAA por parte dos participantes da pesquisa, metade dos participantes do Grupo B apresentam que adquiriram conhecimentos sobre as IAA através de fontes “informais”. Os sujeitos afirmam que esse conhecimento foi adquirido através de pessoas que faziam uso do animal como recurso de trabalho (noivo, alunos e local de trabalho). Apenas dois dos participantes afirmam ter ouvido falar sobre IAA em meio acadêmico e científico (B2 e B4), a primeira em um congresso e a segunda durante a graduação. Porém nem o congresso, nem a disciplina na qual

foi apresentada a IAA, eram específicas desta atividade, ou seja, tratavam de outras temáticas e em algum momento citaram a utilização do animal como recurso.

Ainda no Quadro 5 é possível perceber que os participantes possuem conhecimento sobre apenas um tipo de modalidade (TAA), e com apenas um tipo de animal (cavalo). Fato que limita muito a percepção destes participantes como possível recurso de ser utilizado. Embora a Equoterapia seja um tipo de IAA reconhecida nacionalmente, com uma série de benefícios (percebidos pelos participantes do grupo, conforme Quadro 12), o trabalho com cavalos requer um ambiente diferenciado por conta do porte do animal, o deslocamento é mais difícil, os custos são elevados. Portanto, é possível afirmar que talvez estes fatores podem ser um limitador da percepção dos participantes do grupo, no que se refere a utilização do animal como recurso de trabalho. Se estes sujeitos conhecem apenas a Equoterapia, e esse tipo de intervenção possui determinadas especificidades que dificulta, por exemplo, ao profissional que atende apenas no contexto clínico, em um consultório fechado, realizar IAA com cavalo. Seria necessário um espaço aberto para o manejo deste animal, nesse caso, pode haver uma limitação da percepção de que o animal pode ser um recurso de trabalho possível para esse sujeito.

Pode-se inferir que a *Falta de conhecimento* é um fator influenciador das demais subcategorias. No caso da subcategoria *Recurso que utiliza é suficiente*, a participante B2, considera que o recurso que utiliza atualmente e que utilizou ao longo de sua atividade profissional é suficiente para atender ao público ao qual ele realiza suas intervenções:

Porque eu acho que refletir é o suficiente, seja no contexto do adulto através da linguagem, seja na criança através do brinquedo e isso basta, tenho a impressão. [...] (sic)

Algumas abordagens possuem uma visão de homem e de mundo, e ainda um recurso próprio para intervir sobre as demandas que lhes são apresentadas, porém, é possível questionar se estes recursos não poderiam ser utilizados a partir da interação do indivíduo atendido com o animal? Ou seja, as IAA poderiam ser um recurso auxiliar na utilização do recurso de sua abordagem. Este questionamento não objetiva considerar o animal um recurso indispensável à atividade profissional do psicólogo, mas sim problematizar que todo recurso possui suas potencialidades e suas limitações e, em alguns casos, o animal poderia ser utilizado como potencializador de um recurso já utilizado pelo psicólogo. Como no caso do recurso que requer que o sujeito atendido fale, ou dialogue com o terapeuta, por exemplo. Muitos sujeitos não possuem uma interação espontânea com outras pessoas, já o animal

poderia ser um facilitador no sentido de promover esta interação espontânea. O sujeito B2, cita que no caso de crianças o brinquedo promove o ato de reflexão, será que o animal não poderia promover o mesmo ato? Por isso, a falta de conhecimento e ainda de fontes de informações científicas, contribuem para uma compreensão limitada das possibilidades de utilização do animal como recurso de trabalho.

O mesmo acontece com as subcategorias *Não há possibilidade na atividade que realiza*, citada pelo sujeito B3, e *Não trabalha com criança*, citada pelo sujeito B4, onde a falta de informação produz uma limitação na visualização de possibilidade de utilização do animal como recurso de trabalho. Segue colocação de B2:

Porque o trabalho que eu desenvolvo não teria essa possibilidade, até mesmo na Fundação, quando eu fui lotada, eu fui lotada em um centro aonde não haveria a possibilidade de utilizar o animal como recurso de trabalho. Porque o centro que eu fui lotada era um outro foco assim, não é reabilitatório. Eu fazia orientações a família, na verdade era mercado de trabalho, era orientação e encaminhamento de pessoas com deficiência ao mercado de trabalho. Então não teria esse instrumento né! Não teria essa possibilidade de ta utilizando animais. (sic)

Atualmente, esse sujeito realiza avaliação psicológica com crianças em idade escolar em uma instituição que atende pessoas com deficiência, ou seja, uma atividade que poderia ser realizada também através do animal. Além disso, pode-se perceber que esse sujeito possui uma percepção de que as IAA possuem um caráter reabilitatório, o que é verdade em alguns casos, mas ela não se restringe somente a reabilitação. As IAA podem ser utilizadas, na promoção de saúde, em processos de aprendizagem, em processos de avaliação psicológica e uma série de objetivos, conforme apresentadas no Quadro 13.

Com relação ao sujeito B4, o mesmo considera que as IAA sejam direcionadas ao público infantil. Conforme apresenta:

Pois é talvez a primeira coisa que me vem a cabeça é que eu não trabalho com criança entende, nunca trabalhei com criança, assim acabei me especializando em trabalhar com jovens e adultos e fui gostando. E eu acho assim também a pessoas tem que ir a fundo naquilo que ela faz, quem trabalha com criança deve trabalhar com criança, não com crianças, com idosos, com adultos, la, la.[...] E com adultos eu não vejo assim, pelo menos adultos assim, da forma desses que buscam que são mais assim pessoas que estariam com o ajustamento mais assim neuróticos, mais existenciais, que tem com relações coisa assim, eu não vejo assim como incluir, eu nunca pensei, talvez haja.(sic)

É possível perceber que o sujeito B4 até considera que haja alguma maneira de realizar IAA com adultos, porém não consegue identificar como, devido a falta de informação.

A partir do exposto na discussão acima pode-se verificar que a motivação para utilização e não utilização do animal perpassa por fatores diferenciados. Porém, influenciados principalmente pela informação e conhecimento, no caso do Grupo A ou a falta dele, no caso do Grupo B. Conhecimento este, sobre os benefícios, facilidades, função, objetivos, ou seja, das variáveis envolvidas no processo de IAA. Ainda há de se considerar o outro aspecto abordado que foi o fato de gostar de animais e estar disposto a lidar com eles durante a sua atuação profissional. Pois além de questionar sobre os motivos que levaram ao Grupo B a não utilizar o animal como recurso de trabalho, foi questionado aos mesmos se eles utilizariam este recurso por algum motivo. Três dos participantes responderam que sim (B1, B3 e B4), e B2 afirmou que não, por não ter muita afinidade com animais. Os demais afirmam que usariam se houvesse a possibilidade de conhecer mais, sobre as IAA e B3 se trabalhasse em outro tipo de atividade. Portanto, mais uma vez fica evidente que a produção de conhecimento com relação as IAA, contribui para uma maior compreensão do processo, e possibilita aos profissionais que não fazem uso deste recurso visualizar possibilidades de utilização e aplicação em suas atividades profissionais.

5.2 INTERVINDO A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS.

Neste capítulo serão abordados aspectos que fazem parte das IAA, tais como: Tipo de animais e suas funções; Tipo de locais que podem ser realizadas as IAA; Tipo de público que pode ser beneficiado; Objetivos atribuídos as IAA; Os Benefícios possíveis de serem alcançados; Planejamento e Avaliação de resultados. Esses aspectos compõem a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre o processo de intervir a partir da utilização de animais. A partir deles, é possível identificar de que forma estes sujeitos compreendem a utilização de animais como recurso de trabalho, e como este recurso poderia contribuir para a prática do psicólogo.

5.2.1 Tipos de Animais possíveis de serem utilizados nas Intervenções Assistidas por Animais.

Ao abordar a temática IAA, torna-se relevante iniciar a discussão deste capítulo pelo aspecto central deste tipo de prática, os animais. A utilização de animais em práticas interventivas teve seus primeiros indícios ainda no século XVIII (ALTHAUSEN, 2006). Desde os primeiros relatos até os primeiros estudos científicos em 1960, e proliferação das IAA em diferentes países do mundo, incluindo o Brasil, existem registros da utilização de diferentes espécies de animais nesse tipo de prática. Contudo, cabe questionar como os participantes de pesquisa percebem os tipos de animais possíveis de serem utilizados nas IAA? Quais aspectos estão envolvidos nessa percepção? De acordo com os participantes quais características são importantes para um fazer parte de IAA? Na avaliação deles, qualquer animal pode ser utilizado em IAA?

Para responder a estes e outros questionamentos, será apresentado a seguir o Quadro 7 que representa um comparativo entre os tipos de animais utilizados pelos participantes do Grupo A em suas intervenções profissionais e os tipos de animais que os participantes do Grupo B consideram que poderia ser utilizado na intervenção profissional do psicólogo. Esse quadro permite identificar, quais animais estão sendo efetivamente utilizados em IAA, uma vez que o Grupo A, representa psicólogos que realizam IAA e ainda identificar quais animais os psicólogos que não realizam IAA percebem como possíveis de serem utilizados.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	Sujeitos
		Grupo A	Grupo B
Tipo de Animais	Cão	A1, A2, A3, A4	B1, B2, B3 e B4
	Cavalo	A3	B1, B2, B3 e B4
	Coelho	A2 e A4	-
	Tartaruga/jabuti	A2 e A4	-
	Gato	A2	-
	Peixe	A2	-
	Ratazana	A4	-
	Porcos	A4	-
	Cabrito	A4	-
	Carneiro	A4	-
	Galinha	A4	-
	Animais domésticos	-	B3

Quadro 7– Comparativo entre os tipos de animais utilizados pelos participantes do Grupo A em suas intervenções profissionais e os tipos de animais que os participantes do Grupo B consideram que poderia ser utilizados na intervenção profissional do psicólogo.

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 7 ilustra os tipos de animais utilizados na intervenção profissional dos participantes do Grupo A, bem como os tipos de animais que os participantes do Grupo B consideram que poderiam ser utilizados em IAA.

Pode-se identificar que o animal com maior ocorrência de respostas em ambos os grupos foi o *Cão*, haja vista que todos os sujeitos de pesquisa citam este tipo de animal. Com relação aos participantes do Grupo A, o *Cão* aparece como o tipo de animal mais utilizado nas intervenções profissionais desses sujeitos, sendo que eles utilizam ou já utilizaram este animal em suas Intervenções Assistidas por Animais. A1 e A4 utilizam atualmente, sendo que A1 é o único profissional deste grupo que usa somente o *Cão* em suas intervenções. A2 e A3 já utilizaram o *Cão* em algum momento na sua atividade profissional, mas atualmente A3 utiliza somente o *Cavalo* e A2 não realiza mais IAA. Portanto, apesar de ser o mais utilizado, o *Cão* não é o tipo de animal exclusivo das IAA dos psicólogos do Grupo A.

Doti (2005) aponta que apesar da utilização de outros tipos de animais, os cães são os eleitos para o trabalho em IAA. Esta maior utilização ocorre segundo o autor, por conta das características desse animal, tais como inteligência e atenção. Além de características históricas, adquiridas ao longo do convívio entre os seres humanos e o cão, como confiança e companheirismo. As pessoas geralmente se sentem mais a vontade quando estão em contato

com animais que são próximos do seu convívio, pois conhecem suas características e seus comportamentos; animais que não são tão comuns ao convívio podem ocasionar estranhamento e até mesmo medo por parte do sujeito que é foco da IAA. Como apresenta A4, segue fala:

[...] Principalmente o cão, o cão facilita muito, o cão é um animal que por natureza a gente já tem uma aproximação, a maior parte das pessoas já tem uma aproximação com o cão. Então quando eu uso os não convencionais, pessoas que tem muita curiosidade, isso ajuda, quer passar a mão no animal que nunca passou a mão, nunca tocou, mas por outro lado não tem essa identificação de abraçar, de ta junto de afeto [...] (sic).

Os participantes do Grupo A parecem utilizar o *Cão* em suas IAA devido a suas características, sejam elas físicas, comportamentais e até mesmo simbólicas.

O *Cão* também aparece com um dos animais mais considerados pelos participantes do Grupo B como possíveis de serem utilizados nas IAA. Todos os participantes citam o *Cão* em suas falas, três apresentam especificamente este tipo de animal (B1, B2 e B4) e B3 indiretamente, este sujeito afirma que os *Animais domésticos* de maneira geral poderiam ser utilizados nas intervenções em Psicologia. Com relação a esta subcategoria, talvez o *Cão* seja o principal representante dos animais domésticos, seguido do gato, coelho, cavalo, vaca, porco, carneiro que também podem ser domesticáveis

O participante B1 considera que o *Cachorro* é um companheiro, que pode propiciar relaxamento às pessoas a partir da interação com este animal. B2 por sua vez, considera que os *Cães* são capazes de favorecer o estabelecimento de relações, e não é qualquer tipo de relação, é uma relação verdadeira, sem valores embutidos. B3, afirma que identifica o *Cavalo* a principio e que não tem uma opinião formada quanto aos outros tipos de animais que poderiam ser utilizados nas intervenções do psicólogo, mas considera que os *Animais domésticos* de maneira geral poderiam ser utilizados. Já o participante B4, corrobora com a mesma opinião de B2 no sentido que o *Cão* favorece o estabelecimento de relação, porém afirma que esta relação é de ordem afetiva, e o animal responde aos estímulos das pessoas que estabelecem relações com eles. Segue fala de B4:

[...] mas como as pessoas estão se vinculando aos animais, assim, quase que como alguém sabe, quase como se fosse uma pessoa, mas diferentemente de uma pessoa os animais tem uma qualidade muito boa, eles não demandam, os animais não pedem nada, eles só dão, eles dão presença, eles dão afeto, afeto não, eles dão assim é uma espécie de carinho, porque vem passa, lambe, né. E onde você vai eles estão por perto, e são espontâneos, são alegres, brincam, e isso preenche sabe, preenche a vida da pessoa, os afetos, é bem bonito assim.[...]. (sic)

Estas características a respeito do cão citadas tanto pelos participantes do Grupo A quanto do Grupo B, como justificativa para utilização deste animal como recurso de trabalho do psicólogo, vão ao encontro do que propõe Garcia (2009) com relação a aceitação das pessoas aos cães, devido as suas características comportamentais. De acordo com o autor, o cão possui comportamentos sociais muito semelhantes aos da espécie humana. Estes animais buscam contato físico, interagem fazendo contato visual e estabelecem relações que podem ser chamadas de afetivas. A partir do exposto, é possível afirmar que o *Cão* é identificado pelos participantes de pesquisa como animais que poderiam ser utilizados em IAA devido a suas características comportamentais, e ao tipo de relação que as pessoas estabelecem com o mesmo. E isso é devido à proximidade e à familiaridade adquirida entre seres humanos e cães. De acordo com Serpell (1997 apud GARCIA, 2009) como o primeiro animal a ser domesticado, o cão se manteve como o animal de estimação mais presente nos lares das pessoas, sendo mais comum as pessoas gostarem de cães do que qualquer outro tipo de animal. Esta afinidade dos seres humanos com os cães são identificadas pelos participantes como um facilitador do processo de IAA.

O segundo tipo de animal com maior representatividade nas falas dos sujeitos de pesquisa foi o *Cavalo*, sendo citado por cinco participantes. Sendo um do Grupo A (A3) e quatro do Grupo B (B1, B2, B3 e B4).

A utilização do *Cavalo* como recurso interventivo é denominada Equoterapia. Dentre as IAA, esta é a única prática reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina. Além disso, a utilização do cavalo em intervenções profissionais possuem certificação pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE- BRASIL). Esta Associação foi fundada em 1989 e tem por objetivo coordenar, controlar e normatizar as práticas em Equoterapia no Brasil (ANDE-BRASIL, 2012). Portanto, o *Cavalo* é o único tipo de animal, que possui uma organização com relação a sua utilização em práticas interventivas. A primeira sessão de Equoterapia é realizada a partir do surgimento da ANDE, conforme aponta Motti (2007), ela ocorreu no centro de atendimento da entidade no ano de 1990.

Em relação aos participantes de pesquisa, no Grupo A somente o sujeito A3, efetivamente utiliza o *Cavalo* em suas IAA. Essa utilização parece estar pautada na característica deste animal, principalmente as físicas, e nas possibilidades que esta característica propicia a intervenção do profissional (em termos de objetivos, atendimento a demandas, entre outros) e ao sujeito foco das intervenções (em termos de benefícios), conforme fala A3:

[...] quando a gente ta falando particularmente de cavalo, a gente ta falando do movimento cinesioterapêutico¹⁴ do cavalo que é incontestável, em nenhuma outra sessão de nenhum outro atendimento ele vai fazer a mesma coisa.[...] (sic)

Segundo este sujeito o *Cavalo* possui características específicas, de movimento, que não seria possível em outro tipo de intervenção. De acordo com Wickert (1999 apud MOTTI, 2007, p.51) “a característica mais importante para a Equoterapia é que o passo do cavalo transmite ao cavaleiro: movimentos seqüenciados e simultâneos, resultando num movimento tridimensional (para cima e para baixo, frente e trás, direita e esquerda)”. Portanto, o fato de o *Cavalo* permitir a montaria já é uma característica diferenciada, pois o sujeito não apenas toca no animal, mas de certa forma, faz parte dele, acompanhando seus movimentos e respondendo a eles. Esses movimentos possibilitados pelo passo do cavalo são únicos, pois “o cavalo é o animal cuja marcha mais se assemelha à do ser humano” (PACCHIELE, 1999 apud MOTTI, 2007. P.54)

Com relação ao Grupo B, a maior ocorrência do *Cavalo* no tipo de animal considerado como possível de ser utilizado em IAA, pode estar relacionada a vivências profissionais e pessoais que estes sujeitos tiveram. Uma vez que todos os participantes tiveram contato direto ou indiretamente com IAA com utilização do *Cavalo*. B1 possui um relacionamento afetivo com uma pessoa que já atuou com Equoterapia; B2 por sua vez, ouviu falar em congressos e também ministrou aulas para alunas que possuíam um vínculo empregatício em um local onde eram desenvolvidos trabalhos de Equoterapia; B3 atuou em uma instituição onde havia um programa de Equoterapia e mantinha contato com os profissionais que desenvolviam as intervenções e B4 também teve contato com uma aluna que desenvolvia intervenções em Equoterapia. Portanto, um dos fatores que pode ter influenciado na percepção dos participantes foi o contato, ou o conhecimento que já possuíam sobre um tipo de IAA, a Equoterapia.

Os participantes do Grupo B sabiam que o *Cavalo* era utilizado por psicólogos, por isso possivelmente identificaram que este animal poderia ser utilizado em intervenções profissionais. Esse contato que os participantes tiveram com a Equoterapia, seja ele direto ou indireto, propiciou a identificação de algumas características do cavalo e a maneira como elas poderiam ser utilizadas como recurso do trabalho do psicólogo. Assim como seus possíveis resultados ou benefícios para as intervenções deste profissional. Fator que possivelmente

¹⁴ A cinesioterapia é definida etimologicamente como a arte de curar, utilizando todas as técnicas do movimento. Licht (1965) definiu exercício terapêutico como “movimento do corpo ou das partes corporais para alívio de sintomas ou melhorar a função” Fonte: <http://www.cinesioterapia.com>

também contribuiu para que os participantes do Grupo B visualizassem no *Cavalo* um tipo de animal a ser utilizado como recurso de intervenção em Psicologia.

Ainda foram citados pelo Grupo A, a utilização do coelho e a tartaruga ou jabuti. Estes animais são utilizados por dois sujeitos. Atualmente A4 utiliza - além do cão, do coelho e do jabuti, animais como ratazanas, porcos, cabritos, carneiros e galinhas, e A2, que além do cão, coelho e tartaruga, também já utilizou em suas IAA peixes e gatos.

Segundo Dotti (2005) diferentes tipos de animais podem ser utilizados nas IAA, tais como: cães, gatos, cavalos, animais de fazenda, coelhos, furões, hamsters, porquinho da índia, tartaruga, lhamas, pássaros, peixes e répteis. Esta diversidade pode ser identificada nas respostas dos participantes do Grupo A. Os mesmos utilizam diferentes tipos de animais, que vão dos mais comuns ao cotidiano das pessoas, como os domésticos cães e gatos, até os mais incomuns ao convívio, como ratazanas e porcos.

Para Dotti (2005) cada animal possui suas próprias características, vantagens e desvantagens. Desse modo, a escolha do tipo de animal utilizado nas IAA dos profissionais do Grupo A, parece estar relacionada a essa característica e representação do animal escolhido para as pessoas de maneira geral e principalmente para o sujeito foco da intervenção.

De acordo com Garcia (2009), cada animal exigirá um tipo de manejo em função de suas características e serão estas características as delimitadoras do tipo de procedimento a ser utilizado e o tipo de resultado a ser obtido. Como é o caso do participante A3: atualmente ele utiliza o *Cavalo* na Terapia Assistida por Animais em um público diversificado e com diferentes patologias, com o objetivo de reabilitação desses sujeitos. Porém A3 já utilizou o *cão* em uma escola de educação especial realizando a modalidade de Educação Assistida por Animais, ou seja, o objetivo das intervenções são diferentes e o tipo de animal também. O *Cavalo*, por exemplo, é um animal em que há a possibilidade da montaria, o que favorece principalmente a questão corporal, diferente do *Cão*, onde esta possibilidade de trabalho corporal é mais limitada. Portanto, o tipo de animal utilizado nas IAA dos participantes do Grupo A está estritamente vinculado as características do público alvo, a demanda do cliente e aos objetivos que o psicólogo propõe trabalhar com este cliente.

A partir do quadro comparativo é possível afirmar que os tipos de animais citados pelos participantes do Grupo B, vão ao encontro dos tipos de animais utilizados pelo Grupo A em suas intervenções profissionais, principalmente o *Cão* que foi citado por todos os oito participantes. A partir disso, pode-se inferir que os participantes do Grupo B, possuem certo grau de clareza quanto aos tipos de animais que podem ser utilizados em IAA. Muito embora, há de se apontar que a maioria dos participantes do Grupo B (B1, B2 e B4) apontam apenas

dois tipos de animais, *Cavalo* e *Cão*. O primeiro, por conta de que todos os participantes conheciam a Equoterapia; e o segundo, pelo fato do cão ser um animal próximo do convívio das pessoas. Essa proximidade possibilita a identificação de determinadas características comportamentais do *Cão*, que poderiam ser favoráveis às pessoas e conseqüentemente às intervenções em Psicologia. É importante destacar que, apesar de citarem apenas dois tipos de animais, os participantes de alguma forma visualizavam nesses animais características e possibilidades de utilização em intervenções profissionais, fato que fica evidente nos fatores que serão analisados ao longo deste capítulo. B3, por exemplo, cita *Animais domésticos* em geral, subcategoria que engloba a maioria dos animais citados pelo Grupo A, porém o participante não tem clareza, com exceção do *Cavalo* e do *Cão*, de que forma os outros tipos de animais poderiam ser utilizados.

Outro aspecto que chama a atenção no quadro comparativo é fato de que o *Cavalo* foi identificado por todos os participantes do Grupo B, como o tipo de animal que poderia ser utilizado na intervenção profissional dos psicólogos, porém somente um participante do Grupo A, (A3) utiliza este tipo de animal em sua intervenção profissional. A respeito disso podemos identificar uma série de variáveis envolvidas. Primeiramente a área de atuação e o tipo de atividade desenvolvida pelos psicólogos do Grupo A, e nesses aspectos especificamente estão envolvidos o tipo de público e o local onde estes profissionais atuam. Muito embora todos os participantes do Grupo A possuam como área de atuação a clínica, conforme foi apresentado no Quadro 3, esses profissionais desenvolvem intervenções em locais distintos e públicos diferenciados, como será possível identificar nos Quadros 9 e 10. Sendo assim, a maioria dos participantes (A1, A2 e A4) desenvolvem atividades em instituições “fechadas”, não havendo possibilidade de utilizar um *Cavalo*, por exemplo, nestes casos utilizam animais de menor porte, onde o transporte é mais facilitado.

Os participantes A3 e A4 (em um outro local que realiza IAA) possuem uma configuração de espaço diferenciado. Os dois desenvolvem suas IAA, em espaços mais amplos, como sítio e centro de Equoterapia, o que viabiliza a utilização de animais de grande porte como *Cavalos*, *Porcos* e *Cabritos*, pois não é necessário o deslocamento do animal de seu ambiente natural. Estes locais também podem comportar uma maior gama de tipos de animais.

Outro fator a ser considerado, é com relação a afinidade com o tipo de animal que o profissional irá realizar suas intervenções, ou seja, para que o profissional utilize determinado tipo de animal ele deve gostar desse animal e saber manejá-lo. Como é o caso de A3: segundo o participante ele sempre teve uma relação muito próxima tanto com o cão

quanto com o cavalo. Então esse é um fator que pode influenciar bastante na escolha do tipo de animal a ser utilizado nas IAA do profissional.

E por fim, e não menos importante, é necessários levarmos em consideração o tamanho da amostra de participantes do Grupo A. Embora o número de psicólogos que atuam com IAA seja pequeno, o Grupo A, representa uma amostra ainda menor do número total de profissionais que utilizam animais como recurso de trabalho. Portanto, não é fato de que apenas um participante do Grupo A utilize o *Cavalo* em suas IAA, que podemos afirmar que este tipo de animal é pouco utilizado pelos psicólogos de maneira geral. Apenas podemos indicar que esta subcategoria teve pouca representatividade no Grupo A. O fato de todos os participantes do Grupo B, considerarem que o cavalo poderia ser utilizado em intervenções profissionais em Psicologia, reforça a hipótese de que esse animal não é pouco utilizado pelos psicólogos. Haja vista, que esta percepção apresentada pelos participantes do Grupo B, está pautada no contato que eles tiveram com profissionais ou pessoas que desenvolviam trabalhos em Equoterapia, portanto todos conheciam pelo menos um profissional que utiliza o *Cavalo* em sua intervenção profissional.

5.2.2 Função do animal nas Intervenções Assistidas por Animais.

Para compreender de que forma o animal pode participar do processo de intervenção do psicólogo, é preciso identificar qual função é atribuída a ele pelos participantes da pesquisa. Para que seja possível esta compreensão será apresentado a seguir o Quadro 8 que representa a percepção do Grupo A e do Grupo B com relação a função do animal no processo interventivo em Psicologia.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Tipo de função	Facilitadora	A1, A2, A3 e A4	B1, B3 e B4
	Afetiva	A1 e A3	B2 e B4
	Projetiva	A1	B2
	Simbólica	A1 e A2	-

Quadro 8– Características da função do animal como recurso de trabalho de profissionais da psicologia segundo os participantes do Grupo A e Grupo B.

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 8 apresenta as características das funções atribuídas pelos participantes A e B aos animais utilizados como recurso de trabalho em intervenções profissionais do psicólogo. De acordo com os dados representados neste quadro, é possível identificar que a função *Facilitadora* aparece na resposta de todos os participantes do Grupo A e na maioria das respostas dos participantes do Grupo B, sendo que três sujeitos (B1, B3 e B4) citaram esta subcategoria. A segunda categoria com maior representatividade é função *Afetiva*, sendo citada por quatro sujeitos, sendo dois do Grupo A, (A1 e A3) e dois do Grupo B, (B2 e B4). A subcategoria *Projetiva* por sua vez foi citada por dois sujeitos, um de cada grupo (A1 e B2). E a subcategoria *Simbólica* foi citada por dois sujeitos pertencente ao Grupo A (A1 e A2).

Comparando as respostas apresentadas pelos participantes dos dois grupos A e B, pode-se afirmar que há congruência entre a percepção dos dois grupos com relação a função desempenhada pelo animal nas IAA. Uma vez que, na maioria das subcategorias haviam respostas dos sujeitos de ambos os grupos. Somente a subcategoria *Simbólica*, foi citada por dois participantes do Grupo A e por nenhum do Grupo B, as demais foram citadas em igual proporção no Grupo A e B. É importante destacar que o sujeito B2, quando questionado sobre a categoria tipo de função desempenhada pelo animal como recurso de trabalho em Psicologia, afirmou que não saberia dizer qual seria esta função. Porém, no decorrer das respostas apresentadas nas demais questões foi possível identificar elementos que correspondiam as subcategorias apresentadas pelos demais participantes de ambos os grupos e contidas no Quadro 10. Portanto, esses elementos identificados nas respostas do participante B2 foram alocados nas subcategorias correspondentes a seu significado.

De acordo com os participantes de ambos os grupos, a função *Facilitadora* se refere a possibilidade que o animal oferece em facilitar o processo de intervenção. Primeiramente por representar um recurso familiar e de convívio próximo dos seres humanos, ele pode favorecer uma aproximação do sujeito foco da intervenção com o animal. A partir disso, pode haver um maior engajamento do mesmo com o processo interventivo, potencializando resultados da intervenção do profissional. Outro fator apresentado por grande parte dos participantes de ambos os grupos, é a facilitação do vínculo, que está relacionada a estes aspectos que foram citados anteriormente, da afinidade estabelecida entre os seres humanos e algumas espécies de animais. Essa vinculação estabelecida no cotidiano das pessoas com esses animais possibilitam a vinculação do sujeito foco da intervenção com os animais utilizados nas IAA, assim como favorece o vínculo com o profissional que realiza as intervenções.

No que se refere a função *Afetiva*, tanto os participantes Grupo A quanto do Grupo B, consideram que os animais possuem determinadas características que favorecem o estabelecimento de afeto. Ele é facilitador a partir da interação das pessoas foco das intervenções e os animais utilizados nas IAA, através do toque e das respostas apresentadas pelos animais. Segue fala do participante B4, que representa os aspectos discutidos acima:

Eu acho que é facilitar o vínculo, por exemplo, eu acho que é uma coisa de corpo uma linguagem corporal, uma coisa assim espontânea uma coisa assim que talvez nós humanos perdemos um pouco [...]. (sic)

A possibilidade de interação e de resposta que o animal pode dar ao estímulo dos sujeitos também estão relacionadas a subcategoria função *Projetiva*, onde o sujeito foco da intervenção projeta no animal, ou em seu comportamento, coisas de si. Sendo o animal um ser que responde a estímulos, esta função *Projetiva* é identificada como possível de ser utilizada nas IAA, pois as pessoas conseguem interagir com o animal e depositar neles sentimentos, emoções e projeções.

Com relação a subcategoria função *Simbólica*, ela corresponde ao simbolismo que o animal representa para os seres humanos, como é o caso do cão, simbolicamente visualizado como amigo do homem. O cavalo também possui esse simbolismo, segundo Dotti (2005) esse animal representa força, altivez, soberania, paixão e trabalho. Sobre isso, segue fala de A1 e A2 respectivamente:

Ele é um facilitador, devido as qualidades que ele tem basicamente simbólicas [...] (sic) (A1)

[...] e o animal ele mobiliza, o cachorro, o simbolismo do cachorro como melhor amigo do homem, como aquele que é próximo, então se essa pessoa gosta de cachorro porque que eu não posso gostar dela, então você já tem esse primeiro facilitador né, então fica mais fácil de se identificar. [...] (sic) (A2).

Esse simbolismo é visualizado por estes dois participantes como possível função dos animais como recurso de trabalho do psicólogo. Essas características *Simbólicas* podem ser utilizadas tanto para facilitar o processo de IAA, quanto para trabalhar conteúdos dos sujeitos foco da intervenção.

Os participantes de ambos os grupos percebem que o a função atribuída ao animal, está vinculada ao tipo de público foco das IAA, as demandas apresentadas por eles, e aos objetivos que o profissional busca alcançar. Portanto, o animal possui diferentes funções

que serão utilizadas de acordo com a necessidade do profissional frente a determinado público. Como por exemplo, pessoas que precisam de intervenções relacionadas a afetividade, o animal neste caso terá uma função afetiva, e assim com as demais funções.

De acordo com Kruger e Spell (2006 apud GARCIA, 2009) a partir da revisão das explicações mais encontradas na literatura, a respeito de como os animais podem servir de apoio em IAA, foram encontradas as seguintes funções: animais como estimulantes e redutores de ansiedade, esse aspecto corrobora com a função *Facilitadora* apresentada pelos participantes do Grupo A e B. A partir do momento que a presença do animal estimula o sujeito foco a interagir durante o processo interventivo e ainda diminui a ocorrência de ansiedade no decorrer dele, pode ocorrer facilitação da intervenção, engajamento do sujeito e a obtenção dos resultados propostos pelo profissional. Outra função encontrada pelos autores é a de facilitadores sociais, fonte de suporte social e de aprendizagem. Esses aspectos podem ser alcançados a partir do que os participantes consideram como função *Facilitadora de vínculo*, pois quando ocorre o estabelecimento de vínculo - seja com o animal, seja como o profissional ou demais sujeitos foco das intervenções - a socialização é favorecida e abre possibilidade de aprendizagem, tanto de habilidades sociais, como autonomia entre outras. Ainda foi encontrada a função de objeto de apego ou transicionais, que vai ao encontro da função *Projetiva* apresentada pelos sujeitos do Grupo A e B. Ainda que a transição e projeção sejam fenômenos diferentes, eles estão correlacionados. Quando o sujeito projeta no animal sentimentos que seriam pertencentes a outra pessoa ou objeto, ele transforma o animal em um objeto transicional, ou seja, substituto daquele que lhe falta. Sendo possível o psicólogo trabalhar estes conteúdos em sua intervenção profissional.

5.2.3 Locais onde as Intervenções Assistidas por Animais podem ser realizadas.

De acordo com Garcia (2009, p.169) “nem todos os locais aceitam, ou têm condições para aceitar a presença de animais. O contrário também é verdadeiro, nem todos locais são apropriados para recebê-los”. Existem variáveis envolvidas em um ambiente que podem favorecer ou inviabilizar as IAA. Sendo assim, é importante identificar como os participantes de pesquisa percebem a viabilidade da realização de IAA em determinados locais.

Com o objetivo de compreender a percepção dos participantes com relação as possibilidades de realização das IAA, será apresentado a seguir o Quadro 9, que representa os tipos de locais em que os participantes do Grupo A realizam suas intervenções profissionais bem como os locais que os participantes do Grupo B consideram que poderiam ser realizadas as IAA.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Tipo Locais	Instituições que atendem pessoas com deficiência	A2, A3 e A4	B1, B3 e B4
	Hospital	A1, A2 e A3	B4
	Escolas	A2	B1, B2 e B4
	Creches	A2	B2
	Centro de Equoterapia	A3	B1
	Instituições psiquiátricas	A2	B4
	Sítio	A4	B2
	Instituições prisionais	A2 e A4	-
	Abrigo de idosos	A1, A2	-
	Consultório particular	A1	-
	Orfanatos	-	B1

Quadro 9– Tipos de Locais utilizados em intervenções assistidas por animais em Psicologia de acordo com os profissionais do Grupo A e do Grupo B.

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 9 apresenta características dos tipos de locais em que os participantes do Grupo A realizam suas intervenções profissionais bem como os locais que os participantes do Grupo B consideram que poderiam ser realizadas as IAA. De acordo com os dados apresentados nele, a subcategoria com maior representatividade é a que representa *Instituições que atendem pessoas com deficiência* (nesta categoria estão sendo consideradas todos os tipos de instituições, inclusive escolas). Seis dos participantes citaram este tipo de local (A2, A3, A4, B1, B3 e B4), sendo três participantes de cada grupo. As próximas subcategorias com maior representatividade são: *Hospital*, sendo citada por quatro dos oito participantes de ambos os grupos (A1, A2, A3 e B4). Esta subcategoria foi mais citada pelos participantes do Grupo A, pois apenas um sujeito do Grupo B a citou como resposta. E a subcategoria *Escola*, também citada por quatro sujeitos (A2, B1, B2 e B4), porém com maior proporção no Grupo B onde foi citada por três sujeitos. *Centro de Equoterapia* (A3 e B1), *Instituições psiquiátricas* (A2 e B4), *Sítio*, (A4 e B2), *Instituições Prisionais* (A2 e A4) e *Abrigo de*

Idosos (A1 e A2) foram citadas por dois participantes cada uma. Sendo um participante do Grupo A e um do Grupo B com exceção das subcategorias *Instituições Prisionais* e *Abrigo de Idosos* que foram citadas apenas por sujeitos do Grupo A. E as subcategorias *Consultório particular* e *Orfanato* foram citadas por apenas um participante cada uma, a primeira por um participante do Grupo A, (A1) e a segunda por um participante do Grupo B, (B1).

Neste contexto é importante fazer uma distinção entre, os locais onde efetivamente os profissionais do Grupo A realizam suas IAA, e os locais onde esse grupo considera que poderiam ser realizadas intervenções dessa natureza, ou seja, locais em que eles não realizam intervenções, mas que eles consideram que poderiam ser realizadas.

De acordo com o participante A1, as suas IAA são realizadas em seu *Consultório particular*, em *Hospitais* (especificamente na ala da enfermaria e em outro local dentro da instituição que realiza intervenções com crianças institucionalizadas), e também em um *Abrigo de Idosos*. O participante A2 realizou IAA em *Creche*, *Escola*, *Hospital* especializado no tratamento de câncer, *Abrigo de Idosos*, *Instituição Psiquiátrica* e *Instituição que atende pessoas com deficiência*. Já o participante A3 realiza suas IAA em um *Centro de Equoterapia* particular, porém já realizou este tipo de intervenção em uma *Escola* que atendia pessoas com deficiência. E A4 que realiza IAA em uma *Instituição que atende pessoas com deficiência* e também em um *Sítio*. A partir do exposto é possível afirmar que o tipo de local onde são mais realizadas IAA pelo Grupo A são *Instituições que atendem pessoas com deficiência* com três sujeitos atuando neste tipo de local, seguidas do *Hospital* e *Abrigos de Idosos* com dois sujeitos atuando, os demais lugares possuem apenas um sujeito realizando IAA.

Com relação aos tipos de locais que os participantes do Grupo A não realizam IAA, mas consideram que poderiam ser realizadas, A2 e A4 apontam que este tipo de intervenção poderia ser realizada em *Instituições Prisionais*. Já A3 considera que poderia ser realizada em *Hospitais*. O participante ainda ressalta que as práticas em Equoterapia são reconhecidas pelo SUS, porém este órgão não mantém nenhum *Centro de Equoterapia*, e que parcerias nesse sentido seriam muito importantes.

A partir dos aspectos explicitados acima, é possível afirmar que a subcategoria com maior representatividade nas respostas apresentadas pelo Grupo A, foram as subcategorias *Instituições que atendem as pessoas com deficiência* e *Hospitais*. Ambas foram citadas por três sujeitos. A segunda subcategoria mais citada por esse grupo foram *Instituições prisionais* e *Abrigo de Idoso*, ambas citadas por dois sujeitos. As demais subcategorias foram citadas por apenas um sujeito deste grupo. Sendo que a subcategoria *Orfanato* não foi citada por nenhum participante do Grupo A.

Em se tratando de Grupo B, é possível identificar que as subcategorias com maior representatividade nas falas dos sujeitos deste grupo foram as subcategorias *Instituições que atendem pessoas com deficiência* e *Escola*. Ambas foram citadas por três participantes. As demais subcategorias foram citadas por apenas um sujeito. Já as subcategorias *Instituições Prisionais*, *Abrigo de Idosos* e *Consultório particular* não foram citadas por nenhum dos participantes. Portanto, pode-se inferir que os participantes do Grupo B não visualizam nestes locais possíveis campos onde as IAA poderiam ser realizadas.

Comparando as respostas apresentadas pelos participantes de ambos os grupos, é possível afirmar que as percepções apresentadas pelos participantes do Grupo A e Grupo B com relação ao tipo de locais que poderiam ser realizadas IAA, parecem estar em concordância. Uma vez que, das onze categorias estabelecidas a partir das respostas de ambos os grupos, sete apareciam como possibilidade para os sujeitos de ambos os grupos, ou seja, a maioria. E dessas sete, cinco são citadas em igual proporção pelos sujeitos dos dois grupos A e B. Não consta na literatura um consenso no que diz respeito ao tipo de locais onde as IAA poderiam ser realizadas, ou em quais desses locais essas intervenções seriam mais utilizadas. O que consta, são relatos de programas ou pesquisas que apresentam intervenções dessa natureza sendo realizadas em diferentes locais, apontando assim possíveis locais onde o psicólogo pode realizar suas IAA. De acordo com essas literaturas as IAA podem ser realizadas: em centros de atenção psicossocial, hospitais, escolas, instituições que abrigam idosos, prisões, instituições que atendem pessoas com deficiência, consultório particular e centros de equoterapia (DOTTI, 2005; FARACO et al., 2009; GARCIA, 2009; KOBAYASHI et al., 2009; MACHADO et al., 2008; MARCELINO; MELO, 2006; NAKAMURA et al., 2007; PAGLIANI ET AL., 2007; PEREIRA; LIMA, 2007). É possível perceber a partir da literatura consultada a diversidade de locais em que as IAA podem ser realizadas. Esta diversidade também está presente nas respostas apresentadas pelos participantes de ambos os grupos, pois as mesmas vão ao encontro do que propõe os autores citados acima.

Com relação ao tipo de local mais considerado pelos participantes de ambos os grupos como sendo possível a realização de IAA, as *Instituições que atendem pessoas com deficiência* aparece como a mais citada por ambos os grupos. Estes locais possuem indivíduos com diferentes tipos de deficiência, portanto as intervenções profissionais do psicólogo bem como dos demais profissionais envolvidos, podem partir de diferentes focos, tais como reabilitação, educação e promoção de saúde. E nestes diferentes focos as IAA podem ser utilizadas. Como aponta B3:

Posso dizer que dentro da Educação especial mesmo, e vejo isso, na reabilitação, em locais que tenham esse tipo de função. (sic)

No que diz respeito ao processo de educação de pessoas com deficiência, Dotti (2005) aponta que no caso das instituições de ensino voltadas a esse público, as IAA podem favorecer o processo de aprendizagem. Elas permitem o convívio social a partir do contato com os animais e trabalhos em grupo, além de diminuir a ocorrência de formas de educação que promovem a exclusão desses indivíduos no processo de aprendizagem. Ainda segundo o autor, esses aspectos podem promover a “formação de vínculo estimuladores, desenvolvendo valores éticos como: dignidade, respeito, igualdade e solidariedade para com os outros seres humanos, com o meio ambiente e com os animais” DOTTI (2005, p.254). Sendo assim, a partir do exposto, as possibilidades de ganhos adquiridos com IAA, apontam que as Instituições que atendem pessoas com deficiência aparecem como locais importantes e possíveis de serem foco das intervenções dos psicólogos.

Outro tipo de local mais considerado pelos participantes de ambos os grupos, foram os *Hospitais* e as *Escolas*, ambos citados por quatro participantes. Sendo que o primeiro foi mais citado pelo Grupo A (três participantes), enquanto que o segundo foi mais considerado pelo Grupo B (três participantes). Com relação à IAA em *Hospitais*, elas podem ser realizadas em diferentes unidades, diferentes setores e ainda atendendo a diferentes tipos de paciente, tais como: Clínica Pediátrica, Cirurgia Pediátrica, Unidade de Terapia Intensiva, Centro Cirúrgico (no pré e pós operatório) e Setor Pediátrico do Hospital-dia (CORREA et al., 2007; KOBAYASHI et al., 2009; PEREIRA et al., 2007). Segue fala da participante A4 que vai ao encontro do que os autores propõem:

Eu uso no Hospital das Clínicas, então dentro do hospital, já trabalhei também em outro hospital na enfermaria infantil, com crianças que tinham alguma questão cardiológica, que iam ser operadas ou já tinham sido operadas, e também com adultos. No hospital das clínicas eu trabalho também na enfermaria na enfermaria infantil psiquiátrica, então no hospital seria uma possibilidade, é muito rico. [...] (sic).

Falando especificamente das IAA nas *Escolas*, Dotti (2005, p. 254) aponta que “as informações disponíveis na literatura brasileira ainda são insipientes, quando relacionadas ao uso de animais nas escolas e como agentes de intervenções, sendo consideradas procedimentos isolados, totalmente desvinculados do currículo escolar”. O autor ainda ressalta que as IAA podem ser realizadas com crianças desde o maternal passando pelo ensino fundamental e médio, até profissionais de ensino superior. Apesar da maioria dos

participantes citarem a escola como possível local de ser utilizado, eles não especificaram de que forma as IAA poderiam ser desenvolvidas neste local. De acordo com a literatura “a introdução de animais nas escolas tem proporcionado trabalhar conteúdos pertencentes ao currículo tradicional, e ir além dele trabalhando questões da vida como cidadania, ética, bem-estar, respeito como o outro através de uma forma diferenciada” (DOTTI, 2005).

As *Instituições prisionais* embora tenham sido citadas apenas por dois participantes do Grupo A, sinalizam um possível local a ser realizada IAA. Dotti (2005) apresenta que o trabalho com presidiários pode alcançar grandes resultados com a introdução dessas intervenções nos presídios. Não há relatos de trabalhos desta natureza no Brasil, mas no exterior, existem trabalhos sendo realizados e seus resultados apontam aspectos positivos, como um melhor comportamento dos detentos, que se tornaram menos violentos e mais responsáveis. As intervenções em presídios, a exemplo destes trabalhos podem atender a diferentes objetivos, desde atividades de cuidado diário com os animais, até a capacitação profissional na formação de instrutores de treinamento (BURCH, 2003 apud DOTTI, 2005). Diante das possibilidades apresentadas pelos autores, no que se refere as IAA em *Instituições prisionais*, é possível afirmar que este seria um tipo de local possível e importante de realizar intervenções deste tipo. Uma vez, que estes locais em nosso país são tão negligenciados, e carentes de intervenções que constituam um novo modelo, diferente do punitivo e do correccional.

Relacionando os aspectos discutidos ao longo desse sub-capítulo com a área de atuação dos participantes de pesquisa, é possível afirmar que apesar dos mesmos atuarem em áreas tradicionais em Psicologia, estes percebem que as IAA podem ser utilizadas para além da área clínica e do consultório privado. Os participantes identificam diferentes locais que correspondem as diversas áreas de atuação em Psicologia, tais como: Escolar, Social, Jurídica e Hospitalar e atendendo a diferentes demandas, como será possível identificar no próximo sub-capítulo a ser abordado.

5.2.4 Público atendido pelas Intervenções Assistidas por Animais.

Ainda com o objetivo de compreender a percepção dos participantes com relação as possibilidades de realização das IAA, além dos locais em que este tipo de intervenção

podem ser realizadas, é importante identificar também, o tipo de público que é foco das intervenções do Grupo A, bem como o público identificado pelo Grupo B como possíveis sujeitos ou demandas de intervenções profissionais do psicólogo com IAA. Para tanto será apresentado a seguir o Quadro 10, que representa estes aspectos.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Tipo de demanda	Deficiências (física e mental)	A2, A3 e A4	B1, B2, B3 e B4
	Transtornos globais do desenvolvimento	A1, A2 e A3	B4
	Transtornos psicológicos	A1 e A2	B1 e B4
	Dependência química	A1, A3	-
	Transtornos Neurológicos	A3	-
Tipo de sujeito	Crianças	A1, A2, A3 e A4	B1, B2, B3 e B4
	Adultos	A1, A2 e A3	B1
	Idosos	A1, A2 e A3	B1
	Adolescentes	A1 e A4	B1

Quadro 10– Tipo de Público atendido pelos participantes do Grupo A e tipo de público indicado pelos participantes do Grupo B como possibilidade de intervenções assistidas por animais em Psicologia.

Fonte: elaborado pela autora, 2012

O Quadro 10 representa os tipos de público no qual os participantes do Grupo A realizam suas intervenções profissionais, assim como o tipo de público que os participantes do Grupo B consideram que poderiam ser realizadas as IAA. No que se refere as subcategorias, as nomenclaturas adotadas para denominar alguns tipos de demandas, tiveram como parâmetro a Classificação Internacional de Doenças (CID 10), afim de facilitar o agrupamento das falas dos sujeitos. Portanto serão considerados na subcategoria *Deficiências* qualquer tipo de ausência ou comprometimento de aspectos físicos ou mentais, sejam eles congênitos ou adquiridos. Já na subcategoria *Transtornos globais do desenvolvimento*, serão considerados os transtornos que interferem no desenvolvimento dos sujeitos, incluindo socialização e comunicação, fazem parte dessa subcategoria (Autismo, Síndrome de Rett, outros transtornos desintegrativos da infância, Transtorno com hipercinesia associada a retardo mental e a movimentos estereotipados, Síndrome de Asperger, outros transtornos globais do desenvolvimento e Transtornos globais não

especificados do desenvolvimento). Na subcategoria *Transtornos psicológicos* serão considerados as alterações das funções psíquicas tais como: Transtornos de Humor (Transtorno Depressivo, Transtorno Distímico, Transtorno Bipolar, Transtorno Ciclotímico), e os Transtornos de Ansiedade (Transtorno de Estresse e Transtorno de Ansiedade Generalizada). A subcategoria *Dependência Química* contempla os indivíduos que possuem algum tipo de dependência a substâncias químicas, como o álcool e as drogas em geral. Já na subcategoria *Transtornos Neurológicos* serão consideradas as disfunções neurológicas associadas ao Sistema Nervoso Central, entre elas: Neuropatias, doenças neurodegenerativas (Parkinson, Alzheimer, Amnésia), entre outras.

De acordo com o Quadro 10, é possível observar com relação a categoria Tipos de Demandas que a subcategoria com maior número de participantes respondentes foi a que representa as demandas relacionadas a *Deficiências*, sejam elas físicas ou mentais. Esta subcategoria foi citada por sete participantes de ambos os grupos. Sendo que todos os participantes do Grupo B consideram esta subcategoria como possível demanda a ser atendida pelas IAA, enquanto que três participantes do Grupo A realizam intervenções atendendo estas demandas (A2, A3 e A4). A segunda subcategoria mais citada foram *Transtornos Globais do Desenvolvimento* e *Transtornos Psicológicos*, ambas com quatro sujeitos respondentes. No que se refere a subcategoria *Transtornos Globais do Desenvolvimento*, a maioria dos sujeitos respondentes são do Grupo A, (A1, A2 e A3), estes três sujeitos realizam IAA em pessoas autistas. B4, outro participante que citou esta subcategoria, também considera que pessoas autistas podem ser foco das IAA. Já na subcategoria *Transtornos Psicológicos*, houve uma equivalência na resposta de ambos os grupos, sendo citada por dois participantes do Grupo A e dois do Grupo B. Com relação a essa subcategoria os sujeitos (A1 e A3) realizam IAA com pessoas com quadro depressivo e de ansiedade. Por sua vez, os sujeitos (B1 e B4), consideram que as pessoas ansiosas e deprimidas poderiam ser foco das IAA. Outra subcategoria citada foi a que se refere a demandas de *Dependência Química*. Ela foi citada apenas por participantes do Grupo A (A1 e A3), estes sujeitos não atuam nestas demandas, mas consideram que elas poderiam ser foco das IAA. E por fim, a subcategoria *Transtornos Neurológicos*, foi citada apenas por um participante do Grupo A (A3), que realiza IAA atualmente com este público. A partir do exposto, percebe-se que os participantes do Grupo A realizam a maior parte de suas IAA em demandas de *Deficiências*, seguidas das demandas de *Transtorno Global do Desenvolvimento* e *Transtornos Psicológicos*. Já o Grupo B, em sua maioria visualiza que as IAA poderiam ser realizadas em demandas de *Deficiências* e em menor proporção às demandas referentes a *Transtornos Psicológicos*.

No que se refere a categoria tipo de sujeitos, a subcategoria mais citada em ambos os grupos foi *Crianças*. Todos os oito sujeitos consideram que as crianças poderiam ser foco das IAA. A segunda subcategoria mais citada foram *Adultos* e *Idosos*, ambas com quatro sujeitos respondentes sendo três do Grupo A (A1, A2 e A3) e um do Grupo B (B1). Já a subcategoria *Adolescentes* foi citada por três participantes, sendo dois do Grupo A e um do Grupo B. Diante destes dados é possível afirmar que os participantes do Grupo A realizam a maior parte de suas IAA com *Crianças*, seguidas de *Adultos* e *Idosos*. Já os participantes do Grupo B, em sua maioria, percebem que as *Crianças* poderiam ser foco das IAA, sendo que apenas o sujeito B1 visualiza outras possibilidades de público.

Quando se fala em tipo de público é importante considerar os tipos de contextos em que estes sujeitos estão envolvidos. Desse modo, a partir das respostas dos participantes do Grupo A, e do Grupo B é possível afirmar que os contextos de institucionalização de maneira geral são os mais citados. Todos os participantes de ambos os grupos citaram pelo menos um modelo de instituição que poderia ser realizada IAA, como apresenta o Quadro 9. Dentro desse contexto o público mais citado foram as *Crianças* e os *Idosos* (A1, A2, A3, A4, B1, B2, e B4), principalmente no caso das crianças os ambientes escolares, hospitalares e orfanatos; e no caso de idosos os abrigos que atendem este público.

Outro contexto apresentado foi o de vulnerabilidade Social, onde A1 e A4 realizam IAA - neste tipo de contexto o público mais presente são as *Crianças* e *Adolescentes*. De acordo com Garcia (2009) a aplicabilidade das IAA podem ser estendidas para uma quantidade considerável de necessidades envolvendo pessoas em diferentes condições. Idosos em abrigos, crianças em escolas, doentes em hospitais, pacientes em consultórios e pessoas em instituições correccionais, ou seja, diferentes demandas, diferentes tipos de sujeitos e em diferentes contextos.

Os primeiros relatos da utilização de animais como recurso terapêutico ocorreram por volta do século XVIII (SERPEL, 2000 apud ALTHAUSEN, 2006) neste período os animais eram utilizados principalmente em instituições psiquiátricas. No século seguinte seguem os relatos da utilização de animais neste mesmo tipo de instituição. No Brasil não foi diferente, o primeiro público a ser atendido por este tipo de intervenção, foram os pacientes esquizofrênicos da psiquiatra Nise da Silveira nas décadas de 1950 e 60 (MELLO, 2005 apud MOTTI, 2007). Neste mesmo período nos EUA, o psiquiatra Boris Lenivson passa a utilizar o cão em seu consultório no atendimento a crianças. Não podemos afirmar que os transtornos psiquiátricos mencionados acima correspondem a subcategoria de *Transtornos psicológicos*, pois essas instituições psiquiátricas neste período abrigavam diferentes tipos de demanda, e não haviam

classificações específicas para determinados transtornos. Portanto, as deficiências, os transtornos neurológicos e os transtornos de desenvolvimento eram entendidos como transtornos psiquiátricos. Porém, é possível afirmar que estes tipos de demandas já eram consideradas como possíveis foco das IAA.

As literaturas mais atuais apontam que a maioria das demandas atendidas por IAA do profissional psicólogo, correspondem a subcategoria de *Transtornos Globais do Desenvolvimento*, seguida das subcategorias *Deficiências* e *Transtornos Psicológicos*; com menor representatividade a subcategoria *Transtornos Neurológicos* (CAMPOS, 2007; CHAGAS, et al., 2009; FARACO, et al., 2009; MARCELOINO e MELO, 2006; PEREIRA e PEDROSO, 2009; PEREIRA, et al., 2007). Outro indicador que também aponta essas subcategorias, como sendo as principais demandas atendidas pelas IAA do psicólogo é o caderno de resumos do primeiro Congresso Brasileiro de Terapia, Atividades e Educação Assistidas por Animais, ocorrido em 2007. Entre os trabalhos contidos neste caderno, dez correspondem a intervenções com participação de psicólogos, destes, quatro são relacionadas a demandas de *Deficiências*, três a subcategoria *Transtorno Globais do Desenvolvimento* e um referente a demanda de *Transtorno Neurológico* (OBIHACC, 2007). A partir desses dados é possível afirmar que as subcategorias mais citadas pelos participantes de ambos os grupos vão ao encontro do que a literatura aponta como as demandas mais atendidas pelo psicólogo. É importante destacar que não foi encontrada nenhuma literatura referente a IAA nas demandas de *Dependência Química*, o que sinaliza a importância de pesquisas e estudos relacionados a este tipo de demanda. Esse dado também aponta um possível campo de atuação para o psicólogo, visto que dois participantes citaram esta demanda como possível de ser atendida por IAA.

De acordo com Campos et al. (2007) os tratamentos realizados na obtenção da reabilitação física e readaptação social de pessoas com deficiência buscam cada vez mais, embasamentos de métodos menos tradicionais. Talvez esta colocação dos autores justifique a maior utilização de IAA em demandas deste tipo. No caso da Equoterapia, por exemplo, as características do cavalo, tais como o passo que se assemelha a marcha humana, e a possibilidade do sujeito montar no animal e receber este estímulo motor, promove uma readaptação motora que perpassa a questão física, envolvendo também questões psicológicas e cognitivas (MARCELINO e MELO, 2006). Este é um tipo de intervenção que contempla as diferentes dimensões do sujeito, físico, psicológico e cognitivo, em uma atividade que é realizada ao ar livre, e que o sujeito é ativo no processo. Portanto, um tipo de intervenção muito adequado para esses tipos de demandas.

Com relação ao tipo de sujeitos atendidos por estas IAA, de acordo com as literaturas consultadas, a maioria são *Crianças*, seguidos de *Adolescentes* e *Idosos* (CAMPOS, 2007; CHAGAS, et al., 2009; FARACO, et al., 2009; MARCELOINO e MELO, 2006; PEREIRA e PEDROSO, 2009; PEREIRA, et al., 2007). Ainda com relação aos trabalhos contidos no caderno de resumos do primeiro Congresso de IAA, as *Crianças* também aparecem como foco de intervenções de sete dos dez trabalhos, *Adolescentes* aparecem em quatro, *Idosos* e *Adultos* em dois (OBIHACC, 2007). Os dados acima vão ao encontro dos tipos de sujeitos mais citados pelos participantes de pesquisa. Principalmente no que se refere a subcategoria *Crianças*, sendo que todos os participantes consideram que estes sujeitos poderiam ser foco das IAA. Já a subcategoria *Idosos* e *Adultos* aparece como a segunda mais citada pelos participantes de pesquisa, enquanto que a literatura aponta a subcategoria *Adolescentes* como mais utilizadas por profissionais da Psicologia. Porém, as diferenças entre as subcategorias *Adultos*, *Idosos* e *Adolescentes* não são tão representativas em termos de número de respondentes. Mesmo assim, há de se levar em consideração o tamanho da amostra dos participantes de pesquisa e o tipo de literaturas consultadas.

No que se refere às *Crianças*, de acordo com Dotti (2005, p.89), algumas pesquisas apontam que crianças que tiveram animais de companhia em sua infância “possuíam atitudes mais intensas em relação à responsabilidade, sensibilidade e senso de comunicação com outras pessoas”. Ainda segundo o autor, “o animal favorece o contato e cria um ambiente saudável para brincadeiras”. Comportamentos estes, importantes para o desenvolvimento das crianças e que podem ser facilitados através do contato com animal. Estes comportamentos são importantes de serem trabalhados nas intervenções do psicólogo, principalmente no caso das demandas de *Deficiência*, *Transtorno Global do desenvolvimento*, *Transtornos Psicológicos* e *Neurológicos*.

De acordo com Wilson (1987 apud DOTTI, 2005) os cães, por exemplo, podem ser uma ponte para o desenvolvimento intelectual de uma criança, a partir de sua função facilitadora, onde a criança pode ser estimulada a ler para o cão no caso de dificuldade de leitura; além de ser possível utilizá-los para a estimulação de memória, concentração e socialização.

Com relação aos tipos de demandas, Dotti (2005, p.90) “aponta que muitas crianças que tem problemas de ansiedade, agitação, traumas em geral, podem ter uma grande ajuda do animal principalmente no que concerne à confiança entre terapeuta e paciente”. Isso é possível, pois segundo o autor a criança se sente assistida gerando uma cumplicidade afetiva com o animal. Uma outra qualidade do animal, é a questão do toque, pois a criança vivencia esse toque

como um carinho, promovendo interação e uma troca afetiva entre a criança e animal, o que favorece o vínculo. De acordo com Charnaud (2000 apud DOTTI, 2005) se o profissional da Psicologia souber trabalhar por meio desse vínculo, poderá proporcionar ao paciente a chance de confiança e da formação de vínculo mais profundo com as outras pessoas. Aspectos tão importantes nos casos dos *Transtornos Globais do Desenvolvimento*, como autismo, onde há uma dificuldade de estabelecer vínculo com as outras pessoas, o animal poderia ser um facilitador nesse processo.

No caso de *Crianças* em contexto de institucionalização (escolas, e neste sentido, inclui também as escolas que atendem pessoas com deficiência), o animal pode ser um agente facilitador do processo de aprendizagem. Segundo Dotti (2005, p.254) “a interação das crianças com os animais nas escolas representa um fator de motivação significativo para a aprendizagem, pois os animais estimulam a vontade de aprender e catalisam situações educativas fortalecendo a auto-confiança, socialização e a comunicação”. É possível perceber que as *Crianças* constituem um público importante a ser atendido pelas IAA, uma vez, que este tipo de intervenção pode atender uma série de demandas em diferentes contextos desse público.

Os *Adolescentes* por sua vez possuem constituem um grupo muito semelhante aos tipos de demandas das *Crianças*. A adolescência por sua vez é um período mais inseguro, onde representa uma transição, uma confusão de sentimentos. De acordo com Ballone (2000 apud DOTTI, 2005, p.94) “nas crianças e adolescentes os transtornos mais comuns são aqueles relativos a depressão, transtornos de aprendizagem, déficit de atenção e hiperatividade, transtornos de comportamento, de ansiedade, doenças psicossomáticas e problemas de personalidade”. Portanto, os *Adolescentes* são possíveis sujeitos a serem atendidos pelas IAA.

Em se tratando de *Idosos*, esse tipo de público possui uma série demandas e contextos a serem trabalhados nas IAA. Porém, os mais apresentados pelos sujeitos desta pesquisa e pelas literaturas, seriam os contextos de institucionalização. Os abrigos de idosos configuram um local de isolamento, principalmente do convívio familiar. Embora o idoso conviva com outros idosos, o convívio com a família ocorre esporadicamente, o que pode gerar uma série de conseqüências, tais como depressão, isolamento social e falta de energia para as atividades diárias. Nesse contexto, as IAA podem promover uma série de benefícios, tanto físicos, quanto sociais e emocionais. Segundo Dotti (2005) o animal pode facilitar o contato, a socialização, são portadores de alegria, incentivam as pessoas a saírem desta situação e se abrirem a novas possibilidades. Como apresenta A1:

[...] então idosas que geralmente não tinham família ou a família visitava muito pouco e de repente o cachorro representava toda essa possibilidade delas de expressão do afeto mesmo, de poder abraçar, de receber um carinho, então isso em um primeiro momento foi o que me aproximou do trabalho com o cão [...]. (sic).

Os *Idosos* ainda tem uma outra questão, no que se refere aos tipos de demandas: geralmente os *Transtornos Neurológicos* são mais comum neste público, principalmente as neurodegenerativas como o Alzheimer e o Parkinson. De acordo com Pereira e Pedroso (2009), animais como o cão despertam os efeitos positivos, ativam a memória, reduzem o comportamento agressivo e estimulam sua relação com o mundo exterior. Deste modo, os idosos também constituem um importante público a ser atendido pelas IAA.

A partir da discussão apresentada neste sub-capítulo os participantes de pesquisa apontam uma série de demandas e tipos de sujeitos que podem ser atendidas através das IAA. Percebe-se que os participantes do Grupo A apresentam uma maior abrangência em termos de demandas e sujeitos que podem ser atendidos, enquanto que a maioria dos participantes do Grupo B possuem uma percepção mais limitada. O Grupo B, aponta as demandas de *Deficiências* e *Crianças* como o tipo de público como possíveis de serem atendidas. Essa percepção pode estar associada ao grau de conhecimento que estes participantes possuem sobre as IAA, ou seja, todos os sujeitos do Grupo B conhecem a modalidade de Equoterapia, que geralmente, possuem como público pessoas com deficiência e crianças. Porém, estas não são as únicas demandas e tipo de público possíveis de serem atendidos por este tipo de intervenção.

5.2.5 Objetivos das Intervenções Assistidas por Animais.

Para compreender como as IAA podem contribuir para o trabalho do psicólogo é importante compreender a que objetivos este tipo de intervenção atende. Deste modo, serão analisados a seguir os tipos de objetivos atribuídos pelos participantes da pesquisa, como sendo proveniente da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia. Estes objetivos serão apresentados a seguir através do Quadro 11.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Tipo de objetivo	Trabalhar aspectos psicológicos	A1, A2, A3 e A4	B1, B2, B3 e B4
	Trabalhar aspectos cognitivos	A1, A3 e A4	B2, B3 e B4
	Promover bem-estar	A1 e A2	B1 e B4
	Trabalhar aspectos da socialização	A1, A3 e A4	B3
	Potencializar resultados	A3, A4	B4
	Não há objetivo específico	A1 e A2	-

Quadro 11– Tipos de Objetivos da utilização do animal como recurso de trabalho relatadas pelos psicólogos do Grupo A e tipos de objetivos da utilização do animal estimadas pelos participantes do Grupo B.

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 11 representa os tipos de objetivos da utilização do animal como recurso de trabalho. Portanto, ele apresenta os objetivos das IAA realizadas pelos participantes do Grupo A, bem como os objetivos que os participantes Grupo B consideram que poderia ser inerentes da utilização do animal em IAA.

A partir do Quadro 11 é possível identificar que o objetivo mais citado pelos participantes de ambos os grupos, foi a subcategoria *Trabalhar aspectos psicológicos*, sendo que todos os oito participantes citaram algum aspecto referente a esta subcategoria. A segunda subcategoria mais citada foi *Trabalhar aspectos cognitivos* com seis sujeitos respondentes, três de cada grupo. Uma outra subcategoria representativa foram *Promover bem-estar* e *Trabalhar aspectos da socialização*, com quatro sujeitos respondentes de ambos os grupos. Sendo que a primeira foi citada por dois sujeitos de cada grupo, e a segunda foi mais citada pelos participantes do Grupo A (três), contra um do Grupo B. Em seguida a subcategoria *Potencializar resultados* com três respondentes de ambos os grupos, sendo dois participantes do Grupo A. Já as subcategorias *Não há objetivo específico*, foram citadas por dois participantes apenas, e ambos pertencem ao Grupo A. De maneira geral pode-se afirmar que houve uma certa equivalência nas respostas dos sujeitos, pois a maior parte das subcategorias correspondiam a respostas dos participantes de ambos os grupos.

É importante ressaltar que, no caso da modalidade Atividade Assistida por Animais não há um objetivo específico a partir de um planejamento prévio, ou seja, a utilização do animal não obedece a critérios estabelecidos previamente pelo profissional. Porém o animal é utilizado a fim de promover uma resposta no indivíduo foco da intervenção. Portanto há um objetivo, que geralmente é promover alegria, bem-estar como no caso dos participantes A1 e A2. Conforme A1:

[...] dentro do Hospital [...], um grupo que eu faço atividade, e aí eu levo a minha cachorra, mas eu não tenho nenhum objetivo específico com aquele grupo eu não estruturo uma sessão eu não levo algo pensando no que eu vou desenvolver com eles nada disso, eu só levo pra realmente ter uma atividade.(sic)

É possível perceber que há um objetivo, mas não há uma sistematização das práticas, pois como bem apresenta A1, o objetivo é ter uma atividade, não há uma preocupação com relação ao planejamento e avaliação de resultados.

De acordo com a literatura, parece não haver divergências entre os diferentes autores que se propõem a definir as IAA no que se refere aos objetivos destas intervenções. Os profissionais das mais diferentes áreas, não somente o psicólogo, utilizam da interação homem/animal, com o objetivo de promover mudanças em diferentes aspectos, sejam eles físicos, cognitivos, emocionais ou sociais (CHIEPPA, 2002 apud MOTTL, 2007; DELTA SOCIETY, 2012; DOTTL, 2005; MENZIES, 2003 apud GARCIA, 2009; TURNER, 2005 apud MOTTL, 2007). Portanto, os objetivos propostos pelos participantes da pesquisa vão ao encontro do que propõe a literatura. Para além dos fenômenos psicológicos, a utilização do animal como recurso de trabalho do psicólogo possibilita trabalhar uma série de demandas que vão além dessas questões. Muito embora, há de se considerar que os aspectos psicológicos perpassam os outros aspectos da vida dos sujeitos, tais como cognição, bem-estar, socialização e até mesmo aspectos físicos, ou seja, todas estas funções estão interligadas. Quando ocorre uma melhora em algum destes aspectos os outros também sofrem alterações. Como aponta o sujeito A4:

Eu hoje em dia tenho muita dificuldade de pensar em recurso assim para o psicólogo, porque eu não consigo mais fracionar, não consigo mais acreditar que você tem um desenvolvimento cognitivo, sem você ter um desenvolvimento afetivo. Não consigo separar, cognição, interação social, afetividade, enfim, eu penso nesse desenvolvimento global [...] (sic)

Outro fator a ser considerado, é que alguns destes profissionais, como o participante A4, trabalham em conjunto com uma equipe multidisciplinar. Neste caso, cada profissional possui um objetivo específico que será contemplado em um plano de ação conjunta, que envolve o trabalho de aspectos psicológicos, cognitivos, sociais e físicos. Portanto, a maioria dos profissionais pertencentes ao Grupo A possuem essa visão global do sujeito, intervindo de modo a contemplar os diferentes aspectos que perpassam a vida deste indivíduo. A divisão das subcategorias apresentadas no Quadro 11, objetiva facilitar a visualização dos possíveis aspectos a serem trabalhados nas IAA, assim como aponta a literatura. Dando um panorama geral das

possibilidades de objetivos e demandas a serem trabalhadas pelo profissional da Psicologia em IAA.

No caso da subcategoria *Trabalhar aspectos psicológicos* os participantes de ambos os grupos citam a possibilidade de trabalhar aspectos relacionados à: afetividade (A1, A3, A4, B2 e B4); emoções (A1); sentimentos (A1, A2, B1 e B4); auto-estima (B1 e B2); auto-confiança (B1); autonomia (A3) e percepção de si (A1, A4, B2 e B3). A exemplo do que apresenta A1, com relação ao seu objetivo de intervenção em um Abrigo de Idosos :

Dentro do recanto [...] dentro da Psicologia néh! Trabalhar a percepção corporal, trabalhar a identidade: o que eu gosto, o que eu quero, qual cachorro eu gosto mais, porque dentro da instituição eles perdem um pouco isso. Então trabalhar a questão das escolhas. [...]

De acordo com Sandor (1982 apud AIELLO et al., 2007, p.36) “o contato corporal com o animal é um estímulo às áreas sensoriais, em especial o tato a sensibilidade cutânea é provedora de vivências afetivas através da estimulação desse contato”. Ainda segundo os autores este contato é muitas vezes perdido pelo idoso por conta da própria institucionalização. As trocas são impossibilitadas, ocorre o distanciamento dos familiares e das pessoas conhecidas na rotina diária, onde a estimulação sensorial e afetiva também se perde, ou deixa de ser percebida. E nesse processo o idoso acaba não se reconhecendo, em sua individualidade, em seus desejos, suas vontades e o psicólogo pode resgatar isso através das IAA.

Na subcategoria *Trabalhar aspectos cognitivos* estes correspondem às intervenções que visam trabalhar aspectos relacionados a aprendizagem, tais como atenção, percepção raciocínio, pensamento e linguagem (A1, A4, B2 e B4), memória (A1) e psicomotricidade (A3, B3 e B4). Conforme fala de B4:

[...] então o cavalo ensina algo para ela (criança), de ritmo, de tempo, sei lá, de velocidade, de uma série de coisas assim que a criança vai se desenvolvendo. [...] (sic)

No caso das crianças, por exemplo, Nakamura et al., (2007, p.42) aponta que "o aprendizado através da leitura e escrita, que está associado a funções cognitivas superiores, pode ser construído e facilitado através de atividades de estimulação prazerosa e relevantes, a partir da interação com o animal". O contato com o animal possibilita uma facilitação no processo de aprendizagem, pois representa um estímulo vivo, uma novidade, uma quebra de rotina e de métodos tradicionais. As IAA não limitam-se apenas ao aprendizado de conteúdos tradicionais, ou formais, ela possibilita a aprendizagem de si, de relacionar-se com o outro. Esses aspectos

também estão envolvidos nas subcategorias *Trabalhar aspectos psicológicos* e a *Socialização*. Esta aprendizagem não fica restrita ao público infantil, ela envolve adultos, adolescentes e idosos.

Nos pacientes autistas, por exemplo, é possível a estimulação da marcha coordenada com o andar do animal, superação de obstáculos, observação das partes do animal, estimulação de escovação e de carinho (FERREIRA, J et al., 2007). Para além das questões psicológicas, aprendizagem e socialização, a possibilidade de *Trabalhar aspectos cognitivos*, favorece também a questão física, de coordenação motora e equilíbrio.

Com relação a subcategoria *Promover bem-estar*, os participantes apresentam a percepção de que a utilização de animais atende ao objetivo de promover bem-estar aos indivíduos. Este tipo de benefício está associado principalmente a intervenções da modalidade Atividade Assistida por Animais, onde não há uma preocupação em trabalhar necessariamente os aspectos psicológicos envolvidos neste processo, mas sim promover esta sensação no sujeito foco da intervenção. Conforme A2:

O objetivo era simplesmente fazer a visita, alegrar digamos assim. Você faz sorrir, tanto que o meu projeto se chama Petsmile, era o fazer sorrir, trazer conforto, bem-estar, uma quebra de rotina, desfocar o paciente da doença, por intermédio do bicho [...] (sic).

Em pacientes hospitalizados a presença do animal pode estimular sentimentos de alegria, emoções, distração trazendo alguns momentos de conforto (CORREA et al., 2007). Ao encontro do que propõe o sujeito A1, que segundo ele o animal possibilita um ambiente mais colhedor como no caso dos hospitais, B4 relata que o animal deixa o ambiente mais relaxado e humanizado.

A subcategoria *Socialização* propõe que a utilização do animal como recurso objetiva trabalhar aspectos relacionados à socialização de acordo com os participantes. Conforme B3:

O que eu visualizo com relação a Equoterapia, na clientela da Équo, na questão mesmo de postura, de desenvolvimento psicomotor, nas relações pessoais, interação sociais. [...] (sic)

Para A1 a utilização das IAA objetiva trabalhar além de aspectos cognitivos, *Trabalhar a socialização*, principalmente com pacientes autistas, adolescentes com transtorno psiquiátrico, e idosos institucionalizados, na questão de formação de vínculo e de comunicação. Segundo Pagliani et al. (2007) no caso de pessoas com deficiência e pessoas institucionalizadas, a interação com os animais possibilita promover um espaço de lazer e socialização estimulando o potencial afetivo e cognitivo. Portanto, a presença do animal favorece não apenas a interação

destes sujeitos com o próprio animal, e com o profissional que realiza a intervenção, mas possibilita a este profissional promover um espaço de troca e ampliar o repertório social destes indivíduos.

A partir das respostas dos participantes é possível verificar que ambos os grupos percebem que os objetivos da utilização do animal como recurso de trabalho atendem a diferentes demandas. A utilização do animal como recurso interventivo possibilita ao psicólogo planejar diferentes possibilidades de atuação frente a essas demandas. Outro fator importante, é que os objetivos das IAA são delineados de acordo com o tipo de animal utilizado, tipo de público atendido, tipo de demanda e contextos em que este público está inserido. Geralmente o que norteia as IAA do psicólogo é a demanda do sujeito foco das intervenções. Três participantes, porém, identificam que além dos objetivos citados, tais como *Trabalhar aspectos psicológicos, Sociais, Cognitivos e Físicos*, a utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia possui um objetivo instrumental de *Potencializar resultados*. Conforme A3:

Potencializar teus resultados e chegar aonde que sozinho seria incapaz de chegar, nessa questão de tocar, ter acesso a, conduzi essa empatia no sentido de compartilhar sentimentos. Eu acho que muitas vezes é o animal que consegue fazer isso e que a gente as vezes não consegue. (sic)

Então, além do objetivo de trabalhar uma série de questões do sujeito foco da intervenção, o profissional da Psicologia pertencente ao Grupo A, utiliza o animal com o objetivo de *Potencializar resultados* de suas intervenções.

5.2.6 Benefícios das Intervenções Assistidas por Animais.

Com o objetivo de ampliar ainda mais a compreensão acerca da percepção dos sujeitos do Grupo A e B com relação as IAA, serão analisados a seguir os tipos de benefícios que estes sujeitos consideram que pode advir da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia a partir do Quadro 12.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Tipo de benefícios para o sujeito foco da intervenção	Psicológicos	A1, A2, A3 e A4	B1, B2, B3 e B4
	Social	A1, A2, A3 e A4	B1, B2, B3 e B4
	Cognitivos	A1, A3, A4	B2, B3 e B4
	Físicos	A2, A3 e A4	B1, B3 e B4
	Fisiológicos	A1 e A2	-

Quadro 12– Tipos de benefícios advindos da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia descritos pelos participantes do Grupo A e Grupo B.

Fonte:elaborado pela autora, 2012

De acordo com o Quadro 12, as subcategorias benefícios *Psicológico* e *Social* aparecem como as mais citadas pelos sujeitos de ambos os grupos, sendo que todos os participantes citaram algum benefício relacionado a estas subcategorias. Em segundo lugar aparecem as subcategorias benefícios *Cognitivos* e *Físicos*, ambas com seis sujeitos respondentes, três de cada grupo. Já a subcategoria benefício *Fisiológico* foi cita por dois participantes do Grupo A.

A partir do Quadro 12, também é possível afirmar que há uma percepção homogênea dos grupos com relação aos tipos de benefícios, pois praticamente todas as subcategorias possuem respostas equivalentes para as subcategorias em ambos os grupos.

No que se refere a subcategoria benefícios *Psicológicos* os participantes de ambos os grupos citaram os seguintes aspectos: aumento da auto-estima (A4, B1, B2 e B3); promoção de bem-estar (A1, A2 e A4); ampliação da percepção de si (A1, B3 e B4); auto-confiança (B1, B3 e B4);redução dos índices de ansiedade (A1 e A2); estabelecimento de afeto (B4 e B2); facilita a expressão corporal (A3 e B4); promoção de autonomia (A3 e B4); redução dos índices de depressão (A1); redução dos níveis de stress (A1); auto-valorização (B3) e diminuição de comportamentos agressivos (A1). A exemplo da fala de B3:

Acho que como eu falei anteriormente né, acho que até de se vê naquele contexto, questão assim de percepção, tanto no corpo, quanto de ta nesse meio, de ter o seu valor também das pessoas, estar sentindo bem, de sentir, eu posso fazer isso, eu posso melhorar, ter uma identidade e tal. Então é nesse sentido. (sic)

É possível afirmar que os benefícios percebidos pelos participantes de pesquisa de ambos os grupos vão ao encontro do que propõe Dotti (2005, p. 78); de acordo com o autor,

as IAA promovem ao indivíduo: “prazer, melhora da auto-estima através, melhora a percepção da realidade, melhora a cooperação e habilidade em resolver problemas, diminui comportamentos de manipulação, melhora a expressão de sentimentos, reduz a ansiedade em geral e reduz comportamentos abusivos”.

Com relação ao tipo de animal, Marcelino e Melo (2006, p.282) apontam que:

“por meio da relação com o cavalo, a criança pode aprender a controlar suas emoções iniciais, como o medo, enfrentando o desafio de montá-lo e, sentada numa posição superior, direcioná-lo. Cavalgar um animal dócil, porém de porte avantajado, leva o praticante a experimentar sentimentos de liberdade, independência e capacidade: sentimentos esses importantes para a aquisição da autoconfiança, realização e auto-estima”.

A partir do que apresenta os autores é possível perceber que o tipo de benefício promovido pelas IAA, depende também da característica do animal. O cavalo, por exemplo, possui uma característica distinta dos demais, que é essa possibilidade do sujeito (ou praticante como geralmente é chamado as pessoas que participam da Equoterapia) montar no animal e receber todo esse estímulo motor.

Outra especificidade com relação aos benefícios advindos das IAA, correspondem ao local e o contexto onde são realizadas estas intervenções. Nos contextos de institucionalização, por exemplo, os pacientes encontram-se em uma situação de reclusão, longe de casa e de seus familiares. Nesse tipo de contexto, os benefícios vão ao encontro desta realidade conforme apresenta os benefícios identificados por Cole e Gawlinski (1995 apud PEREIRA et al., 2007) a partir de estudos realizados em pacientes hospitalizados em um centro de terapia intensiva, nos quais participaram de IAA. De acordo com os autores, estes pacientes institucionalizados mostraram-se satisfeitos, felizes, calmos, menos sozinhos e menos ansiosos a partir das intervenções.

Além dos benefícios *Psicológicos* as IAA possibilitam uma série de outros benefícios, como os *Cognitivos*. Com relação a subcategoria benefícios *Cognitivos*, os participantes de ambos os grupos citam benefícios do tipo: ampliação da capacidade motora (A4, B2, B3 e B4), estimulação da fala (A3 e A4), ampliação do repertório de assuntos (A4) e aumento da capacidade de memorização (A1). Conforme A3:

[...] Especialmente com essas pessoas com o comprometimento mais severo agente percebe que a questão da linguagem enquanto fala, ela normalmente está extremamente comprometida e ai quando a gente pensa na relação com o animal a gente ta falando exatamente dessa linguagem que é primeira em todos nós que é a expressão corporal, então eu via que essa vinculação via animal ela passava, ela

acontecia com uma facilidade muito maior do que aconteceria diretamente com a gente. [...] (sic)

De acordo com Pereira e Pedroso (2009) “em pacientes com Alzheimer o cão desperta efeitos positivos, ativa a memória, melhora o comportamento agressivo e estimula suas relações com o mundo”. Portanto, em pacientes mais graves além da possibilidade de vínculo afetivo, o desenvolvimento *Cognitivo* também é possível e isso é percebido pelos sujeitos participantes da pesquisa.

A própria presença do animal já representa uma novidade - algo que por si só já chama a atenção - e o psicólogo pode utilizar deste recurso para trabalhar questões cognitivas. De acordo com Dotti (2005) as IAA promovem estímulos à memória dos indivíduos foco das intervenções através de observações relativas a sua própria vida e dos animais que ela já teve contato. Além da realização de exercícios de cognição a partir do material usual do animal (de alimentação e higiene) a utilização do animal como recurso terapêutico promove uma diversidade de possibilidades de repertório para que sejam trabalhadas diferentes demandas, entre elas o desenvolvimento cognitivo.

Em relação a subcategoria benefício *Social*, os participantes de ambos os grupos citam os seguintes benefícios: aumento da interação social (A1, A3, A4, B2, B3 B4), facilitação da comunicação (A2), facilitação da inclusão social (A4) e estabelecimento de confiança no outro (B1 e B4). Esta percepção dos participantes da pesquisa vai ao encontro do que propõe a literatura.

Conforme Garcia (2009, p.8) “por ser um objeto comum os animais serviriam de assunto para interações de algo agradável para o envolvidos distante do assunto que aflige o paciente”. O participante A4 compartilha desta mesma opinião:

Você leva (o cachorro) dentro de um hospital, por exemplo, vira um assunto. É importante eles falarem de uma coisa que não é doença. A hemodiálise, por exemplo, é um lugar que eu não trabalho, mas eu tenho relatos de pessoas que falam isso, que o assunto é sempre, quem é o próximo que vai morrer? Como é que você tá? O que tá acontecendo com a máquina hoje? Conseguiu entrar na lista de espera de doação? Então quando entra o cão em sena, eles começam a falar sobre o cão, como é os cuidados com o cão. [...] (sic).

A partir do que propõe Garcia (2009) e o participante A4 é possível afirmar que, além da socialização, a presença do animal promove um benefício psicológico no sentido de que retira este paciente da atmosfera do hospital e da doença.

Ainda falando da realidade institucional, Barak et al., (2001 apud PEREIRA et al., 2007) realizou um estudo em unidades psiquiátricas com vinte idosos com esquizofrenia que participaram de IAA. Os resultados deste estudo apontam que houve um aumento da interação social, melhor habilidade de conversação, participação dos grupos, socialização, compromissos sociais, amizade e lazer destes pacientes. Ainda que as realidades e as demandas sejam diferentes, o contexto institucional é o mesmo, e os benefícios também, o que nos leva a pensar que em ambientes como estes, o animal pode ser um importante recurso na promoção de socialização desses indivíduos.

Já na subcategoria benefícios *Físicos* os participantes de ambos os grupos citaram benefícios referentes a relaxamento (A1, A2, B1 e B4), melhora do equilíbrio e locomoção (A3 e B4). De acordo com a revisão de literatura realizada por Kruger e Serpell (2006 apud GARCIA, 2009, p.7) “a idéia de que a interação com um animal ou a sua presença pode produzir efeitos calmantes em humanos é bem difundida na literatura”. Porém, as explicações para esses efeitos como aponta Garcia (2009) ainda são insuficiente para comprová-los. Portanto, é importante levar em consideração o conjunto de variáveis envolvidas nesse processo, e avaliar sistematicamente os resultados obtidos, para efetivamente verificar a ocorrência destes efeitos nos sujeitos foco das IAA.

Outro aspecto considerado pelos participantes foram os benefícios *Físicos* relacionados aos movimentos corporais de equilíbrio e locomoção. Como refere o participante B4:

[...] crianças que não andavam bem, que tinham dificuldade de locomoção, e com aquele treino de subir no cavalo, de manejar, de seguir aquele ritmo, a coisa de ficar em cima do cavalo se equilibrando. Então tudo isso ajudava na coordenação motora e equilíbrio da criança. [...]. (sic)

O favorecimento de aspectos *Físicos* é possível, principalmente no caso de IAA com a utilização do cavalo, conforme aponta Spink (1993 apud MARCELINO e MELO, 2006):

“O movimento causado pelo passo se assemelha ao da marcha humana, pois o dorso do cavalo realiza um movimento tridimensional: para frente e para trás; para um lado e para outro; para cima e para baixo. Isso requer do praticante reações de equilíbrio e de retificação postural para que possa se manter sobre ele. Esse movimento é transmitido ao cérebro do praticante pelas inúmeras terminações nervosas aferentes. O cérebro, por sua vez, manda informações ao corpo para que novos ajustes motores sejam realizados por meio do comportamento adaptativo, que é resultante também dos estímulos sensoriais da equoterapia.”

Outras espécies de animais também podem favorecer estes aspectos físicos, principalmente aqueles em que é possível a condução através da guia. Porém os avanços são mais lentos. Para Lermontov (2007 apud CAMPOS et al., 2007) a Equoterapia apresenta um arsenal de benefícios físicos, psicológicos e sociais. De acordo com o autor:

“Ela promove a melhora no equilíbrio e na postura, a coordenação motora, a adequação do tônus muscular, a dissociação de movimentos, a consciência corporal, as melhoras na respiração e circulação, a integração dos sentidos, os ganhos obtidos nas atividades de vida diária são benefícios físicos claramente notado segundo.”

Todos esses benefícios citados pelo autor, também foram citados pelos participantes de pesquisa, o que pode demonstrar uma percepção ampla no que se refere aos benefícios advindos da utilização do animal como recurso de trabalho.

Com relação aos benefícios *Fisiológicos*, somente os participantes do Grupo A, identificaram esse tipo de benefício. De acordo com esses participantes pode ocorrer: diminuição da cortisolina (A1 e A2), aumento da oxitocina (A1), aumento da serotonina (A1) e aumento da dopamina (A1). Segundo Dotti (2005) no que se refere aos benefícios fisiológicos as IAA promovem a estabilização da pressão arterial, reações químicas positivas e afastamento do estado de dor.

Conforme apresenta Garcia (2009) apesar da constatação de efeitos benéficos da interação homem/animal em um considerável número de estudos, ainda há pouca evidência sobre a forma como esses efeitos são produzidos nos seres humanos e quais fatores estão relacionados a ele. A constatação de um efeito ou benefícios a partir de uma IAA, não significa necessariamente que este foi produzido por esta intervenção. Melhor dizendo, é necessário investigar em qual grau esta intervenção promoveu esse benefício no sujeito que participou dela, pois existem uma série de fatores que podem influenciar na resposta desse sujeito. Portanto, é importante a avaliação sistematizada do profissional que realiza a intervenção com relação aos resultados obtidos e principalmente a produção de conhecimento acerca dos benefícios promovidos pelas IAA.

5.2.7 Planejamento das Intervenções Assistidas por Animais.

A partir da discussão das variáveis envolvidas nas IAA, realizada ao longo deste trabalho, é importante compreender de que forma os participantes de pesquisa percebem o planejamento dessas intervenções. Como elas ocorrem? O que é importante o profissional levar em consideração antes de realizar suas IAA? Estes e outros aspectos serão discutidos neste sub-capítulo a partir dos dados apresentados no Quadro 13.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Período do planejamento	Trimestral	A1	-
	Semanal	A2	-
Aspecto norteador do planejamento	Demanda do sujeito	A1, A3 e A4	B3
	Situação ambiente	A1 e A3	B4
	Objetivos propostos	A1	B3
Procedimentos de execução	Busca conhecimento	A3 e A4	B3
	Construir Manual de Metas	A1, A3 e A4	-
	Realizar avaliação do sujeito com a equipe multidisciplinar	A3 e A4	-
	Realizar pré-agendamento das intervenções	A2	-
	Encaminhar para avaliação médica especializada	A3	-
	Realizar análise de relatórios	A1	-
	Realizar exame de controle	A3	-
	Analisar laudos médicos	A3	-
	Pensar no tipo de animal	-	B1
	Pensar no local	-	B1
	Treinar o animal	-	B1

Quadro 13– Tipos de Planejamentos realizados por psicólogos em IAA percebidos pelos participantes do Grupo A e Do Grupo B

Fonte: elaborado pela autora, 2012

O Quadro 13 representa os tipos de planejamentos realizados por psicólogos em IAA segundo os participantes do Grupo A e B. A partir das respostas dos sujeitos de ambos os grupos, os tipos de planejamentos foram divididos em três categorias: *Período do planejamento*, *Aspecto norteador do Planejamento* e *Procedimentos de execução*. Estas categorias por sua vez, se derivam em subcategorias que serão explicitadas a seguir.

A primeira categoria *Período do planejamento* se refere a ocasião em que é realizada as ações de planejamento das IAA, ou seja, de quanto em quanto tempo, estas ações são realizadas. Esta categoria é composta por duas subcategorias: *trimestral* e *semanal*.

Somente dois sujeitos pertencentes ao Grupo A, se referem a estas subcategorias (A1 e A2). De acordo com o sujeito A1, o período do planejamento depende muito do projeto que ele está vinculado. Portanto este planejamento é de acordo com o tempo de duração do projeto, que geralmente segundo ele é *trimestral*.

Geralmente eu faço um planejamento trimestral, depende muito assim, se aquele projeto é de um ano, dois anos, tempo indeterminado, seis meses, mas em geral a gente faz um projeto pensando em um ano de projeto.[...] (sic)

Já o sujeito A2, realiza intervenções apenas na modalidade AAA, portanto não há um planejamento sistematizado, havendo apenas um planejamento das atividades *semanais*.

Em relação à categoria *Aspecto norteador do planejamento*, as respostas do sujeitos de pesquisa se referem a subcategorias que apontam os aspectos que o profissional deve levar em consideração ao planejar suas ações em IAA. Esta categoria é composta por três subcategorias: *Demanda do sujeito*; *Situação ambiente* e *Objetivos propostos*, que representam os aspectos norteadores das IAA.

A primeira subcategoria *Demanda do sujeito*, aparece como a subcategoria mais representativa de todo o Quadro 17, sendo citada por quatro sujeitos, de ambos os grupos, sendo três do Grupo A (A1, A3 e A4) e um sujeito do Grupo B (B3). De acordo estes participantes o planejamento das IAA devem considerar a demanda apresentada pelo sujeito foco da intervenção. Como aponta A3:

É sempre focada no sujeito, e não na patologia, eu sempre digo que o diagnostico ele é fundamental. Você estudar muito, e conhecer muito a patologia é fundamental, mas o sujeito não é assim também, ele é o Carlos que teve paralisia cerebral e que não tem pai, e que estudou, não estudou... enfim, isso pra mim é fundamental.[...] (sic)

Cada demanda requer um planejamento específico, pois um individuo adulto com deficiência possui demanda diferente de um idoso institucionalizado, que por sua vez é diferente de uma criança em atendimento clínico. A demanda e a necessidade de cada sujeito serão norteadores do planejamento das ações a serem executadas nas IAA, tais como escolha do animal mais adequado, tipo de atividade a ser desenvolvida, período de duração das intervenções, dentre outros fatores envolvidos nas IAA. Sendo necessário o estabelecimento de objetivos apropriados a cada sujeito e a cada situação. Estes aspectos são relativos as duas outras subcategorias apresentadas como norteadora do planejamento das IAA.

Situação ambiente é a segunda subcategoria mais referida pelos sujeitos de ambos os grupos, sendo citada por dois participantes do Grupo A (A1 e A3) e um do Grupo B, (B4). De acordo com estes participantes o planejamento das IAA devem levar em consideração a *Situação ambiente*, ou seja, tanto o contexto onde esta intervenção irá ocorrer, quanto o ambiente físico propriamente dito. Como considera B4:

[...] Não sei se da pra planejar muita coisa quando se trabalha com um ser vivo né! porque imagina, quando você lida com argila, quando você põe ali, você não sabe o que vai acontecer. Imagina um bichinho, vai saber se o bichinho vai latir, ou vai rosnar, ou se vai chegar e já vai se grudar ali e não vai mais querer sair, ou se a pessoa, como é que ela vai reagir, se ela vai gostar se ela não vai gostar, se ela vai...Então o planejamento seria hoje faremos uma sessão com o bichinho junto, e vamos ver como vai ser. [...] (sic)

Segundo Dotti (2005, p.45), o profissional que irá realizar IAA, deve levar em consideração “o potencial de benefícios que o animal pode trazer, bem como as implicações do programa no meio que está sendo desenvolvido. Ele deve estar alerta a possibilidades de riscos e lembrar sempre de combinar os recursos disponíveis com as necessidades que serão identificadas”. A utilização do animal como recurso de trabalho requer que o profissional tenha uma visão ampliada das condições em que esta intervenção vai ocorrer. Sejam elas condições ambientais, até mesmo físicas e psicológicas do sujeito foco das intervenções. É importante estar atento a estas condições e avaliar o nível de interferência externa para o seu trabalho. Por mais que os animais que participam de IAA, sejam treinados, passam, ou deveriam passar, por um criterioso processo de seleção; eles são animais e imprevistos podem acontecer. Por isso, quanto maior for a percepção do profissional, com relação ao ambiente e a situação em que está inserido, menor será a ocorrência de imprevistos e mais preparado o profissional estará para lidar com eles.

Outra subcategoria que compõe a categoria *Aspectos norteadores do planejamento* em IAA é *Objetivos propostos*. Ela foi citada por dois sujeitos, um do Grupo A, (A1) e um do Grupo B, (B3). De acordo com estes participantes o psicólogo que realiza IAA, deve planejar suas intervenções pautado nos objetivos propostos para cada sujeito foco das intervenções. Conforme A1:

Então como é que eu to, se eu atingi meus objetivos, se eu não atingi meus objetivos, então eu vou ter que refazer nesses próximos três meses, ou então já atingiu esses e outros que já eram futuros, então vai remanejando conforme a demanda do paciente, mas em geral eu preparo, eu olho os relatórios, analiso e aí preparo as próximas sessões. Pensando sempre assim: o que eu pretendo trabalhar,

como que vai ser. O paciente é que vai puxar, mas eu já tenho uma base do que eu vou fazer. [...] (sic)

Neste caso, o planejamento será de acordo com o que o profissional pretende trabalhar com o sujeito foco da intervenção, ou seja, a demanda. A partir dela o profissional identifica quais as possibilidades de intervenção, avaliando o contexto e a realidade ambiental. A partir daí estabelece seus objetivos e planeja suas ações, a fim de alcançá-los.

Em relação aos tipos de planejamentos realizados por psicólogos em IAA, a terceira categoria estabelecida foi *Procedimentos de execução das intervenções*, que se refere ao planejamento das ações propriamente dita, ou seja, quais são os procedimentos que o psicólogo deve realizar ao desempenhar IAA. De acordo com os participantes surgiram as seguintes subcategorias: *Buscar conhecimento*; *Construir Manual de metas*; *Realizar avaliação do sujeito com a equipe multidisciplinar*; *Realizar pré-agendamento das intervenções*, *Encaminhar para avaliação médica especializada*, *Realizar análise de relatórios*; *Realizar exame de controle*; *Analisar laudos médicos*; *Pensar no tipo de animal*; *Treinar o animal* e *Pensar no local*.

Dentre as subcategorias que compõem a categoria *Procedimentos de execução das intervenções*, as mais citadas foram: *Buscar conhecimento*, com três participantes respondentes de ambos os grupos, sendo dois do Grupo A, (A3 e A4) e um do Grupo B, (B3); *Construir Manual de metas*, também apresentada por três sujeitos, sendo todos do Grupo A (A1, A3 e A4); e *Realizar avaliação do sujeito com a equipe multidisciplinar*, apresentada por dois sujeitos do Grupo A (A3 e A4). As demais subcategorias foram citadas apenas por um sujeito, sendo que as subcategorias: *Realizar pré-agendamento das intervenções* (A2); *Encaminhar para avaliação médica especializada* (A3); *Realizar análise de relatórios* (A1) e *Analisar laudos médicos* (A3), foram citadas apenas pelo Grupo A, enquanto que as subcategorias; *Pensar no tipo de animal* (B1); *Pensar no local* (B1) e *Treinar animal* (B1), foram citadas apenas pelo Grupo B. Embora estas subcategorias sejam citadas apenas por um participante, não significa que elas sejam menos importantes que as outras. Este fato pode evidenciar uma falta de clareza, ou pouca compreensão, por parte dos sujeitos pesquisados com relação aos aspectos relacionados ao planejamento das IAA. Ainda é possível afirmar, com relação a categoria *Procedimentos de execução*, que os participantes do Grupo A, citam aspectos mais relacionados a estabelecimentos de objetivos de intervenção e avaliação dos sujeitos foco delas, enquanto que os sujeitos do Grupo B, citam aspectos mais relacionados a logística das IAA (buscar conhecimento, pensar no animal, pensar no local e treinar o

animal). O que não representa que esses aspectos não ocorram na prática profissional dos participantes do Grupo A, muito pelo contrário, a partir dos dados coletados, foi possível identificar que esses participantes apresentam uma grande preocupação com relação a regulamentação e normatização das IAA. O que envolve aspectos ligados a logística, que eles também realizam, apenas não explicitaram neste questionamento, talvez por ser natural a sua prática, natural não no sentido de banal, mas no sentido de ser tão recorrente e necessário que não aparece como algo a ser planejado. Como no caso do animal, todos os participantes do Grupo A já possuem os animais escolhidos e treinados para o trabalho em IAA. O que deve ser pensado, é qual tipo de animal, é adequado para cada tipo de público, ou demanda.

Em sua dissertação de mestrado em Psicologia intitulada “Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no sub campo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães”, Garcia (2009) identificou, a partir das literaturas consultadas, 196 classes de comportamentos, que foram organizadas em um sistema comportamental que constituem quatro de classes gerais: Caracterizar a necessidade de intervir com psicoterapia com apoio de cães; Projetar intervenções de psicoterapia com apoio de cães; Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães e Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães. Esse sistema comportamental desenvolvido por Garcia (2009) é baseado no sistema de comportamentos constituintes de intervenções diretas de psicólogos sobre fenômenos de processos psicológicos criado por Botomé (2003) e adaptado para o contexto clínico por Mattana (2004). Segundo Garcia (2009, p.35) esses dois autores, ainda propõem mais duas classes comportamentais constituintes da atuação do psicólogo: Aperfeiçoar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico” e “Comunicar descobertas feitas sobre o objeto de intervenção e sobre os próprios processos comportamentais envolvidos na intervenção em relação a comportamentos em um contexto clínico” . Porém, essas classes não foram identificadas nas literaturas consultadas pelo autor, o que inviabilizou a análise das mesmas.

Diante dos resultados identificados por Garcia (2009), é possível fazer uma relação com as respostas apresentadas pelos participantes da pesquisa no que se refere ao planejamento das IAA, e ainda posteriormente no item avaliação de resultados, haja vista que psicoterapia com apoio de cães é um tipo de IAA. As três categorias citadas pelos participantes tem relação com as seis classes comportamentais apresentadas por Garcia (2009). Sendo que a maior parte das subcategorias que compõem as categorias citadas pelos sujeitos de pesquisa, correspondem a classe comportamental Caracterizar a necessidade de intervir com psicoterapia com apoio de cães. Esse é um dado favorável para as IAA, uma vez

que o autor aponta, que essa classe abarca uma pequena parcela (7%), das classes de comportamentos identificadas nas literaturas e distribuídas nas demais classes gerais. Há pouca produção de conhecimentos com relação a estes aspectos e mesmo com pouco conhecimento os participantes da pesquisa percebem estes aspectos como constituintes e necessário para o planejamento das IAA.

A classe Caracterizar a necessidade de intervir com psicoterapia com apoio de cães é constituída por uma série de comportamentos pertinentes ao psicólogo que realiza IAA. Entre eles, conforme Garcia (2009), caracterizar a necessidade das pessoas que serão foco das intervenções, ou seja, identificar a demanda (subcategoria que compõe *Aspectos norteadores do planejamento*). A caracterização da *demanda vai além do diagnóstico, que também é necessário, ela está relacionada às subcategorias: Realizar avaliação do sujeito com a equipe multidisciplinar, Encaminhar para avaliação médica especializada, Realizar análise de relatórios institucionais e Analisar laudos médicos*. Portanto, corresponde a um mapeamento das necessidades e características desse sujeito, pois como bem aponta Garcia (2009), nem todas as necessidades podem ser atendidas pelas IAA, conforme ilustra a fala de A4:

[...] São vários ganhos, mas também é ilusão a gente achar que é a salvação da pátria, que todo trabalho com animal é eficiente, que todo cliente vai aderir, que é cem por cento. Não, tem muita dificuldade, tem muito problema, nem todo mundo adere.(sic)

É necessário avaliar a viabilidade do trabalho, no sentido de identificar se realmente é possível utilizar o animal como recurso para atender aquela demanda, mas só isso não é suficiente. Segundo Garcia (2009), é preciso identificar as características do sujeito foco das intervenções, tais como medo, alergia e principalmente o grau de interesse do participante. Só faz sentido utilizar um recurso se ele for aceito e agradável para o participante do processo, pois do contrário os resultados podem ser inexistentes ou até mesmo prejudiciais. Nesse sentido, as subcategorias citadas pelos participantes de pesquisa, mencionadas acima, colaboram para um maior conhecimento das necessidades e características do sujeito foco das intervenções. O psicólogo sozinho não consegue avaliar todas essas variáveis, é importante uma avaliação multidisciplinar, de uma equipe médica especializada para avaliar condições físicas do sujeito foco da intervenção. No caso do cavalo, por exemplo, existem algumas contra-indicações em pacientes com comprometimentos ou lesões física/motora. Esta avaliação somente um médico especializado vai poder realizar. No

caso de consulta a relatórios institucionais, podem ser verificadas anotações referentes a comportamentos, processo do indivíduo na instituição, elementos que colaboram para um mapeamento destes sujeitos.

Além desse mapeamento do sujeito, as classes comportamentais identificadas por Garcia (2009), propõem que é necessário também, avaliar o local onde serão desenvolvidas as IAA e as pessoas envolvidas no processo (direta ou indiretamente). Esses aspectos estão relacionados as subcategorias *Situação ambiente*, *Pensar no tipo de animal* e *Pensar no local*, apresentadas pelos participantes de pesquisa. O ambiente é um fator que interfere e muito em qualquer tipo de atuação profissional, e nas IAA não é diferente. Porém, esta intervenção conta com um recurso vivo, o que requer do profissional um cuidado e uma avaliação ainda maior deste ambiente onde ocorreram as suas intervenções. Avaliando se este ambiente é favorável tanto para o animal que será utilizado, quanto para o sujeito participante do processo.

Outra classe constituinte da classe geral Caracterizar a necessidade de intervir com psicoterapia com apoio de cães proposta por Garcia (2009) é caracterizar os objetivos das intervenções, que está diretamente relacionada as subcategorias *Objetivos propostos* e *Construir Manual de metas*, citadas pelos participantes da pesquisa. Segundo o autor, a utilização do animal como recurso interventivo só é adequada quando tem função e valor dentro de um trabalho; para tanto é necessário ter como foco a demanda do sujeito, e principalmente traçar objetivos para atendê-las. Não tem sentido utilizar o animal apenas por gostar de animais ou achar que ele será benéfico para determinado sujeito, isso na verdade é uma intransigência do profissional. Como qualquer outro tipo de recurso é importante o profissional conhecer o que ele pode oferecer, ou seja, possibilidades e limites. O que já envolve também a subcategoria apontada pelos sujeitos de pesquisa *Buscar conhecimento*. Conhecer este recurso e identificar de que forma, em qual grau ele pode atender as necessidades do sujeito atendido, senão ele vira um fim em si mesmo.

A classe geral Projetar intervenções de psicoterapia com apoio de cães de acordo com Garcia (2009), ela é uma classe mais abrangente do que o planejamento, portanto ela envolve a sistematização das diferentes variáveis envolvidas no processo de IAA. Por consequência envolve projetar a seleção dos animais, projetar os objetivos, estabelecer critérios para as escolha desses animais e desses objetivos, projetar a condução das sessões, ou seja, projetar todos os aspectos envolvidos nesse tipo de intervenção. O que envolve também a categoria *Período do planejamento* citada pelos participantes de pesquisa, pois essa projeção precisa ter um prazo, é uma projeção semanal? Trimestral? Anual? ou outros?. O

estabelecimento de prazo é importante para que seja possível estabelecer parâmetros para a avaliação das intervenções.

Com relação a classe geral Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães, ela abrange principalmente comportamentos relacionados ao cuidado com o bem estar do animal. Segundo Garcia (2009) envolvem cuidados de saúde, avaliação de condições que podem provocar danos ao animal, avaliação do grau de estresse, além da avaliação das características do animal, tanto física quanto comportamental, adestramento e avaliação do condutor do animal. Aspectos que podem ser relacionados às subcategorias *Pensar no tipo de animal e Treinar o animal*, citadas pelos participantes da pesquisa. Os participantes apontam que é importante pensar no tipo de animal: cada espécie possui uma característica e um sistema comportamental, bem como, animais da mesma espécie possuem “temperamentos” e características diferenciados. No caso dos cães, por exemplo, existem cães mais agitados, outros mais calmos, cães de pequeno, médio e grande porte. No caso do cavalo, existem cavalo de marcha, cavalos de trote. E todas estas características precisam ser levadas em consideração ao planejar as IAA. Para garantir tanto a integridade do animal, no sentido de utilizar o que ele pode oferecer, quanto para garantir a integridade do próprio sujeito atendido, de não colocá-lo em uma situação de risco ou de incompatibilidades com as suas necessidades.

Segundo Dotti (2005, p.53) para iniciar um trabalho com animal é necessário prestar atenção a dois importantes fatores:

“primeiramente se é algo que vem de dentro de nós, ou se é imposto por algo ou alguém além de nós. Identificando isso, devemos nos preparar para tentar, pois nem sempre nos adequamos a certos trabalhos, e isso também acontece com nossos animais. Segundo, tem que se desenvolver e se aprofundar dentro daquilo que nos propomos. O trabalho exige estudo, aperfeiçoamento e consciência. Não podemos tratá-lo com algo que fazemos simplesmente pelo simples fato de ocupar o tempo.”

É importante que o profissional tenha clareza de seus limites e de suas possibilidades buscando sempre se aperfeiçoar. Por isso o planejamento é tão importante em qualquer atuação profissional, pois ele permite que o profissional avalie possibilidades, e crie estratégias dentro destas possibilidades, desenvolvendo intervenções eficazes e resultados satisfatórios.

Diante do que foi discutido é possível afirmar que os participantes percebem que as IAA como qualquer outra prática desenvolvida pelo psicólogo também necessita de planejamento, para que possa atingir seus objetivos. Também é possível identificar que os

participantes do Grupo B apresentaram pouca clareza com relação a esse item. Houve pouca representatividade deste grupo nas categorias e subcategorias apresentadas; e o sujeito B2 afirma que não consegue identificar de que forma pode ser realizado este planejamento. Com relação as subcategorias citadas por estes participantes, elas parecem estar pautadas no conhecimento que eles tinham sobre a IAA, principalmente sobre a Equoterapia. Suas percepções foram constituídas a partir do contato e do relato de pessoas que desenvolviam este trabalho. Também foi possível identificar que em alguns casos, eles faziam referência ao tipo de planejamento que eles realizam em suas práticas profissionais, relacionando a utilização do animal no processo interventivo. Já os participantes do Grupo A, apresentam uma maior percepção em comparação ao Grupo B com relação ao planejamento das IAA, pelo fato destes profissionais atuarem utilizando este recurso. Porém, é possível afirmar que ainda há limitações nesta percepção, pois algumas subcategorias foram citadas por apenas um sujeito, e outras não nem foram citadas por estes. Fato que pode evidenciar uma falta de clareza com relação ao planejamento das IAA e ainda uma falta de suporte por parte da produção científica brasileira e por parte das instituições de ensino para instrumentalizar estes profissionais na atuação em IAA.

5.2.8 Avaliação das Intervenções Assistidas por Animais.

Segundo Garcia (2009, p.239) “uma intervenção responsável não implica apenas nos cuidados ao projetar a intervenção e executá-la. Envolve também avaliar os resultados obtidos para identificar problemas e propor soluções de modo que tais problemas não voltem mais a ocorrer”. A partir do que propõe o autor, é importante identificar como os participantes de pesquisa compreendem a avaliação das IAA. Deste modo, serão discutidos a seguir a percepção dos sujeitos de pesquisa, acerca dos aspectos envolvidos na avaliação de resultados realizadas por psicólogos em IAA, estes aspectos serão discutidos a partir dos dados apresentados no Quadro 14.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Tipo de recurso avaliativo	Observação	A1	B1 e B3
	Análise de Prontuários	A1, A3 e A4	
	Grupo controle	A3	B4
	Teste e escala psicológica	A1 e A3	-
	Discussão entre a equipe multidisciplinar	A3 e A4	-
	Entrevista	A1	-
	Avaliação de desenho	A1	-
Critérios de avaliação	Objetivos propostos	A1 e A4	-
Tipo de avaliação	Qualitativa	A1, A3 e A4	B1, B3 e B4
	Quantitativa	A1 e A3	B4
Periodicidade das avaliações	Semestral	A1 e A4	-

Quadro 14– Aspectos envolvidos na Avaliação de resultados realizada por psicólogos em IAA de acordo com a percepção dos psicólogos do Grupo A e B.

Fonte:elaborado pela autora, 2012

O Quadro 14 representa os aspectos envolvidos na realização da avaliação de resultados realizada por psicólogos em IAA. Ele está dividido em quatro categorias que correspondem as respostas apresentadas pelos participantes da pesquisa no que se refere aos aspectos investigados, são elas: *Tipo de recurso avaliativo*; *Critérios de Avaliação*; *Tipo de Avaliação* e *Periodicidade das avaliações*. Entre as categorias é possível perceber um maior número de subcategorias nas categorias *Tipo de recurso avaliativo*, com sete e *Tipos de avaliação*, com duas (uma vez, que só existem dois tipos de avaliação possível a categoria possui representatividade), com relação as demais categorias, com uma subcategoria cada uma. É importante ressaltar que o sujeito A2, não realiza avaliação de resultados pois desenvolveu apenas IAA na modalidade AAA. E o sujeito B2, não identifica de que forma os resultados das IAA podem ser avaliados.

A categoria *Tipos de recurso avaliativos* se refere, ao tipo de recurso ou estratégia utilizada pelo psicólogo para avaliar os resultados das IAA. Esta categoria é composta pelas seguintes subcategorias: *Observação*; *Análise de Prontuários*; *Grupo controle*, *Testes/escalas*

psicológicas; Discussão entre a equipe multidisciplinar; Entrevista e Avaliação de desenho. Sendo que as mais citadas, com três sujeitos respondentes, foram: *Observação* (A1, B1 e B3), citada em maior quantidade pelo Grupo B. Nesta subcategoria os participantes apontam que a avaliação dos resultados pode ser realizada através da observação do sujeito durante a própria intervenção, e ao longo do processo interventivo, buscando identificar a evolução dele neste período e possíveis modificações de comportamentos. Como aponta B3:

Pela própria observação, pela interação da clientela, com o animal e com o profissional. Mas dessa forma, mas observação e da interação do psicólogo e da pessoa (sic).

A estratégia de avaliação *Análise de Prontuários* (A1, A3 e A4), foi citada em sua maioria pelo Grupo A; esta subcategoria corresponde à avaliação realizada através de prontuários ou fichas que constam informações do sujeito atendido. Esta subcategoria é muito semelhante a anterior, porém o profissional nesta estratégia faz uma observação do registro escrito. Neste prontuário também pode constar registros anteriores a sua intervenção, ou ainda informações de profissionais de outras áreas, que podem se referir tanto as IAA, ou a outro tipo de intervenção. Este formulário ou prontuário fornece informações além daquelas observadas pelo psicólogo no desenvolvimento das suas intervenções, contribuindo para uma percepção maior do desenvolvimento do sujeito atendido e por consequência dos resultados alcançados ao longo do processo. Como apresenta B4:

A gente (equipe) tem um protocolo que a gente segue com as habilidades, o desenvolvimento de algumas habilidades. Então tem cognitivo e emocionais e eu não me lembro agora, mas é um protocolo gigante com muitas questões e a gente vai colocando tudo(sic).

Em seguida, citada por dois participantes, aparece a subcategoria *Grupo controle* (A3 e B4), citada por participantes de ambos os grupos. Ela consiste em uma avaliação mais criteriosa e sistematizada. Os resultados são avaliados a partir da comparação entre sujeitos semelhantes em termos de características (faixa etária, sexo, tipo de demanda), mas que foram submetidos a intervenções diferentes. Sendo que um sujeito participou de IAA e o outro de intervenções clínicas tradicionais, por exemplo. A partir daí, busca-se identificar se os efeitos produzidos são decorrentes da participação do animal, quais seriam estes efeitos: positivos ou negativos, entre outras variáveis envolvidas no processo interventivo. A exemplo do que apresenta B4:

A isso é bem difícil, porque se a gente for pensar rigorosamente, seria comprara o trabalho com animal e o trabalho sem o animal, porem são duas pessoas diferentes e eu acredito que o resultado de um trabalho depende de um campo todo, depende de tudo que ta inserido ali. Então não vai ser só o animal que foi inserido ali, então o que vai ser produzido ali tem a ver com o animal, tem a ver também com aquela criança que e é diferente da outra, tem a ver com o profissional, com aquele lugar, com o tempo de trabalho, com uma serie de coisas. Acho difícil assim partir para avaliações mais quantitativas digamos assim. Talvez a avaliação, digamos assim, mais sensata seja acompanhar o processo da criança ou da pessoa trabalhada e perceber se houve ali, alguma evolução, o que ela ta mais, se é naquilo que ela te procurou, naquelas dificuldades que ela tinha, e se aquilo se deslocou, se ta diferente e é por ai, uma avaliação qualitativa, uma coisa mais descritiva, descritiva assim do processo. E se o animal fez parte do campo ele tem a ver com aquela evolução, acho que não é só ele o responsável, mas ele faz parte daquela evolução. É mais ou menos, como uma pessoa que ta, por exemplo, depressiva vai no psiquiatra toma remédio, ai também vai no psicólogo e faz terapia e melhora e ai você não sabe dizer porque que melhorou. [...] (sic)

Estudos desse tipo seriam o ideal, pois efetivamente produzem dados consistentes e confiáveis com relação aos tipos de efeitos advindos da utilização do animal como recurso de trabalho. Contudo, como apresenta o sujeito de pesquisa B4 eles são muito difíceis de realizar. Identificar sujeitos com as mesmas características em alguns casos é muito difícil, como nas deficiências, por exemplo, existem especificidades que não são comuns a dois sujeitos com a mesma deficiência. O tempo de estudo também é maior, para que os resultados sejam fidedignos. Existe uma série de fatores que dificultam a realização deste trabalho, mas ele não é impossível, pois existem pessoas que estão realizando este tipo de estudo, como o participante A3. Este sujeito atua na área da docência e desenvolve atividades vinculadas a pesquisa e extensão em uma universidade. Estas pesquisas são relacionadas as IAA. O participante supervisiona os alunos extensionistas na realização de pesquisas, com diferentes públicos atendidos em IAA, visando produzir conhecimento sobre este processo e suas decorrências. Dentre estas pesquisas, estão as que utilizam grupo controle para o estudo experimental. Estas pesquisas são importantes ferramentas para a comprovação dos efeitos positivos das IAA, sua duração, em quais demandas eles aparecem e em qual proporção, entre outros aspectos. Fornecendo subsídios para uma maior compreensão sobre a aplicabilidade das IAA no trabalho do psicólogo.

A subcategoria *Teste e escala psicológica* (A1 e A3), também citada por dois participantes do Grupo A, se refere a avaliação de resultados a partir de testes e escalas psicológicas. Os sujeitos de pesquisa utilizam este recurso para avaliar a evolução do sujeito participante das IAA. Por ser padronizado, no caso dos testes favoráveis, os resultados obtidos possuem uma maior grau de abrangência. De acordo com Garcia (2009, p.9) “muitos relatos anedóticos são utilizados como referência para comprovação dos benefícios das IAA, no

entanto não parece haver por parte daqueles que descrevem esses relatos qualquer espécie de avaliação criteriosa dos resultados obtidos”. Avaliações pautadas em recursos padronizados, como os testes e o grupo controle fornecem evidências consistentes no que se refere aos resultados desta intervenção, contribuindo para que as IAA sejam identificadas como práticas confiáveis e eficazes ao trabalho do psicólogo.

A subcategoria *Discussão entre a equipe multidisciplinar* (A3 e A4), também citada apenas por sujeitos do Grupo A, representam avaliações realizadas em conjunto com outros profissionais buscando compreender não apenas os resultados de ordem psicológica, mas também os de outra ordem, como cognitivo, físico, entre outros. Conforme A4:

[...] Por exemplo, eu trabalho com mutismo seletivo, então se ela falar palavras separadas a fono me diz que ela teve uma evolução “x”. Então isso é importante, a fono que me ajuda nessa avaliação, o quanto ela evoluiu, ela tá em aquisição, quando ela conseguir frases, por exemplo, ela já tá em outro nível. Por isso que é importante esse trabalho interdisciplinar, porque ele tem conhecimento técnico de verbalização, por outro lado se ela se expressa de uma forma não verbal né! Como é que isso funciona? A fisioterapia também. Ah! Ele conseguiu subir um degrau, e não conseguia subir antes, ele conseguiu andar sem apoio, aí tem os dois lados[...] (sic).

É possível perceber que os participantes de pesquisa identificam e/ou utilizam diferentes recursos avaliativos em suas IAA. Na maioria das vezes, recursos de natureza *Qualitativa* como aponta a categoria *Tipo de avaliação*. Essa subcategoria foi citada por seis sujeitos de ambos os grupos, enquanto a subcategoria *Quantitativa* foi citada por três participantes, também de ambos os grupos, mas em sua maioria pelo Grupo A.

A partir dos dados apresentados no Quadro 14, e também da fala dos participantes, é possível afirmar que os sujeitos de pesquisa, principalmente os do Grupo B, consideram que é mais viável ou mais possível uma avaliação *Qualitativa*, ao invés de uma avaliação *Quantitativa*. Conforme B4:

[...] É difícil porque é muito qualitativo, e é difícil de transformar isso no quantitativo, em gráfico por exemplo, mas é difícil, porque é uma coisa muito subjetiva, ah! Seguimento de regras, em que contexto, não consigo trazer isso em quantas vezes ele seguiu, tem algumas coisas que são objetivas é fácil, agora o que não é objetivo fica um pouco mais difícil.[...]

A dificuldade consiste primeiramente em avaliar resultados que na maioria das vezes são subjetivos, o que é inerente do objeto de trabalho do psicólogo. A Psicologia enquanto ciência já enfrentou e ainda enfrenta dificuldades por lidar com fenômenos subjetivos, difíceis de serem mensuráveis. E as IAA como um recurso de trabalho, que

intervêm sob estes fenômenos também enfrenta dificuldades em avaliar e principalmente em comprovar seus resultados.

Rodrigues (2012) aponta que as principais limitações da pesquisa, ou seja, da produção de conhecimento em IAA, são: ausência de grupo controle, falta de padronização das IAA, falta de padronização dos instrumentos avaliativos, avaliação da duração dos efeitos positivos, falta de estudos comparativos entre AAA e TAA, predominância de estudos com cavalos e cães, necessitando de estudos com outras espécies de animais e predominância de estudos em hospitais e locais reabilitação. As limitações na produção de conhecimento, acaba por fragilizar a atuação do profissional e até mesmo ocasionar a desvalorização do uso das IAA em Psicologia. Uma vez, que faltam evidências confiáveis sobre os riscos e benefícios à saúde humana promovidos por estas intervenções, isto favorece a não utilização do animal como recurso de trabalho por parte dos psicólogos.

De acordo com Garcia (2009, p.239) “o conhecimento produzido a partir da avaliação da intervenção realizada não só permite identificar benefícios e sucessos, mas também problemas a serem resolvidos e lacunas no conhecimento a ser produzido”. Deste modo, a avaliação dos resultados, é um fator muito importante na prática profissional do psicólogo, não só nas IAA, mas em qualquer intervenção que ele realize. Porém, nas IAA ela se faz ainda mais importante, devido a falta de conhecimento produzido.

Retomando o sistema comportamental desenvolvido por Garcia (2009), além das classes gerais analisadas na discussão dos dados do Quadro 13, o autor apresenta também a classe Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães como constituinte do processo de Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Sendo assim, a avaliação das IAA é parte constituinte do processo de intervir profissionalmente neste campo, ou pelo menos deveria ser. Segundo o autor, esta classe é composta por diferentes variáveis como: “resultados obtidos, comportamentos dos pacientes, planejamento da intervenção, adequação da equipe à situação, condição médica do cão e adequação entre múltiplas outras variáveis que compõem a intervenção em psicoterapia com apoio de cães” (p.241). É possível perceber que a Avaliação de Resultados, é uma variável envolvida no processo de avaliação de IAA. Ela é uma parte do processo, que implica também na avaliação das etapas anteriores, ou seja, avaliar o planejamento, avaliar as intervenções realizadas, se foram adequadas ao sujeito atendido e avaliar o desempenho da equipe ou do profissional que realizou as intervenções. O resultado é fruto da relação entre estas variáveis, portanto para fazer a sua avaliação é necessário levar em consideração todos os aspectos envolvidos nas IAA.

Para Garcia (2009, p.242) “avaliar os resultados, indica que independentemente das pesquisas realizadas que comprovam os benefícios da interação de pessoas com cães e dos relatos de experiências bem sucedidas, cada intervenção precisa identificar se os resultados determinados no início da intervenção foram alcançados”. Esta afirmação do autor vai ao encontro da categoria *Critérios de avaliação*, citada pelos participantes desta pesquisa. De acordo com os psicólogos entrevistados, a avaliação tem que ser pautada nos *Objetivos propostos*. Embora as pesquisas relacionadas a comprovação dos efeitos das IAA sejam importantes, elas não garantem a eficácia da intervenção, ou seja, cada profissional irá utilizar o animal de acordo com sua demanda e de acordo com suas habilidades. Nesse caso, o resultado de sua intervenção vai ser muito particular. Ele será de acordo com objetivo que este profissional propôs para aquele sujeito atendido. Então, para além dos benefícios existentes ele tem que atender a demanda do sujeito atendido. Não faz sentido realizar uma IAA porque ela é eficaz na depressão se a demanda do sujeito for dificuldade de aprendizagem, por exemplo. O recurso vira um fim em si mesmo, pois não atende a demanda, nem aos objetivos propostos. É importante que os objetivos das intervenções sejam claros, mesmo no caso das AAA, onde não há um objetivo sistematizado, mesmo nesses casos, é importante verificar se os efeitos produzidos não estão incompatíveis com a demanda do sujeito, afim de evitar riscos para o mesmo.

Outro fator importante é apontado pela categoria *Periodicidade das avaliações*. Ela é constituída da subcategoria *Semestral* e foi citada por dois participantes do Grupo A. O fato de ter sido citada por dois participantes apenas, não a torna menos importante. A periodicidades das avaliações de resultados contribuem para a comprovação da duração dos efeitos, bem como, possibilita ao psicólogo identificar avanços e retrocessos no processo interventivo. Não existe na literatura consultada um período ideal para que estas avaliações ocorram, o que deve ser particular de cada profissional e do tipo de intervenção realizada. O importante é que este processo ocorra, de forma sistematizada e criteriosa garantindo a verificação e comprovação destes resultados.

Conforme apresentado no item anterior, o sistema comportamental apresentado por Garcia (2009) e que foi proposto por Botomé e adaptado para o contexto clínico por Mattana, descreve ainda duas outras classes comportamentais constituintes da atuação do psicólogo: Aperfeiçoar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico” e “Comunicar descobertas feitas sobre o objeto de intervenção e sobre os próprios processos comportamentais envolvidos na intervenção em relação a comportamentos em um contexto clínico”. Essas duas classes comportamentais não foram trabalhadas na pesquisa de

Garcia (2009), pois o autor não identificou nas literaturas pesquisas evidências de classes comportamentais constituintes destas classes gerais. Embora, esse dado tenha uma ênfase no contexto clínico, ele pode ser ampliado para os diversos contextos de atuação do psicólogo. Ele demonstra que além de avaliar os resultados obtidos a partir das IAA, é importante que este profissional faça um aperfeiçoamento em suas intervenções a partir daquilo que ele verificar que poderia ser modificado ou melhorado. E talvez o mais importante: que estas descobertas sejam comunicadas, que conhecimento científico seja produzido, pois as IAA carecem destes estudos, como foi possível perceber ao longo das discussões propostas na presente pesquisa.

5.3 POSSIBILIDADES E LIMITES DAS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS

As Intervenções assistidas por Animais, assim como, qualquer intervenção realizada por psicólogos em sua prática profissional, possuem possibilidades e limitações frente a sua organização e implementação. Estas intervenções contam com um recurso (o animal) diferenciado, por ser um ser vivo, ele envolve uma série de variáveis a serem avaliadas pelo profissional que irá atuar com ele. Estas variáveis podem promover potencialidade e limites para a prática do psicólogo.

Visando identificar como os participantes de pesquisa percebem estes aspectos nas IAA, este capítulo irá abordar as facilidades e dificuldades advindas da utilização do animal como recurso de trabalho.

5.3.1 Facilidades advindas das Intervenções Assistidas por Animais.

Para que um profissional identifique um recurso como sendo útil ou não para sua atuação profissional, é importante identificar quais são as facilidades que este recurso pode oferecer para suas intervenções. Para tanto, serão apresentados a seguir no Quadro 15, os tipos

de facilidades que a utilização do animal pode trazer para o trabalho do psicólogo a partir da percepção dos participantes da pesquisa.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Instrumental	Possibilita um ambiente diferenciado	A2 e A3	B1
	Características do animal	A3 e A4	B4
	Animal ser um estímulo vivo	A1, A2 e A4	-
Processual	Motiva o sujeito foco da intervenção	A1, A2, A3 e A4	B1
	Vínculo sujeito/profissional	A1, A2, A3 e A4	B4
	Vínculo sujeito/animal	A1, A3 e A4	B1
	Potencializa Resultados	A2, A3	-
Não sabe opinar	-	-	B2 e B3

Quadro 15– Tipos de Facilidade identificadas pelos participantes do Grupo A e do Grupo B, advindos da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia.

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 15 representa os tipos de facilidades identificadas pelos participantes do Grupo A e do Grupo B, advindos da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia. A partir das respostas dos participantes, os tipos de facilidades foram divididos em três categorias, pois estes percebem facilidades de ordem *Instrumental*, ou seja, características ou funções relacionadas ao animal, que podem ser utilizadas como recurso do processo interventivo. A segunda categoria *Processual* se refere a aspectos relacionados ao processo interventivo; facilidades para o profissional psicólogo e para o sujeito foco da intervenção. A partir das características do animal haveria esta facilidade na categoria *Processual*. E ainda a categoria *Não sabe opinar*, que se refere aos participantes, neste caso dois do Grupo B (B2 e B3), que não identificam, ou não conseguem visualizar quais as facilidades da utilização do animal como recurso de trabalho.

No que se refere a categoria facilidade *Instrumental* a subcategoria mais citada foi *Possibilita um ambiente diferenciado*, citada por três sujeitos sendo dois do Grupo A (A2 e A3) e um do Grupo B (B1). De acordo com estes sujeitos a presença do animal possibilita um ambiente diferente daquele que o sujeito vivencia em intervenções “tradicionais”. Como no contexto clínico, por exemplo, onde geralmente o paciente encontra-se em uma sala reservada apenas na presença do terapeuta. O animal quebra esse modelo; ou ainda no caso de pacientes institucionalizados, o animal pode trazer essa lembrança familiar de animais que fazem ou já

fizeram parte do cotidiano dessas pessoas, promovendo um ambiente diferenciado daquele que ele vivencia no momento. Como apresenta B1:

[...] os abrigos os asilos, já fui voluntaria em um asilo, os trabalhos que eu fiz, assim a carência, eles ficam tão fixados na rotina, que eles esquecem que tem pequenos prazeres que podem tirar eles da rotina, que podem fazer eles sorrirem, tirar um pouco daquela tensão, por mais que depois eles voltem para isso, mas tirar eles um pouco dessa vida.[...] (sic)

A utilização do animal como recurso em intervenções dentro do hospital, auxilia na descontração do clima dentro do ambiente hospitalar, melhora as relações interpessoais, facilita a comunicação e traz um forte apelo a humanização (MOTTI, 2007). O animal promove um ambiente mais favorável, mais agradável para os sujeitos foco das intervenções o que pode contribuir para que este se implique no processo. Estes aspectos também podem estar relacionados a *Função Simbólica* do animal apresentada no Quadro 8. O animal é simbolicamente vivenciado como algo familiar, melhor amigo do homem, que faz parte do convívio diário. O sujeito se sente acolhido, e acaba por distanciar daquela realidade atual, seja em contexto de institucionalização, de abandono ou no próprio contexto clínico.

Outra subcategoria mais citada pelos participantes com relação às facilidades da utilização do animal como recurso em Psicologia foi a subcategoria *Características do animal*, citada por três participantes. Sendo dois do Grupo A (A3 e A4) e um do Grupo B (B4). Esta subcategoria se refere as facilidades advindas da própria característica do animal. Conforme A4:

[...] Principalmente o cão, o cão facilita muito, o cão é um animal que por natureza a gente já tem uma aproximação, a maior parte das pessoas já tem uma aproximação com o cão. Então quando eu uso os não convencionais, pessoas que tem muita curiosidade, isso ajuda, quer passar a mão no animal que nunca passou a mão, nunca tocou, mas por outro lado não tem essa identificação de abraçar, de ta junto de afeto.[...] (sic)

Existem dois aspectos importantes a serem considerados nas características do animal, primeiro é a própria característica física e comportamental de algumas espécies de animais. No caso do cão, por exemplo, é um animal que obedece a comandos como: sentar, levantar e ficar; brinca com objetos; é espontâneo; aceita afagos; escovações; e é sociável (DOTTI, 2005). Já o cavalo é um animal de grande porte, seu passo ou andadura favorece o trabalho de coordenação do movimento do praticante. De acordo com o sujeito A3, o animal possibilita trabalhar coisas que sozinho terapeuta não conseguiria. Existe uma série

características físicas e comportamentais que facilitam as intervenções do psicólogo. De acordo com participante A4, o animal é um recurso multifuncional, pois possibilita a utilização destas diferentes características em diferentes momentos e com diferentes demandas. O segundo aspecto a ser considerado são as características simbólicas do animal, aquelas socialmente construídas, e que facilitam no processo de identificação do sujeito com o animal, e conseqüentemente facilita o processo interventivo.

Já a subcategoria o *Animal ser um estímulo vivo*, foi citada apenas por participantes do Grupo A (A1, A2 e A4). Para estes participantes, diferente de um objeto, o animal vai interagir com o sujeito foco das intervenções, servindo como um estímulo para as intervenções do psicólogo. Além disso, ele vai responder aos estímulos desse sujeito também, ou seja, ele vai responder aos comportamentos dele, fornecendo subsídios para que o psicólogo trabalhe com esta situação. Como apresenta A1:

[...] só que o cachorro vai responder a essas projeções, o cachorro vai responder ao contato com o paciente, diferente de um objeto inanimado. Então isso, eu acho que ele traz uma resposta mais rápida até do processo, eu acho que você consegue fazer uma leitura e sinalizar aquela leitura mais imediata, ele consegue visualizar, ele tem uma resposta daquele comportamento que ele tem.[...] (sic)

Por ser um recurso vivo o animal possibilita esta interação compartilhada, que envolve tanto o sujeito quanto o psicólogo, ampliando a possibilidade de leitura e atuação deste profissional. O sujeito percebe a resposta do seu comportamento a partir do animal, e essa visualização é facilitada; é como se o animal fosse um espelho, e isso facilita o processo interventivo. Além disso, o animal possibilita o contato espontâneo do sujeito foco da intervenção com este objeto vivo, o que muitas vezes, não é possível com o profissional. E isso facilita o acesso a informações e conteúdos do paciente que possivelmente levariam mais tempo para serem revelados com recurso convencionais, e a partir do animal isso é possível.

Com relação a categoria facilidade *Processual*, as subcategorias mais citadas foram: *Motiva o sujeito foco da intervenção* e *Vínculo sujeito/profissional*. Ambas foram citadas por cinco participantes, sendo que na primeira todos são do Grupo A e apenas um do Grupo B (B1), e na segunda novamente todos do Grupo A e um apenas do Grupo B (B4).

Na subcategoria *Motiva o sujeito foco da intervenção*, os participantes consideram que a utilização do animal como recurso de trabalho facilita a motivação do sujeito foco da intervenção em dois aspectos. Primeiramente, o animal motiva o sujeito para realizar as atividades propostas e até mesmo para comparecer as sessões de atendimento. Como aponta A1:

[...] Eu acho que o envolvimento mesmo com a terapia, eu acho que o cachorro trás isso, é gostoso. Hoje a minha paciente na hora que foi embora ela abraçava e dava beijo na Filó (cachorra), e falava: ai posso levar a Filó embora. E eu falei não mas semana que vem ela vai ta aqui, então eu acho que motiva o paciente a vim. [...] (sic)

Conforme apresenta Garcia (2009, p.7) “a presença do animal em situações ansiolíticas como, por exemplo, sessões psicoterapêuticas iniciais, ajudaria a diminuir a ansiedade por meio da distração fornecida pelo contato com o animal, além de reforçar comportamentos como comparecer a sessão e permanecer nela.”

Esse engajamento do paciente com o processo, desperta um outro aspecto motivador que é o desejo de mudar a realidade, como relata A3: “o animal desperta o desejo pela vida.” (sic). A partir do momento que o sujeito vai se permitindo vivenciar novas possibilidades, de se relacionar com animal, de montar no animal e de se perceber a partir do animal, desperta este desejo de mudança. O animal possui este papel facilitador no processo de motivação do sujeito.

Já a subcategoria facilita o *Vínculo sujeito e profissional*, se refere a facilitação da aproximação do psicólogo com o sujeito foco da intervenção promovida pela presença do animal. Isso ocorre, devido as características do animal que já foram mencionadas anteriormente, principalmente a questão simbólica. O profissional, especialmente nas primeiras intervenções, é uma pessoa desconhecida; o animal não, o animal já é conhecido do cotidiano do sujeito, é uma presença familiar. E essa familiaridade facilita a aproximação do profissional com esse sujeito, facilita o Rapport inicial conforme cita A2:

[...] ele vai facilitar a comunicação, ele vai facilitar o rapport entre o profissional e o paciente humano, e normalmente a gente conta com a presença do animal, desde que o paciente goste do animal. [...] (sic).

Esta subcategoria está intimamente ligada a subcategoria *Vínculo sujeito/animal*, citada por quatro participantes, três do Grupo A (A1, A3 e A4) e um do Grupo B (B1). Segundo eles, por ser o animal uma presença familiar, facilita esta aproximação do sujeito, pois é algo que possibilita o contato e o estabelecimento de afeto. Essa vinculação do animal indiretamente facilita a aproximação do psicólogo a partir do momento que este utiliza da interação sujeito/animal a seu favor.

Outra facilidade percebida pelos participantes, está representada pela subcategoria *Potencializa Resultados*, citada por participantes do Grupo A (A2 e A3). Estes sujeitos percebem que este conjunto de fatores que o animal possibilita, de ser um estímulo vivo,

promover um ambiente diferenciado, promover a vinculação entre profissional e sujeito atendido, entre outros já discutidos, promovem um maior engajamento do sujeito no processo interventivo. Isso acaba potencializando resultados. Essa potencialização podem possibilitar intervenções mais eficazes para o psicólogo.

A partir do Quadro 15 também é possível visualizar que existe uma certa desigualdade nas respostas do Grupo A, com relação ao Grupo B, no que se refere as subcategorias. Sendo que os participantes do Grupo A possuem um maior número de sujeitos respondentes do que os participantes do Grupo B. Isso pode representar que os participantes do Grupo A percebem com mais clareza as facilidades advindas da utilização do animal do que o Grupo B. Essa maior clareza, pode estar associada, ao fato destes profissionais utilizarem efetivamente o animal como recurso de trabalho. O que possibilita a eles, identificarem em suas práticas profissionais as possibilidades e limitações desse recurso.

Outro ponto a ser discutido, é que esta falta de clareza dos participantes do Grupo B provavelmente está relacionada a falta de informação destes, com relação aos aspectos envolvidos nas IAA, por parte da literatura científica. Principalmente, no que se refere as facilidades e dificuldades da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia.

5.3.2 Dificuldades advindas das Intervenções Assistidas por Animais.

Além das facilidades, é importante que os profissionais da Psicologia possam identificar também, as dificuldades advindas da utilização do animal como recurso de trabalho. Para que estes, possam ter maior clareza das possibilidades e limitações deste recurso. A identificação das dificuldades advindas das IAA, pode fornecer subsídios para que a Psicologia enquanto ciência e profissão possa superar esses limites, promovendo ações de organização, sistematização e regulamentação voltadas as práticas em IAA. Contribuindo para que estas, possam ser um recurso útil e favorável para o trabalho do psicólogo.

Com o objetivo de fornecer este subsidio, será apresentado a seguir, os tipos de dificuldades identificados pelos participantes da pesquisa, advindos da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia, representadas no Quadro 16.

Categoria	Subcategoria	Sujeitos	
		Grupo A	Grupo B
Tipos de dificuldades	Falta de conhecimento	A1, A3, A4	-
	Falta de regulamentação	A1, A3 e A4	-
	Espaço Físico	A3 e A4	B1
	Psicólogo não gostar de animal	-	B2, B3 e B4
	Manejo do animal	-	B1, B3 e B4
	Trabalho em equipe	A3 e A4	-
	Financeira	A3	-
	Resistência das instituições	A1	-
	Resistência do sujeito foco da intervenção	-	B1

Quadro 16– Tipos de Dificuldade identificadas pelos participantes do Grupo A e do Grupo B advindos da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia.

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 16 representa os tipos de dificuldades, identificadas pelos participantes do Grupo A e do Grupo B, advindos da utilização do animal como recurso de trabalho em Psicologia. É possível perceber que cinco subcategorias aparecem como as mais citadas, todas com três participantes respondentes, são elas: *Falta de conhecimento* e *Falta de regulamentação*, citadas apenas por participantes do Grupo A (A1, A3 e A4); *Espaço físico*, citada por participantes de ambos os grupos, sendo dois do Grupo A (A3 e A4) e um do Grupo B (B1); *Psicólogo não gostar de animal*, citada apenas por participantes do Grupo B, (B2, B3 e B4); *Manejo do animal*, também citada apenas por participantes do Grupo B (B1, B3 e B4). Em seguida com dois participantes respondentes está a subcategoria *Trabalho em equipe*, citada apenas por participantes do Grupo A (A3 e A4). E as subcategorias *Dificuldades Financeiras*, *Resistência das instituições* e *Resistência do sujeito foco da intervenção*, foram citadas apenas por um sujeito. Sendo que as duas primeiras por participantes do Grupo A (A3 e A1) respectivamente e a última por um participante do Grupo B (B1). É importante destacar que o sujeito A2, apresenta que não identifica dificuldades advindas da utilização do animal como recurso de trabalho, pois em todas as suas IAA, a mesma foi convidada pelas instituições onde as realizou. Um outro fato a ser destacado é que este sujeito só realizava intervenções na modalidade Atividade assistida por Animais.

A subcategoria *Falta de conhecimento* e *Falta de regulamentação* estão intimamente relacionadas. Estes, talvez sejam, os principais dificultadores das IAA, pois dificultam a ampliação da percepção dos profissionais da Psicologia em identificar no animal um recurso útil e eficaz para o seu trabalho. Essas subcategorias são identificadas pelos

sujeitos do Grupo A como sendo dificultadora de sua prática profissional. Esses sujeitos identificam que tanto a falta de conhecimento da população em geral, quanto dos profissionais que realizam as IAA, dificultam o reconhecimento das práticas profissionais que utilizam animais. Como apresenta A3:

[...] Quando a gente fala da questão do cães especialmente, a comprovação, néh! melhorar. Dos cavalos também, mas você melhorar a questão da comprovação dos resultados, e você ter a profissionalização da utilização do animal na terapia. Porque eu acho que é uma coisa que a gente não tem, a gente tá trabalhando muito na lógica do voluntariado, ai! Eu vou tentar fazer aqui uma coisa. A gente não tem ainda esse reconhecimento, e eu acho que essa é uma dificuldade.[...] (sic)

Essa *Falta de conhecimento* é gerada pela pouca produção científica na área da Psicologia, relacionada à IAA. Geralmente os profissionais que utilizam este tipo de prática no Brasil, seguem como base modelos norte americanos, bem como apresenta as instruções do livro de Dotti (2005), no que se refere à implantação de um programa de TAA, que segundo o autor seguem parâmetros da Delta Society. Esses profissionais acabam por adaptar estes modelos à realidade de nosso país. Porém, essa adaptação são feitas conforme o sujeito A3 na base da tentativa e erro, ou seja, primeiro o profissional realiza a intervenção e depois avalia o que foi positivo, e o que foi negativo e vai aprimorando conforme vai praticando. Não havendo neste sentido, uma distinção clara sobre como cada processo de intervenção assistida por animais deve ser conduzida. Em sua pesquisa, Garcia (2009) identifica a necessidade de capacitação dos psicólogos que utilizam, ou pretendem utilizar, intervenções assistidas por animais, pois não existem parâmetros definidos no que se refere à atuação em intervenções assistidas por animais, com exceção das práticas em Equoterapia.

As práticas interventivas com utilização de cavalos, constituem uma realidade diferenciada das demais IAA. Elas possuem a supervisão da ANDE-BRASIL, uma entidade civil sem fins lucrativos de caráter filantrópico, que normatiza, supervisiona, controla e coordena as práticas de Equoterapia das entidades vinculadas (ANDE-BRASIL, 2012). Portanto, além de fornecer subsídios no sentido de organizar estas práticas, essa entidade oferece capacitação aos profissionais que possuem o interesse em atuar com Equoterapia.

Existem também cursos oferecidos por entidades que atuam em IAA, para a formação de pessoas (voluntários), estudantes e profissionais que desejam atuar com IAA (INATAA, 2012). Esses cursos contribuem para a capacitação do profissional que deseja atuar com IAA, mas é preciso ir além, para que os profissionais demais IAA sejam

efetivamente instrumentalizado, a exemplo da Equoterapia é necessário uma organização dessas práticas.

O processo de capacitação dos profissionais só será possível a partir do momento que houver uma regulamentação das práticas interventivas assistidas por animais no Brasil, a exemplo do que ocorreu com a Equoterapia. E isso só será possível quando houver subsídios científicos suficientes para embasar esta regulamentação. Portanto, a produção de conhecimento científico é muito importante nesta área, e os profissionais da Psicologia constituem uma pequena parcela na produção científica brasileira. Essa afirmação está pautada no levantamento de literatura realizado para a construção deste trabalho. Isso também reflete na pouca utilização das práticas interventivas com uso de animais. Um outro, fato que evidencia essa falta de conhecimento são os dados contidos nos Quadros 15 e 16, onde a maior parte dos profissionais do Grupo B, demonstram dificuldades em identificar as facilidades e dificuldades das IAA.

A produção de conhecimento acerca das IAA além, de promover uma ampliação da percepção dos profissionais da Psicologia, com relação aos aspectos envolvidos nesse processo, facilitariam a regulamentação destas práticas; e ainda resolveria algumas das dificuldades citadas nas demais subcategorias apresentadas pelos sujeitos de pesquisa. Como é o caso das subcategorias *Resistência das Instituições* onde ocorrem as intervenções, *Resistência do sujeito foco das intervenções*, e ainda as *Dificuldades Financeiras*. De acordo com os participantes do Grupo A, há uma resistência por parte das instituições, pois existe uma concepção de que o animal pode trazer contaminação, que o animal é sujo e uma série de pré-conceitos. Que poderiam ser quebrados a partir do momento que a produção de conhecimento esclareça estes aspectos, de que o animal tem todo um acompanhamento veterinário e uma série de cuidados de higiene. Assim como minimizaria a ocorrência de resistência dos sujeitos foco das intervenções, uma vez que esses, teriam clareza de como ocorre o processo. Nesse caso, há de se considerar as pessoas que não gostam, ou não tem afeição por animais, mas o esclarecimento das práticas, da função do animal, de como ocorre o processo, poderia minimizar a ocorrência de resistência por parte destes sujeitos. Muito embora, os participantes do Grupo A, apresentaram que adesão, por parte das pessoas atendidas, as práticas interventivas com uso de animal é muito boa. E por fim, a produção de conhecimento e regulamentação das práticas poderiam gerar incentivos do governo para a implementação de IAA, em instituições públicas, atendendo assim a uma diversidade de demandas, e diminuindo os custos do profissional que realiza estas intervenções.

As demais subcategorias, representam dificuldades de ordem operacional, como: *Manejo do Animal*, *Espaço físico*, *Trabalho em equipe* e o *Psicólogo não gostar de Animais*. Essas dificuldades, não são exclusivas apenas da utilização do animal como recurso de trabalho, pois qualquer recurso que o profissional da Psicologia for utilizar, ele vai encontrar dificuldades de ordem operacional. Cada recurso possui suas possibilidades e limitações. A questão do *Manejo do animal*, como qualquer outra técnica, o profissional vai ter que estudar, aprender como utilizá-la, com uma única diferença, o animal é um ser vivo. Com relação ao *Espaço Físico*, existem algumas dificuldades no caso de alguns animais, como os de grande porte, mas, assim como qualquer outro recurso, ele vai ter que adequar a sua realidade. Como em uma dinâmica de grupo, por exemplo, onde muitas vezes o profissional tem um número muito grande de pessoas e um espaço reduzido, ele vai ter que adaptar aquela realidade, assim como no trabalho com o animal. O *Trabalho em equipe*, também não é exclusivo da utilização do animal, portanto é uma dificuldade do profissional e não do recurso propriamente dito. Muitos profissionais possuem dificuldade em trabalhar em equipe, em montar um plano de ação coletivo, mais isso é superável. Já o *Psicólogo não gostar de Animais*, assim como qualquer outro recurso de trabalho, o profissional tem opção de escolha, geralmente quem escolhe trabalhar com o animal, é porque tem afinidade com o mesmo.

Para que os profissionais da Psicologia possam identificar o animal como um recurso útil, seguro e eficaz, é necessário que as IAA sejam organizadas e estruturadas a partir de um planejamento. Uma vez, que estas se configuram como uma prática cientificamente nova, com pouco mais de cinquenta anos, pouco explorada e com grandes lacunas a serem preenchidas. Principalmente no que se refere a: como realizar IAA? Porque realizar? Com quem? Quais os efeitos desta intervenção? A identificação destes fatores colaboram para a ampliação da compreensão das variáveis envolvidas no processo de IAA, auxiliando na estruturação e sistematização destas práticas.

De acordo com Garcia (2009), não existe uma orientação específica sobre como deve ser conduzida a prática da utilização de animais como recurso de trabalho do psicólogo. O que há disponível na literatura existente, segundo o autor, são instruções que na maioria das vezes são direcionadas a programas de visitação utilizando animais, a exemplo das existentes no livro de Dotti (2005). Este livro segue padrões de normas americanas, principalmente da organização internacional Delta Society. Nele constam procedimentos para a implantação e realização de programas de IAA, nas modalidades de AAA e TAA. Esses procedimentos versam sobre a estrutura da organização responsável pelas intervenções; critérios para o trabalho, tais como profissionais envolvidos, animais, demandas, dentre outros aspectos

envolvidos nas IAA. Embora estes procedimentos possam contribuir para a orientação de profissionais que atuam ou desejam atuar com IAA, eles possuem uma base pautada no voluntariado ou em organizações do tipo não governamentais (ONGS). Porém, o animal pode ser um recurso a ser utilizado como qualquer outro instrumento de trabalho do psicólogo, e como qualquer outro instrumento, requer estudos, organização e sistematização, principalmente com relação à regulamentação do animal. O que atualmente não existe, com exceção da Equoterapia, devido à falta de estudos, e de estruturação das IAA.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capítulo de análise dos dados abordou aspectos relacionados à IAA, afim de discutir como os profissionais da Psicologia, tanto os que fazem uso (Grupo A), quanto os que não utilizam (Grupo B) o animal como recurso de trabalho, percebem questões práticas e estratégicas deste tipo de intervenção. Deste modo, discutiu-se ao longo da análise: Prática profissional (tipo de atividade desenvolvida pelos psicólogos de ambos os grupos, tipo de recurso utilizado por ambos os grupos em sua intervenção profissional e motivos atribuídos por estes psicólogos para a utilização ou não do animal como recurso de trabalho); Intervenções Assistidas por Animais (tipo de animal que os participantes percebem que pode ser utilizado, função atribuída pelos participantes ao animal utilizado em IAA, tipos de locais considerados pelos participantes como possíveis de serem realizadas as IAA, tipo de público que pode ser atendido pelas IAA, tipos de objetivos propostos e tipo de benefícios alcançados a partir das IAA, assim como planejamento e avaliação dos resultados das IAA); e Limites e possibilidades em IAA (facilidades e dificuldades percebidas pelos participantes advindas da utilização do animal como recurso de trabalho). Tais questões permitem responder o objetivo geral desta pesquisa, que consiste em Comparar a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia.

No que se refere à prática profissional dos participantes de pesquisa, vale destacar novamente que a área de atuação foi critério de seleção dos participantes. Os sujeitos de ambos os grupos desenvolvem atividades profissionais nas mesmas áreas de atuação. Havendo uma predominância das áreas tradicionais da Psicologia, pois todos os oito participantes desenvolvem atividades relacionadas à área *Clínica* e metade destes, na área da docência. Metade destes participantes de ambos os grupos, atuam em mais de uma área concomitantemente, o que demonstra uma transição em diferentes áreas dentro da Psicologia. Neste aspecto o que diferencia, mas nem tanto, os participantes tanto entre os grupos, quanto entre os sujeitos do próprio grupo, são os tipos de atividades desenvolvidas e os recursos utilizados. Com relação as atividades desenvolvidas os participantes do Grupo A em sua maioria desenvolvem IAA, principalmente no contexto *clínico*; e *ministram aulas* em Psicologia, sendo que um destes participantes ministra disciplina relacionada a IAA. Já o Grupo B em sua maioria realiza *atendimentos clínicos* e *psicoterapia* e também ministram

aulas. A maior diferença pode-se dizer que está nos recursos utilizados pelos participantes. Sendo que o Grupo A em sua maioria utiliza o animal como recurso de trabalho e por vezes associados a estes recursos, outros instrumentos (alguns relacionados a sua abordagem teórica, outros ao próprio animal e até mesmo por gosto pessoal). Enquanto que os participantes do Grupo B, utilizam recursos principalmente relacionados à sua abordagem teórica e também instrumentos mais gerais de uso comum dos psicólogos como jogos/brinquedos e entrevista. Esses elementos levam a problematização de que a área e a atividade desenvolvida por ambos os grupos são muito semelhantes, e o recurso utilizado pelo Grupo B. Embora seja diferente do Grupo A (o animal), possuem funções ou possibilidades de utilização semelhantes a este. Como é o caso da função projetiva, por exemplo, existente tanto nos jogos e nos brinquedos, quanto nos animais. Cabendo questionar: porque estes profissionais optaram pelo uso ou não uso do animal como recurso de trabalho?

Os motivos atribuídos pelos participantes do Grupo A para a utilização do animal como recurso de trabalho perpassam: pelos *benefícios* proporcionados pelas IAA, pelas *facilidades* advindas da utilização do animal como recurso, da *função* do animal no processo interventivo e principalmente por *gostar de animais*. Portanto, os motivos atribuídos pelos participantes do Grupo A estão relacionados a percepção dos aspectos envolvidos nas IAA como sendo favoráveis a sua prática profissional. Enquanto que os psicólogos do Grupo B, atribuem o motivo da não escolha por utilizar o animal como recurso de trabalho à falta de *informação*. Estes participantes citam aspectos como: *o recurso que utiliza já é suficiente*, *não há possibilidades dentro da atividade que realizam e não trabalhar com crianças*. Todos estes aspectos estão relacionados a uma limitação da percepção das possibilidades de utilização do animal, por falta de informação. Esta falta de conhecimento também vai refletir na limitação da percepção de outros aspectos também abordados nesta pesquisa.

Tratando especificamente das IAA e da percepção dos participantes com relação aos aspectos constituintes deste processo obteve-se os seguintes resultados: com relação aos tipos de animais possíveis de serem utilizados neste tipo de intervenção, os participantes do Grupo A utilizam com unanimidade o *cão*, animal que geralmente é citado na literatura como sendo o mais usado em IAA. Porém, metade destes participantes, citaram *coelho e tartaruga/jabuti* como animais possíveis, tanto que os participantes utilizam, mas estes, não são animais comumente em IAA. Enquanto que os participantes do Grupo B citaram unanimemente o *cavalo*, seguido do *cão*. Além destes, no Grupo A foram citados uma série de outras espécies de animais, o que representa uma percepção ampliada por parte destes profissionais das possibilidades de animais que podem ser utilizados em IAA. Foram

percebidos pelos participantes de ambos os grupos, como funções dos animais no processo interventivo, principalmente uma *Função facilitadora*. Onde o animal atua como um agente facilitador do processo interventivo através de suas características, e das diferentes possibilidades que o ele permite ao profissional desenvolver em termos de recurso e ambiente. Assim como uma *Função afetiva*, onde os animais despertam no sujeito atendido aspectos relacionados a afetividade, tanto para com o cão, quanto para com o profissional, podendo reproduzir em suas relações sociais.

Ainda com relação aos aspectos envolvidos nas IAA, no que se refere aos tipos de locais que os participantes de pesquisa percebem como possíveis de serem realizadas as IAA, pode-se afirmar que não houve divergência em relação aos grupos. Porém houve maior ocorrência de respostas dos participantes do Grupo A nas subcategorias criadas, o que pode representar uma maior percepção das IAA deste grupo. Sendo que, o local mais citado e comum a ambos os grupos foram *Instituições que atendem a pessoas com deficiência*. O Grupo A também citou com maior representatividade *Hospital e Instituições prisionais*, enquanto que o Grupo B citou *Escolas*. Os participantes apresentam a percepção de que as IAA podem ser desenvolvidas em diferentes locais e em diferentes contextos. Estes, vão além do contexto clínico tradicional, contemplando locais que geralmente são “marginalizados”, no sentido de ficar às margens da atuação do psicólogo, como é o caso das instituições prisionais.

Outros aspectos envolvidos nas IAA e relacionado aos possíveis locais de realização destas intervenções é o público e o tipo de demanda. Com relação a esses aspectos a percepção dos participantes de ambos os grupos parecem estar em consenso. Porém, assim como o aspecto anterior, os participantes do Grupo A possuíram maior ocorrência de resposta nas subcategorias criadas. O sujeitos do Grupo A e do Grupo B percebem que Pessoas com *deficiência* poderiam ser uma importante demanda a ser atendida pelas IAA, principalmente por conta dos possíveis benefícios advindos deste tipo de intervenção com esta demanda. Os participantes do Grupo A, também consideram com maior representatividade *que Transtorno Global do desenvolvimento* poderia ser uma demanda atendida pelas IAA, enquanto que o Grupo B, considera que os *Transtornos Psicológicos* seriam possíveis demandas para as IAA. Com relação aos tipo de sujeitos, *Crianças* foram unanimidade nas respostas de ambos os grupos. Contudo, os participantes do Grupo A também citaram com representatividade *Adultos e Idosos*.

A partir da percepção dos possíveis públicos a serem atendidos, é possível identificar também qual a percepção destes participantes com relação aos objetivos que podem ser trabalhados em IAA e também os possíveis benefícios advindos dela. No que se

refere aos tipos de objetivos que podem ser estipulados e atendidos pelas IAA, a percepção de ambos os grupos corroboram no sentido de que *Trabalhar aspectos Psicológicos e Trabalhar aspectos Cognitivos* são possíveis objetivos a serem propostos em IAA. Os participantes do Grupo A, ainda apontam *Trabalhar a socialização* com a mesma representatividade. Nesse sentido pode-se afirmar que há concordância na percepção de ambos os grupos, assim como ocorre nos benefícios citados por ambos os grupos. Os participantes considerem que as IAA, podem proporcionar benefícios *Psicológicos, Sociais, Cognitivos e Físicos*. E os do Grupo A, ainda citam os benefícios *Fisiológicos*. Identifica-se que a percepção dos participantes com relação as IAA, ultrapassam as questões psicológicas, sendo identificados objetivos e benefícios que atendem ao sujeito em sua integralidade. Sendo possível identificar que eles percebem o animal como um recurso completo e útil ao trabalho do psicólogo. É importante destacar que tanto os locais, o público, objetivos e benefícios citados por ambos os grupos, vão ao encontro do que propõe as literaturas consultadas para a elaboração desta pesquisa, como sendo inerentes das IAA.

Assim como qualquer intervenção profissional as IAA, necessitam de um planejamento e de uma avaliação de resultados. Sendo necessário identificar como os participantes de pesquisa percebem estes aspectos. A partir dos dados é possível afirmar que os participantes do Grupo B possuem pouca clareza com relação ao planejamento e avaliação de resultados das IAA, pois houve pouca ocorrência de respostas desses sujeitos nas subcategorias criadas. Embora o Grupo A também não apresente grande representatividade nas categorias apresentadas, estes apresentaram respostas nas diferentes subcategorias, o que pode representar maior clareza por parte de alguns membros deste grupo. Em se tratando de planejamento, foram apresentados pelos participantes de ambos os grupos aspectos relacionados a *período de planejamento, aspectos norteadores e procedimentos de execução*. Sendo que os aspectos norteadores e procedimentos de execução obtiveram maior número de resposta dos sujeitos de pesquisa. No que se refere aos aspectos norteadores, os participantes, principalmente do Grupo A, consideram que o *planejamento* deve ser realizado a partir da *demanda do sujeito atendido*, levando em consideração a *situação ambiente* e os *objetivos propostos*. Com relação aos *procedimentos de execução*, ambos os grupos consideram que é importante o profissional *buscar conhecimento*, tanto das IAA, quanto da demanda e do sujeito que está sendo atendido. Além disso, os participantes do Grupo A, consideram que é necessário construir um *manual de metas e realizar avaliação em conjunto com a equipe multidisciplinar*.

Já a avaliação de resultados, é possível afirmar que os participantes consideram importante de ser realizada, porém há uma limitação da percepção dos participantes do Grupo B, de como ela deve ser realizada. De acordo com o Grupo A, em relação ao tipo de recurso avaliativo, consideram que pode ser realizada através da *análise prontuários dos sujeitos atendidos, testes e escalas psicológicas e discussão entre a equipe multidisciplinar*. Já os participantes do Grupo B, consideram que podem ser realizadas a partir da *observação* da evolução do sujeito no processo interventivo. Dois participantes de ambos os grupos ainda concordam que podem ser realizadas através de *grupo controle*. Com relação aos critérios *de avaliação e periodicidade das avaliações*, apenas os sujeitos do Grupo A responderam, que as avaliações devem ser realizadas a partir dos *objetivos propostos*, e com *ocorrência semestral*. No que se refere ao *tipo de avaliação* ambos os grupos, em sua maioria consideram que podem ser realizadas avaliações de natureza *qualitativas*, enquanto que três sujeitos consideram que pode ser realizada avaliações *quantitativa*. Os estudos qualitativos são de grande importância, assim como os quantitativos. Eles podem contribuir para a comprovação dos efeitos positivos das IAA, possibilitando um maior reconhecimento dessas práticas, favorecendo a regulamentação das IAA no meio científico e profissional do psicólogo. Também é possível afirmar que a falta de clareza da percepção dos participantes do Grupo B, pode advir da falta de informação e conhecimento científico dos mesmos. Uma vez, que a maior de suas percepções são pautadas, principalmente, no relato de pessoas conhecidas que realizam IAA e relatos em meio acadêmico, que não versavam especificamente de IAA. E também da adaptação do seu modo de fazer, as práticas interventivas assistidas por animais.

Em se tratando de limites e possibilidades percebidas pelos participantes de pesquisa, encontra-se a percepção dos mesmos com relação as *facilidades e dificuldades* da utilização do animal como recurso de trabalho. É possível afirmar que os participantes do Grupo B possuem uma percepção limitada com relação as facilidades e dificuldades, mas principalmente com relação às facilidades, onde dois participantes não opinaram. Com relação as facilidades, ambos os grupos (apesar do Grupo B possuir menor representatividade nas respostas) consideram que o animal possui facilidades *instrumentais e processuais*. Estas facilidades advém das *características do animal*, possibilitando um *ambiente diferenciado para as intervenções*. *Motivando o sujeito atendido* a se engajar no processo, promove a *vinculação sujeito/animal* e conseqüentemente *sujeito/profissional*. Os participantes do Grupo A ainda consideram que o animal potencializa os resultados das intervenções.

Assim como qualquer outro recurso, a utilização do animal também possui suas dificuldades, percebidas pelos participantes do Grupo A, principalmente relacionada a *falta de*

conhecimento produzido. A *falta da regulamentação* das práticas interventivas assistidas por animais. Estes sujeitos concordam com os do Grupo B, com relação a dificuldade advinda do *espaço físico*, necessário para a realização destas intervenções. E os participantes do Grupo B, ainda apontam a dificuldade do *psicólogo não gostar de animais e o manejo do animal*. Dificuldades estas que podem ser inerentes a qualquer outro recurso. Pode-se afirmar que, de acordo com que aponta as literaturas consultadas, a falta de conhecimento produzido e de regulamentação são as principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais tanto da Psicologia, quanto das demais áreas que atuam em IAA. A falta de conhecimento promove uma limitação da percepção dos profissionais quanto as possibilidades, assim como os limites das IAA, como foi possível perceber na presente pesquisa.

Os participantes de ambos os grupos, de maneira geral possuem opiniões favoráveis a utilização do animal como recurso de trabalho. Tanto os sujeitos do Grupo A, quanto os do Grupo B, identificam o animal com um recurso útil, principalmente segundo o Grupo A. Consideram que a potencialidade do animal, facilita a aceitação do sujeito ao processo interventivo, e ainda pode ser utilizado como um recurso a mais na prática profissional do psicólogo. Já os sujeitos do Grupo B, em sua maioria, consideram o animal um bom instrumento e útil para o trabalho do psicólogo devido aos benefícios advindos das IAA. Os participantes do Grupo A acrescentam, que apesar de ser um bom recurso, existem muitas dificuldades a serem superadas, principalmente em relação a sistematização, regulamentação e produção de conhecimento. Havendo a necessidade de certificação dos animais utilizados nas IAA, e um maior rigor na seleção e no treinamento desses animais. A falta de organização destes aspectos, contribui para a realização de possíveis práticas inadequadas e a limitação das possibilidades de utilização do animal como recurso de trabalho. Alguns sujeitos do Grupo A apontam que deve ocorrer a superação do modelo de voluntariado, que por vezes acaba dificultando a constituição de uma prática profissional consolidada. O que contribui também para a limitação da visualização de outros profissionais da Psicologia com relação a estas práticas.

Na realização da presente pesquisa também foram encontradas algumas dificuldades, principalmente com relação ao contato com os participantes do Grupo A. A Região da Grande Florianópolis cidade onde ocorreu a pesquisa, assim como no Estado de Santa Catarina, existem poucos profissionais que realizam IAA. Os que existem, não foi possível o contato pessoal, apenas através de terceiros e não houve um retorno dos mesmos. Apenas um profissional foi possível o contato e optou-se pela aplicação do teste piloto para validação do instrumento de coleta de dados, o que inviabilizou a utilização de seus dados na

pesquisa. Sendo assim, foram contactados participantes de outros Estados do Brasil, principalmente da região de São Paulo onde há maior concentração de profissionais realizando IAA e produção de pesquisas. A maioria dos contatos foram realizados por email, o que gera uma dificuldade no tempo de resposta dos participantes. Além disso, embora o retorno das mensagens tenham sido positivas, o método utilizado para a aplicação do instrumento não favoreceu a continuidade do processo. Por ser uma entrevista via Skype, a maior parte dos sujeitos contactados, após informados de como ocorreria a entrevista, acabavam não respondendo mais as mensagens da pesquisadora. Sendo realizada apenas duas entrevistas por meio deste recurso. Diante dessa dificuldade houve a necessidade de buscar o contato via telefone, o que também não resolveu, pois alguns sujeitos não aceitaram participar da pesquisa, não podiam atender no momento, não encontravam-se no local de trabalho ou ainda o telefone não existia mais. Sendo possível apenas o agendamento com um participante para a realização da entrevista presencial no evento do SINTAA. No evento surgiu outra dificuldade, poucos profissionais da Psicologia estavam presentes no congresso. Os que estavam presentes já haviam sido entrevistados, e os demais possuíam participação nos trabalhos apresentados ou expostos no evento, mas não estavam presentes no evento. O que possibilitou a pesquisadora realizar apenas uma entrevista durante o evento. Em decorrência destas dificuldades e do tempo disponível para a realização da pesquisa, não foi possível atingir o número de participantes proposto no projeto de pesquisa (5 sujeitos de ambos os grupos). O que também não seria o ideal, mas o possível dentro do que este estudo se propôs. Evidenciando a necessidade da realização de estudos com uma amostra maior de sujeitos, para que os dados obtidos obtenham maior representatividade.

Com relação aos sujeitos de pesquisa, há de se considerar o fato de que os sujeitos do Grupo A, são de regiões diferentes do Grupo B. Sendo que este segundo grupo, os psicólogos residem na Grande Florianópolis, região onde as IAA são pouco utilizadas, o que pode acarretar em uma limitação da percepção destes participantes com relação aos aspectos constituintes deste processo. Não foi possível, devido as dificuldades de deslocamento e do tempo para a realização da pesquisa, a equiparação entre as regiões do Grupo A e do Grupo B. Portanto, é importante destacar que os dados obtidos podem sofrer influência desta diferença regional da utilização das IAA. Sendo que, a limitação da percepção dos participantes do Grupo B em relação a alguns aspectos investigados pode advir dela. Esta limitação abre possibilidades para a realização de estudos com critérios de regionalidade, para a obtenção de dados mais fidedignos à realidade de cada psicólogo.

As informações coletadas possibilitaram identificar algumas questões que podem ser aprofundadas mediante novos estudos. Uma dessas questões está relacionada ao planejamento das IAA. Foi possível constatar através da literatura consultada, que as obras existentes no Brasil referentes a IAA, apresentam instruções relacionadas aos procedimentos envolvidos neste tipo de intervenções, porém elas são insuficientes para orientar o psicólogo em suas IAA. O que ocorre, é que cada profissional utiliza o animal de um modo. Havendo a necessidade da realização de estudos mais aprofundados com relação ao planejamento e as ações desenvolvidas por psicólogos nas IAA, contribuindo para uma maior compreensão e uma sistematização do modo de fazer destes profissionais nos diferentes contextos de atuação.

Assim como o planejamento, percebeu-se a necessidade de um maior aprofundamento nas questões relacionadas à avaliação dos resultados obtidos, por parte dos psicólogos que fazem uso do animal como recurso de trabalho. A avaliação criteriosa de resultados possibilita dados e conhecimento confiáveis a serem comunicados à comunidade científica, uma vez que há uma carência de estudos em Psicologia relacionados as IAA.

Um outro aspecto importante de ser investigado, e que não foi abordado neste estudo é a questão da equipe multidisciplinar, uma vez que esta, é muito comum em IAA. O trabalho multidisciplinar é significativo em qualquer contexto e exige o comprometimento e cooperação dos membros da equipe para que os resultados sejam alcançados, mas diante de um recurso vivo comum a todos esses profissionais é importante questionar: Como é realizar um trabalho em equipe a partir da utilização do animal como recurso? Quais as percepções dos profissionais envolvidos nesse processo? Questionamento estes, que ficam como sugestões de novos estudos.

Ainda como sugestão, é interessante verificar a percepção das famílias de pessoas que participam como sujeitos foco das IAA. Como o recurso animal é percebido por essas famílias? Quais fatores influenciaram na escolha desse tipo de intervenção por parte da família? Estudos desse tipo são relevantes, haja vista que a família é parte integrante de um processo de interventivo psicológico.

Diante da pouca produção científica em Psicologia relacionada a IAA, é possível afirmar que a presente pesquisa contribui para a ampliação do campo de estudo sobre a utilização de animais como recurso de trabalho. No que se refere às contribuições dessa pesquisa para a Psicologia enquanto profissão, pode-se dizer que através da mesma foi possível caracterizar a percepção de psicólogos acerca da utilização de animais como recurso de trabalho, identificando como estes profissionais percebem os fatores envolvidos nas IAA. Qual a importância atribuída a este recurso, quais possibilidades de utilização, facilidades,

dificuldades, limites e potencialidades. Permitindo a ampliação da percepção dos profissionais da Psicologia com relação as possibilidades de atuação profissional, a partir do animal.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011. 9 p.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.

AFONSO, Tatiana; et al..Mercado Pet em Ascensão: hotelaria para cães e gatos em São Paulo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [São Paulo], v. 2, n. 4, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univciencia.org/turismo/index.php/rbtur/article/view/120/133>>. Acesso em: 15 out. 2011.

AIELLO, K.R; et al. A influência da terapia ocupacional assistida por cães na afetividade e interação social de idosos institucionalizados. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE EDUCAÇÃO TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS, I., 2007. São Paulo. **Anais...** São Paulo: [OBIHACC], 2007. p. 1-123.

ALTHAUSEN, S. **Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção**. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/.../tde.../ALTHAUSEN.pdf>. Acesso em: 15 out. 2011.

ANDE-BRASIL. **Quem somos**. 2012. Disponível em: <<http://www.equoterapia.org.br/site/ande-brasil.php>> . Acesso em: 05 nov. 2012.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL. **Lei nº 11.794, de 8 de outubro de 2008**. Dispõe sobre a utilização de animais em procedimentos de ensino e pesquisa e da criação Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal - CONCEA, vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111794.htm. Acesso em: 10 abr. 2012.

BRASIL. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=040203> Acesso em: 05 nov. 2012.

CAMPOS, C.S. et al. **Equoterapia- O Enfoque Psicoterapeutico com Crianças com Down.2007**. Disponível em: http://www.elosequoterapia.com.br/site/wp-content/uploads/2012/01/equoterapia_o_enfoque_psicoterapeutico_com_criancas_down.pdf Acesso em: 02 mar. 2012

OBIHACC. Congresso brasileiro de atividade educação terapia assistida por animais, I., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: [OBIHACC], 2007.

CINESIOTERAPIA. **A arte de curar**. 2012. Disponível em: <http://www.cinesioterapia.com/>. Acesso em: 5 nov. 2012.

CHAGAS, J. N. M. et al. Terapia Ocupacional e a Utilização da Terapia Assistida por Animais - TAA em Crianças e Adolescentes Institucionalizados. **Revista Crefito**, Ceara v.6, 2009 .Disponível em:

<<http://www.crefito6.org.br/novo/images/stories/pdf/Terapia%20Ocupacional%20e%20a%20Utiliza%E7%E3o%20da%20Terapia%20Assistida%20por%20Animais.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

DELTA SOCIETY. **Animal-Assisted Activities (AAA): The formal definition of Animal Assisted Activities is**. Disponível em: <<http://www.deltasociety.org/page.aspx?pid=319>>. Acesso em: 03 maio 2012.

_____. **Animal-Assisted Therapy (AAT): The formal definition of Animal Assisted Therapy is**. Disponível em: <<http://www.deltasociety.org/page.aspx?pid=374>>. Acesso em: 03 maio 2012.

DOTTI, J. Terapia & Animais. São Paulo: PC Editorial, 2005.

FARACO, C. B. **Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais**. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Não publicada

FARACO, C. et al. Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre - TAA Parte III. **Revista Saúde Coletiva**, v. 34, n. 6, p. 231-236, 2009. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/842/Resumenes/84212106001_Resumo_5.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2012.

FETTER, M. **Jornal você e seu pet**. 2012. Disponível em: <http://jornalvoceeseupet.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html> Acesso em 16 nov, 2012

FUCHS, H. **O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação**. 1987. 185 f. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo: São Paulo, 1988.

GARCIA, M. P. **Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no sub campo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães**. 2009. 373 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: <[http://www.isac.psc.br/wp-content/uploads/dissertacoes/Garcia_\(2009\)_Classes_de_comportamentos_constituientes_de_interven%E7oes_de_psicologos_no_subcampo_de_atua%E7ao_profissional_de_psicoterapia_com_apoio_de_caes.pdf](http://www.isac.psc.br/wp-content/uploads/dissertacoes/Garcia_(2009)_Classes_de_comportamentos_constituientes_de_interven%E7oes_de_psicologos_no_subcampo_de_atua%E7ao_profissional_de_psicoterapia_com_apoio_de_caes.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

INATAA. **Cursos**. 2012. Disponível em: <http://www.inataa.org.br/cursos.htm>. Acesso em: 05 nov. 2012.

KOBAYASHI, C. T. et al . Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília (DF), v. 62, n. 4, 2009. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672009000400024&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2011.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MACHADO, J. A. C. et al. Terapia Assistida por Animais - TAA. Revista **científica eletrônica de medicina veterinária**, São Paulo, n.10, 2008. Disponível em: <http://www.revista.inf.br/veterinaria10/revisao/edic-vi-n10-RL86.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2012.

MALVEZZI, J. A. S. A profissionalização dos Psicólogos: uma história de promoção humana. In: BASTOS, A. V. B; GONDIM, S. M. **O trabalho do Psicólogo no Brasil**. Porto alegre: Artmed, 2010. cap. 1, p. 18-31.

MALVEZZI, J. A. S.; ZANELLI, J. C. Inserção no mercado de trabalho: os psicólogos recém-formados. In: BASTOS, A. V. B; GONDIM, S. M. **O trabalho do Psicólogo no Brasil**. Porto alegre: Artmed, 2010. cap. 5, p. 85-106.

MARCELINO, J. F. Q; MELO, Z. M. Equoterapia: suas repercussões nas relações familiares da criança com atraso de desenvolvimento por prematuridade. **Estudos de Psicologia. Campinas**, v. 23, n. 3, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2011.

MOTTI, G. S. **A prática da Equoterapia como tratamento para pessoas com ansiedade**. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2007. Disponível em: <http://www.tede.ucdb.br/tde_arquivos/3/TDE-2008-06-27T153131Z-81/Publico/GLAUCE%20SANDIM%20MOTTI.pdf>. Acesso em: 15 out. 2011.

NAKAMURA, E; et al. Relato de experiência em estimulação de leitura e escrita com crianças por meio da TAA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE EDUCAÇÃO TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS, I., 2007. São Paulo. **Anais...** São Paulo: [OBIHACC], 2007. p. 1-123.

PAGLIANI, C. N. Z. et al. Projeto companhia cão em ação: programa de atuação junto a portadores de necessidades educacionais especiais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE EDUCAÇÃO TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS, I., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: [OBIHACC], 2007. p. 1-123.

PEREIRA, Mara J. F. et al.. Os benéficos da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. **Revista de Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 4, n. 14, abr./maio 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/842/84201407.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.

PEREIRA, Marisa M. S; LIMA, A. M. A intervenção pedagógica mediada por cães no processo de dificuldade de aprendizagem no ensino fundamental de 1ª a 4ª série. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE EDUCAÇÃO TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS, I., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: [OBIHACC], 2007. p. 1-123.

PEREIRA, Mario C. S; PEDROSO, A. M. M. Terapia Assistida por Cães em pacientes com doença de Alzheimer. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE PSICOGERONTOLOGIA, III., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.geracoes.org.br/arquivos_dados/foto_alta/arquivo_1_id-166.pdf > Acesso em: 02 mar. de 2012.

PETBR. **Histórico do Mercado**. Disponível em:<<http://www.petbr.com.br/cons13.asp>>. Acesso em: 02 mar. de 2012

RAMALHO, C. M. R.. Sandplay psicodramático - um jogo na interface do psicodrama com a psicologia analítica. **Rev. bras. psicodrama** [online]. 2010, vol.18, n.2, pp. 107-117. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-53932010000200007&script=sci_arttext. Acesso em: 05 nov. de 2012.

RODRIGUES, V. M. R. Estado da Arte da pesquisa sobre a segurança, eficácia e efetividade das Atividades e Terapia assistidas por Animais (AAA/TAA) na melhora das diversas funções do ser humano. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE EDUCAÇÃO E TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS, I., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: [*Instituto de Psicologia da USP*], 2012.

SILVA, A.L.G. **Classes de comportamentos profissionais de psicólogos ao intervir diretamente sobre fenômenos psicológicos**. 2010. 261 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~ppgp/Ana%20Luiza%20Goncalves%20da%20Silva.pdf> > Acesso: 02 mar. 2012

APÊNDICE

APENDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA - GRUPO A

Dados de identificação/ caracterização:

Idade:

Estado que reside:

Há quanto tempo é graduado?

Formação/Especialização:

Há quanto tempo trabalha com TAA?

Área de atuação:

Aspectos relacionados à atuação profissional:

1. Quais recursos e/ou instrumentos você utiliza em sua intervenção profissional?
2. Que tipo de animal(is) você utiliza em sua intervenção profissional?
3. Por qual motivo você utiliza o animal como recurso de trabalho?
4. Qual sua opinião com relação à utilização de animais como recurso de trabalho em psicologia?
5. Quais locais você realiza intervenções profissionais assistida por animais? Além deste(s) locais em quais outros poderiam ser realizadas intervenções deste tipo?
6. Qual seria o contexto de utilização do animal em psicologia?
7. Quais as facilidades da utilização do animal como recurso de trabalho?
8. Quais dificuldades da utilização do animal como recurso de trabalho?
9. Na sua opinião, qual seria a função do animal como recurso de trabalho em psicologia?
10. Qual o objetivo da utilização do animal como recurso de trabalho em psicologia?
11. Quais benefícios você avalia que poderiam advir da utilização do animal como recurso de trabalho em psicologia?
12. Qual público é foco de sua intervenção assistida por animais? E quais outros poderiam ser beneficiados por este tipo de intervenção?
13. De que forma você planeja suas intervenções assistidas por animais?
14. De que forma você avalia os resultados das intervenções assistidas por animais?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA- GRUPO B

Dados de identificação/ caracterização:

Idade:

Estado que reside:

Há quanto tempo é graduado?

Formação/Especialização:

Há quanto tempo trabalha com TAA?

Área de atuação:

Aspectos relacionados à atuação profissional:

1. Quais recursos e/ou instrumentos você utiliza em sua intervenção profissional?
2. Que tipo de animal(is) você considera que poderia ser utilizado em intervenções do psicólogo?
3. Por qual motivo você não utiliza o animal como recurso de trabalho em psicologia? E o que levaria a utilizar?
4. Qual sua opinião com relação à utilização de animais como recurso de trabalho em psicologia?
5. Qual(is) local(is) você considera que poderia(m) ser utilizada(s) intervenções assistidas por animais?
6. Quais seriam os contextos possíveis de utilização das intervenções assistidas por animais?
7. Quais as facilidades você considera que poderia advir da utilização do animal como recurso de trabalho em psicologia?
8. Quais dificuldades você considera que poderia advir da utilização do animal como recurso de trabalho em psicologia?
9. Na sua opinião, qual seria a função do animal como recurso de trabalho em psicologia?
10. Na sua opinião, qual seria o objetivo da utilização do animal como recurso de trabalho em psicologia?
11. Quais benefícios você avalia que poderiam advir da utilização do animal como recurso de trabalho em psicologia?
12. Qual público você considera que poderia ser contemplado com intervenção assistidas por animais?

13. De que forma poderiam ser planejadas as intervenções assistidas por animais em psicologia?
14. De que forma poderiam ser avaliados os resultados das intervenções assistidas por animais em psicologia?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)¹⁵**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que tem como título “‘É o bicho’: a percepção de psicólogos acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia”. A pesquisa tem como objetivo caracterizar a relação entre a percepção de psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais na intervenção profissional acerca do uso de animais como recurso de trabalho em psicologia.

É importante pesquisar a respeito desse assunto para identificar o grau de conhecimento dos psicólogos acerca da utilização de animais como recurso de trabalho. Esta identificação possibilita promover ações de orientação sobre benefícios e limites da utilização de animais como possível recurso de trabalho.

Esta pesquisa será realizada com psicólogos que utilizam e psicólogos que não utilizam animais como recurso de trabalho. As pessoas serão entrevistadas, sendo que as perguntas versam sobre a atuação profissional e a utilização de animais como recurso de trabalho em psicologia. A entrevista poderá ser gravada, estima-se que durará cerca de trinta minutos e será feita num lugar onde você possa sentir-se à vontade para responder as perguntas. O pesquisador fará a transcrição fiel da gravação evitando mudar o que você disser na entrevista para posterior tratamento dessas informações.

Você não é obrigado (a) a responder todas as perguntas e poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento (antes, durante ou depois de já ter aceitado participar dela ou de já ter feito a entrevista), sem ser prejudicado (a) por isso. Como o objetivo da pesquisa é saber a sua percepção acerca da utilização de animais como recurso de trabalho em psicologia, não são previstos desconfortos durante a entrevista. Mas, caso você se sinta desconfortável durante o processo, é importante que diga isso à pesquisadora para que ela possa auxiliá-lo(a).

Você poderá quando quiser pedir informações sobre a pesquisa à pesquisadora. Esse pedido pode ser feito pessoalmente, antes ou durante a entrevista, ou depois dela, por telefone ou email, a partir dos contatos da pesquisadora que constam no final deste documento.

¹⁵ Adaptado do modelo disponibilizado pelo Comitê de Ética da Unisul

Todos os seus dados de identificação serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada em momento algum. Em caso de necessidade, serão adotados códigos de identificação ou nomes fictícios. Dessa forma, os dados que você fornecer serão mantidos em sigilo e, quando utilizados em eventos e artigos científicos, a sua identidade será sempre preservada.

Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá receber nenhum tipo de remuneração, por participar desta pesquisa.

Eu, _____portadora do RG:_____, abaixo assinado, concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Heloiza Maria Figueiredo sobre o tema e o objetivo da pesquisa, assim como a maneira como ela será feita e os benefícios e os possíveis riscos decorrentes de minha participação. Recebi a garantia de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me traga qualquer prejuízo.

Local e Data: _____

Assinatura: _____

Pesquisador Responsável (professor orientador): Juliane Viecili

Telefone para contato: (48) 3279-10-00

Email: juliane.viecili@unisul.br

Outros Pesquisadores (aluna orientanda): Heloiza Maria Figueiredo

Telefone para contato: (48) 9162-41-80

Email: heloiza.figueiredo@gmail.com

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, FOTOS E GRAVAÇÕES.¹⁶



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL

Eu _____ permito que os pesquisadores relacionados abaixo obtenham:

- () fotografia,
- () gravação de voz,
- () filmagem ou gravação em vídeo

de minha pessoa para fins de pesquisa científica, médica e/ou educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Pesquisadora: Heloiza Maria Figueiredo

Telefones: (48) 9162-4180

Data e Local:

¹⁶ Adaptado de: Hospital de Clínicas de Porto Alegre / UFRGS